



Marilusa Moreira Vasconcellos é uma das maiores médiuns da atualidade. Seu trabalho como médium tem emocionado, levado consolo e prazer a milhares de criaturas. Atua também como psicóloga clínica em São Paulo.

Gregorio IX

Esse livro assinala uma das épocas mais importantes e cruciais da História da Humanidade.

Ele mostra a vida de muitos seres envolvidos nas tramas reencarnatórias, especialmente Gregório IX que seria, depois nas Minas Gerais, o inconfidante Joaquim José da Silva Xavier; o Tiradentes.

Todos aqueles que apreciam o conhecimento e as verdades históricas, encontrarão aqui um espetáculo com horas de sombra e horas de luz na diversa variedade de fatores que nos envolvem no caminho da evolução.

Com profunda grandeza espiritual e delicadeza na abordagem de um momento tão tenebroso, o autor nos leva a entender os mecanismos do progresso, desfazendo os cárceres da impiedade e dissipando a ignorância.

Lê-lo é um privilégio que suprirá nossas necessidades de entender o Divino chamado.

Gregorio IX
Espírito de Tomás A. Gonzaga
Marilusa M. Vasconcellos



MARILUSA MOREIRA VASCONCELLOS

Gregorio IX

Ditado pelo espírito de **Tomás Antônio Gonzaga**



GREGORIO IX

MARILUSA MOREIRA VASCONCELLOS TOMÁS ANTONIO GONZAGA

GREGORIO IX

ROMANCE MEDIÚNICO

3ª edição

Editorial Espírita Radhu Ltda

R.Maria Oliano Gerassi -288

fonefax: 11 2274-3818

Moinho Velho. São Paulo- CEP- 04284-065 www.radhu.com.br

radhu@terra.com.br

Dados de Catalogação na Publicação.

Vasconcellos, Moreira Marilusa

Gregório IX- romance mediúnico

Marilusa Moreira Vasconcellos, ditado pelo Espírito de Tomás Antônio Gonzaga

1-Inquisição- romance 2005

2- Psicografia-Gonzaga, Tomás Antônio (1744-1810) II Titulo

TAG-MMV 1744-1942 2005

Índice para catálogo sistemático

1-Escritos psicográficos - Espiritismo

2- Relatos Históricos- Literatura Brasileira

3- Romances mediúnicos- Espiritismo

Os direitos autorais desta edição pertencem a Editorial Espírita Radhu Ltda.

R.Maria Oliano Gerassi -288

Moinho Velho - São Paulo- CEP 04284-065 Fonefax -(11)2274-3818

www.radhu.com.br

E-mail: radhu@terra.com.br.

Capa e produção gráfica Mayra Moreira Vasconcellos

INDICE

1- Palavras do autor.....	13
2- Palavras iniciais.....	15
3- Cap.I - PRIMORDIOS.....	17
4- Cap.II - ORDEM PAPAL.....	33
5- Cap.III - A UM PASSO DA INQUISIÇÃO.....	49
6- Cap.IV - FRANCISCO E OS CÁTAROS.....	61
7- Cap.V - ERA DAS TREVAS.....	75
8- Cap.VI - INÊS E TOBIAS.....	87
9- Cap.VII - MORTE DE INOCENCIO III.....	103
10- Cap.VIII - COM HONORIO III.....	115
11- Cap.IX - GREGORIO IX.....	129
12- Cap.X - SANTA INQUISIÇÃO.....	143
13- Cap.XI - DOMINGOS DE GUSMÃO.....	153
14- Cap.XII - TORTURAS.....	163
15- Cap.XIII - DIALÉTICA DO PODER.....	175
16- Cap.XIV - MERGULHO NO MAL.....	187
17- Cap.XV - SACANDO NO FUTURO.....	197
18- Cap.XVI - TRIBUNAL DO ALÉM.....	209
19- Cap.XVII - O MAL SE EXPANDE.....	221
20- Cap.XVIII - COLHEITA E FEL.....	233
21- Cap.XIX - UMA VIDA SECULAR.....	243
22- Cap.XX - O REI DOS REIS.....	253

Uberaba, 16 de janeiro de 1981.

Filha, Jesus nos abençoe.

Os Mensageiros da Vida Maior que servem à Causa do Bem , através de suas faculdades, estão a postos , fortalecendo-a na sustentação e na continuidade de suas tarefas.

Trabalhemos na Seara do Senhor, confiando-nos à Sua Infinita Bondade hoje e sempre.

Bezerra.

(página recebida em reunião pública do Grupo da Prece, pelo médium Francisco Cândido Xavier , para a médium Marilusa Moreria Vasconcellos)

Uberaba, 16/1/81

Irmã, Jam
a bênção. O Mensageiro
da Vida Maior que
sevem a Parson do
Deus, através das suas
faculdades, estão a
postos, trabalhando - a

na implantação e
na continuidade da

ação - Jesus.

Trabalhamos na
sacra do Senhor.
confiamos nos
suos atributos, Bondade
hoje e sempre.
sempre

Uberaba, 25 de maio de 1984.

Nossa irmã conta com toda uma equipe de amigos espirituais que lhe supervisionam as atividades.

Através da oração, receberá sempre as sugestões e inspirações de que necessita no desenvolvimento de suas tarefas.

Confiemos no amparo de Jesus hoje e sempre.

Bezerra.

(Mensagem recebida em reunião pública do Grupo da Prece, pelo médium Francisco Cândido Xavier para a médium Marilusa Moreira Vasconcellos).

Uberaba 25/5/89

Nossa missão conta com
~~toda~~ uma equipe de
anjos espirituais que lhe
supervisionam as atividades,
Através da oração, receberá
sempre as sugestões e inspi-
rações de que necessita
no desenvolvimento de suas
tarefas. Confiamos no amparo
de Jesus, hoje e sempre.

Bezerra

Palavras do autor

Querido amigo e irmão, muita paz.

Este livro, por certo, não abordará todo o aspecto dantesco do longo período Inquisitorial.

Para tanto, seriam necessários muitos compêndios, dezenas de obras, e, mesmo assim estamos certos, não conseguiríamos reter todas as informações, todos os fatos, com seu caudal de emoções, injunções, sofrimentos, e seus instigantes e intrincados envolvimento pessoais e coletivos.

O que nos move, ao reviver estes acontecimentos milenares, nos quais estaremos aliciando amigos e inimigos, é o volver das páginas nas quais nos imiscuímos, junto com o inolvidável amigo e irmão Tiradentes, para termos uma pálida idéia do plantio nocivo em vidas passadas, quando nos jungimos às causas religiosas, mas sem nos desapegar das questões temporais de poder, de autoritarismo, de fanatismo e de imposição, em que erramos de uma forma desastrosa e terrível, que até hoje nos custa alto preço de dor e de lágrimas.

Isto nos leva a meditações profundas, a nos debruçarmos sobre nossa pequenez e nossa insipiência, ao

tratar dos assuntos de ordem espiritual e nossa preocupação com os companheiros que ainda usam seus recursos para manipular opiniões, para configurar delitos através da palavra escrita e falada, através dos subterfúgios da maledicência, do jogo de interesses, dos acordos e conchavos perniciosos, em busca de supremacia e de projeção.

Hoje podemos observar este jogo mesquinho que sempre se apresentou em todas as épocas da Civilização Humana, com um misto de tristeza e entendimento, mas jamais com condescendência, para com os artífices do ludíbrio mesquinho de interesses.

Conseguimos reconhecer a sordidez, mesmo que ela se mascare de falsas demonstrações de cuidado no trato da matéria crística, e não nos deixamos levar pelo canto de sereia daqueles que ainda pretendem manipular consciências e movimentos, como falsos discípulos de Jesus.

Amado irmão e amigo, possam estas páginas levarte a conhecer um pouco de como as trevas podem se alojar, mesmo nas mentes mais brilhantes e nos corações mais sinceros, quando nos falta o amor, verdadeiro farol de nossos espíritos.

E que, dentro dos princípios doutrinários que nos trazem nova luz sobre os ensinamentos do Cristo, caminhes sem mácula e sem dúvidas, trabalhando e servindo, perdoadando e seguindo as pegadas Daquela que tanto sofreu na vida física e depois dela, no tentame de nos trazer ao seu redil.

Jesus te abençoe e a nós.

Tomás

palavras iniciais

querido amigo e irmão,

Jesus nos abençoe.

Cada vez que mergulhamos em uma época, dentro

de um sistema de aprendizado e conhecimento, muitos são os fatos que nos afligem a sensibilidade, por reconhecermos alguns partícipes das tramas reencarnatórias.

Ao mesmo tempo, começamos a encontrar no Plano Espiritual e fora dele antigos companheiros em situações antagônicas, contra nossos propósitos de aprendizado e de auxílio.

Por isto, ao mesmo tempo em que as obras mediúnicas nos felicitam sobremaneira, também nos trazem conhecimentos que fogem ao trato comum do dia a dia, lançando luzes sobre situações e individualidades imperecíveis.

Com o maior respeito, contudo, prosseguimos, dentro dos propósitos traçados antes do reencarne, por compreender quantos se felicitarão com estes novos conhecimentos, dentro da Doutrina dos Espíritos, que nos propicia elementos de entendimento e paz, através dos milênios.

Muitas vezes nos debruçamos sobre o remoinho das paixões menos enobrecedoras, das atitudes melífluas, das quedas morais de largos vínculos através dos milênios.

Não nos esquivamos de remoer o lodaçal pútrido das atitudes infelizes, ou das ações corrosivas da moral e da ética, cobradas pela consciência.

Isto não nos abate, antes nos faz mais maleáveis no trato com os assuntos coletivos, compreendendo o quanto todos nós muitas vezes sem conta nos deixamos levar pelas paixões arrasadoras do personalismo, fingindo zelo com a evolução humana.

É por isto que consideramos quão oportuno é este livro, para que todos nós, viajores eternos, partícipes de longas marchas, atinjamos a humildade e o desprendimento, a compreensão e a renúncia, no arcabouço da Doutrina dos Espíritos, que surgiu para a mudança interior necessária à transformação do orbe.

Estamos certos que o romance, por ser um fator de profundas mudanças na área da emoção e do conhecimento, uma ferramenta literária de transformações sociais, sempre fortes e abundantes, fará o seu papel transformador, sem ferir-te a sensibilidade.

O autor espiritual, dr. Tomás, tem demonstrado a delicadeza com a qual seu verbo sabe modelar as ações mais vis e os momentos mais dantescos, com o dom artístico da palavra elucidadora e amorosa.

Por isto, te convidamos ao mergulho, no tempo e no espaço, descendo a um dos momentos mais cruciais e dantescos de nossa História, meditando quão pouco temos evoluído de lá até os dias atuais, devido aos crimes que ainda se perpetuam, em nome de religiões, porém apenas demonstrando apego aos bens materiais, e intolerância

Tira proveito destas anotações, beneficia-te destes conhecimentos, medita nestes fatos e saiba que, por mais nos custe leva-los a ti, a felicidade advinda do dever cumprido partilhamos contigo.

Jesus nos abençoe.

Marilusa

capítulo i primórdios

desde a morte de Jesus na cruz, mudanças radicais foram se impondo pouco a pouco, entre aqueles que

presumiam seguir-lhe as pegadas ou defender sua Doutrina de Amor e Fé, Esperança e Caridade.

Seu Evangelho, sua vida e sua obra, suas palavras e seus feitos, copiados manualmente, por quantos haviam participado de sua vivência, até aqueles outros, que chegaram depois, ávidos de esperança, buscando na linguagem oral, ou no trato com seus conterrâneos, nas anotações de histórias a seu respeito, foi se modificando, dentro dos novos conceitos ou das interpretações que se faziam em torno de sua doutrina.

Quando um milênio depois, Urbano II, o papa, com seu obscurantismo instituiu o movimento das Cruzadas, levando multidões a pensar que a invasão da Terra Santa era algo desejado pelo Mestre, não importando as mortes e violências que fossem perpetradas, em nome Daquela que veio para trazer a paz, a união e a concórdia, quando este gesto atraiu os ambiciosos que laboravam no comércio, ou estavam jungidos à posições de mando na herança da nobreza, era de se esperar que apenas as chamadas Guerras Santas fossem arbitradas em favor das trevas. Mas não.

O atraso e radicalismo de muitos induziram a Humanidade ainda mais à violência e ao arbítrio em nome do Cristo, que tudo percebia com imensa tristeza, pouco podendo interferir, no Seu modo pacífico, com o qual sempre se houve, em meio às quedas morais de seus irmãos infelizes e inconseqüentes.

Aos poucos, seus ensinamentos foram se transformando em questiúnculas sofismáticas, nas quais teólogos chafurdavam, no afã de buscar a supremacia de seus conceitos, enodoando as lições evangélicas com o remoer do fundo sombrio das interpretações particulares.

Grupos religiosos, agora fechados em seus monastérios, longe da simplicidade dos primeiros agrupamentos cristãos, formados por amigos e famílias inteiras, agora estavam na hierarquia cerceados apenas ao sexo masculino.

Esquecidos que as mulheres eram seguidoras de Jesus, que O amparavam inclusive financeiramente, durante o périplo dos três anos de apostolado, como irmãs queridas e aconchegadas ao seu amor, elas foram relegadas à posição incômoda de artífices do pecado, da luxúria, e da queda do homem, e apenas os homens podiam se apresentar como seguidores e continuadores da obra apostolar.

Um milênio é quase nada perante a Eternidade e os milhões de anos que o homem surgiu na superfície do planeta, mas já bastavam para enlamear a mensagem da Boa Nova, trazida à Humanidade.

É difícil entender como lições tão claras e simples, apresentadas de maneira tão escorreita e fácil, pudessem causar nas mentes tantas interpretações polêmicas e obscuras.

Mal se podia reconhecer após um milênio o contexto no qual Jesus nascera, vivera e partira, suas palavras, seus feitos, naquele emaranhado de discussões, que seriam estéreis e até infantis, se nelas não estivesse a semente da maior desdita e queda na qual o ser humano se deixou enredar, e na qual ele se fez criminoso dos mais perigosos e horripilantes, dos mais insanos e fanáticos que a História registrou no Livro da Vida.

Mentes brilhantes no Plano Astral, que conheciam as mazelas humanas e como é possível arrastar à loucura os grupos, fascinando-os com a paixão e a cupidez, viam o desregramento imposto pela I Cruzada, fruto de um fanatismo religioso exacerbado, embora tangido pelo amor e paixão e tramavam para usar a hierarquia religiosa, a sandice do poder, para gerar um meio propício, a fim de desencadear as maiores crueldades, tudo em nome de Jesus.

Como é possível que se use a blandícia das mais doces exortações, dos mais nobres exemplos, para se construir os cárceres e as máquinas de torturas físicas e as elucubrações fantasiosas do verbo, para atormentar e destruir aqueles que ousem se opor à doutrina deturpada, ou são colhidos nas malhas dos interesses pessoais ou de grupos, que utilizam tudo a seu benefício e contra aqueles que desejam destruir ?

Por isto, aos poucos os dominicanos foram caindo nas graças do mandatário da Igreja Católica Apostólica Romana, que já estava fazendo um massacre contra os católicos ortodoxos e os que não partilhavam a doutrina romana, totalmente esquecidos que o amor era a mola propulsora do Cristianismo.

Por isto, apesar do papa Inocêncio III ter se dobrado ante a superioridade espiritual de Francisco de Assis, e concedido a constituição da ordem franciscana, a perseguição já instituída destruiu primeiro os cátaros ou albigenses ou patarinos, depois os templários, dando aos dominicanos e a outras facções religiosas a autoridade da Inquisição e foi se assentando entre os mandatários do poder papal e os seus apaniguados, bispos, cardeais, teólogos, entretecendo a malha sinistra das perseguições cruéis e insanas, corrompendo as almas que se diziam representantes de Jesus na Terra, e continuadores de sua obra.

Nesta época, para ampliar a belicosidade entre os seres humanos, o poder papal se confundia com a realeza, numa disputa de domínio mais terreno que divino.

Dizendo-se inspirado por Santo Agostinho, o Papa Lucio III iniciou o processo da Inquisição, no ano de 1184. Como dissemos, Inocêncio III deu-lhe continuidade, no seu mandato de 1198 a 1218 e finalmente Gregório IX no Concílio de Latrão, no dia **20 de abril de 1232**, editou a bula "licet ad capiendos", que marcou verdadeiramente o início do Tribunal da Inquisição, que perseguiu, matou e torturou milhares de seres humanos, que classificava como inimigos da Igreja, hereges ou servos do demônio, usando os argumentos mais dantescos e ilógicos de que se tem notícia.

Ainda podemos encontrar, depois, a mesma atitude em coletividades, países e organizações, até nos dias atuais, quando uma pessoa ou mais interferem no interesse dos detentores do poder.

É a idéia maniqueísta do bem e do mal, na qual cada um se faz representante exclusivo do bem, apontando os que não lhe obedecem como representantes do mal, filhos do Demônio, quaisquer que sejam os epítetos que criem ou as religiões que jurem professar.

Pobre Humanidade, que caminha lentamente na conquista dos bens imperecíveis, no aprendizado eterno, tão simples, mas tão difícil às suas aquisições, desviandomais de um milênio

pessoas, grupos, se por trilhas tortuosas dos interesses mesquinhos, do personalismo insidioso, da ambição e do egoísmo, da vaidade e do medo.

Os caminhos que antecederam o advento da Inquisição de forma peremptória e formal, dentro de leis específicas, foram par e passo arquitetados por outros papas, que antecederam aquele que seria Gregório IX. No futuro longínquo, no alvor das liberdades brasileiras, viria a ser o nosso querido Tiradentes.

Que possamos ter uma idéia deste caminho tortuoso feito por nosso atual herói, nas intrincadas malhas sinistras do sacerdócio e da nobreza, a se fazerem artífices de um dos tribunais mais nefandos de que a história da Humanidade tem notícia.

Não podemos, contudo, jogar às costas deste espírito, a culpa total dos fatores geradores da Inquisição, de vez que milhares de criaturas criaram a ocasião propícia, outras a alicerçaram e outras se locupletaram do momento vivido, para dar vazão às torpes ações que testemunharam o cerne de suas almas.

E não é sempre assim? Frente às questões presentes, pessoas e coletividades testemunham suas escolhas, a essência de suas almas, suas fraquezas e torpezas, seus heroísmos e sublimidades.

Ainda hoje vemos, apesar de todas as conquistas nos meios de divulgação, que diminui as fronteiras dos países, este mesmo mecanismo de poder, em diversas feições, ser novamente manipulado e instituído com as desculpas mais torpes, mas tendo por base sempre, tal como no antanho, a ambição das riquezas, os seres a servir ao deus Mamom, ao ouro, à cobiça, ao mercantilismo, enfim, ao móvel da aquisição de riquezas e do poder, vendendo consciências, invadindo fronteiras, destruindo grupos e facções que se não lhe afinizam, instituindo leis discricionárias, prejudicando etnias e países que não os apoiem ou se constituam em elementos a lhes impedir os avanços de sua rapines.

Antecedendo-lhe as nefandas pegadas, encontramos os primeiros mártires desta extinção ainda não instituída, a demarcar seu preâmbulo na perseguição aos antigos cátaros, albigenses ou patarinos, numa das páginas mais dantescas de que se tem notícia, culminando com a morte num incêndio de mais de 200 de seus adeptos, no sul da França.

Também os valdenses foram vítimas da crueldade e da matança. Eles eram conhecidos como os pobres de Lion, e isto nos remete a pensar como seria importante esta localidade francesa, como berço do codificador da Doutrina dos Espíritos.

A crença era antiga, remanescente dos primórdios do Cristianismo e continuaria a existir, como entidade oculta e secreta até os dias atuais, mas se destacou através de um homem, que se tornou com seu grupo alvo fácil da perseguição religiosa.

Foi um homem chamado Pedro Valdo quem dirigiu esta organização, em 1170. Este grupo repudiava o apego à riqueza e, desta forma, criticava a posse da mesma pela Igreja Católica Apostólica Romana.

Além disto, pregavam o direito à leitura e estudo dos Evangelhos. Pedro era um comerciante rico e dava a si mesmo e aos seus amigos o dom de ministrar os sacramentos, como a ceia e o batismo, a pregação, e tinham pessoas tidas como bispos, cardeais, diáconos, etc, dentro da mesma hierarquia católica.

Os valdenses estudavam a Bíblia em sua língua e não se submetiam ao poder papal, o que era mais temerário do que eles pudessem pensar, já que imaginavam tratar com pessoas tidas como cristãs, e, dentro deste princípio, nenhum mal haveriam de lhes fazer.

Quando se iniciou a perseguição dos romanistas, ou seja, daqueles que obedeciam a Roma e não aceitavam o estudo das escrituras, nem sua tradução, eles não desistiram.

Continuaram pregando, copiando seus textos, escondendo-se em cavernas. Continuaram pregando e se unindo, por toda a França e Itália, mesmo tendo se iniciado uma cruel perseguição a eles, confiando em que servissem a Jesus e somente a Ele se entregariam de corpo e alma.

Uma bula papal considerou-os hereges e, como tal, passíveis da pena de morte. Proibia-se a qualquer pessoa dar-lhes auxílio, seus bens seriam confiscados, qualquer pessoa que matasse um herege teria seus pecados perdoados, e podiam se apossar de suas propriedades, até com o uso da violência.

A perseguição dantesca que se seguiu encheria muitos livros com histórias tristes e marcantes, com milhares de almas envolvidas, com atitudes heróicas e torpes. Uma cruzada católica foi formada, organizada, mantida, incentivada contra os valdenses, onde quer que fossem encontrados. Eles não recuaram, escondiam-se, é verdade, mas prosseguiram com sua firmeza em disseminar o Cristianismo e distribuir seus pergaminhos.

Foram massacrados impiedosamente e sistematicamente.

Foram estes homens os precursores das reformas que viriam séculos depois.

Igual a eles, os cátaros, em número muito maior e com mais poder econômico, sofreram igual perseguição, porém numa dimensão mais ampla, se assim podemos expressar e em um número muito impiedoso.

Os massacres foram se sucedendo pela total incompreensão religiosa e intolerância, através dos séculos seguintes.

Deste modo teríamos no futuro o massacre da Espanha, com seu principal articulista, Torquemada, o massacre dos anabatistas, na Inglaterra, o massacre de Portugal, com D.João III e papa Paulo III, o massacre de S.Bartolomeo, que está ainda a merecer estudos mais aprofundados, e, por todo o mundo sem exceção, os crimes nefandos da Inquisição, que imperou de forma espetacular.

Desde o século X, portanto, muitos foram os seres assassinados como hereges, ou na fogueira ou por estrangulamento. A origem dos métodos de perseguição, no entanto, remontavam desde o século IV.

Foi em 1198 que o papa Inocêncio III subiu ao trono papal e em 1209 organizou uma cruzada contra os albigenses, no sul da França, redundando numa perseguição sistemática e sem tréguas, com milhares de mortes.

Depois em 1229 no Concílio de Toulouse, o papa Gregório IX, sobrinho de Inocêncio III, criou oficialmente a Inquisição ou o Tribunal do Santo Ofício, sob sua direta obediência e liderança.

Mas quem eram esses cátaros, o que os movia, como foi que surgiram e de que forma foram massacrados até sua extinção ?

Desde que o papa Gregório IX organizara a III Cruzada militar com o amparo de Frederico II, Filipe II e Ricardo I, "Coração de Leão", e esta foi a organização militar mais poderosa de todas as cruzadas, desde seu início

Rituais eram abandonados, mulheres, homens e crianças partilhavam estudos e bênçãos.

Não havia supremacia, hierarquia, teologia e sim a pureza dos conceitos que lembravam as idéias gregas de Platão e Sócrates.

A reencarnação era tida como certeza e embasava as atitudes e contatos. Após a escuridão da época feudal, finalmente o sul da França respirava um ar agradável do ressurgimento do Cristianismo em toda sua pujança.

Era a revivescência do Cristianismo, mas também era o sopro de uma mudança que só se estabeleceria três séculos depois, com a Reforma.

A Igreja Católica Apostólica Romana, desde o século IV tinha o seu Bispo, que passou a ser chamado de Papa e a Igreja Católica Ortodoxa tinha o seu, que passou a se chamar Patriarca.

Em 486 um rei bárbaro, franco merovíngio Clovis, havia expandido seus domínios, por toda a Gália.

Dez anos de conquistas e ele se tornou o mais poderoso senhor da Europa Ocidental.

O batismo de Clovis que anexara Troyers e Amiens assegurou o nascimento de um novo Império Romano, o da Igreja Católica Apostólica Romana.

Mas ele seria traído pelo poder eclesiástico, depois que o tivessem usado e usurpado, traindo a linhagem merovíngia, e expandindo-se por toda a França, Alemanha e outros países.

Foi com Dagoberto II, descendente de Clovis, que a traição se impôs através de seu chanceler, Pepino, o Gordo, e que a linhagem merovíngia pereceu, sendo ele assassinado.

Dois séculos após a sua morte a Igreja o canonizaria.

Como se seu sangue e de seus descendentes brotassem novamente do solo, no sul da França, os cátaros surgiram com os mesmos ideais de simplicidade e formosura cristãs. Pacíficos e amorosos, muitos deles ricos e nobres, pregavam o Evangelho do Amor. Populares por sua bondade, colaborando na saúde e educação de todos, eram estimados e respeitados, ficando famosos em toda a região e mesmo além dela. Negavam a necessidade de intermediários entre Deus e Jesus, como a Igreja apregoava, e se davam o direito de estudar e interpretar por si mesmos as Santas Escrituras.

Seus professores e pregadores eram conhecidos pelo nome de Parfaits, porque desejavam, buscavam a perfeição, através da atitude, da ação de solidariedade, do trabalho e da tolerância para com seu semelhante. Era o ressurgir dos antigos druidas, dos primeiros cristãos, dos antigos socráticos.

Neste tempo, vamos encontrar os amigos de Francisco de Assis e seus seguidores, em Roma, numa casa senhorial que os havia recebido para um pernoite.

A casa estava cheia de gente importante do movimento eclesiástico, bem como de nobres senhores e senhoras em um ágape sugestivo.

Embora se sentisse constrangido pelo luxo do ambiente, Francisco com seus pares, descansava no jardim do rico palacete, grato a Deus pela noite que se fazia esplendorosa, e pelo perfume que se evolava das flores.

Ele punha seus olhos no céu profundamente azul e estrelado, meditando nas muitas vezes em que este espetáculo de luminosa graça se estendera à sua frente, e aprofundando sua meditação para além do orbe terreno, nas múltiplas escolas deste ser tão pequeno mas tão amado pelo criador, o homem.

Neste momento sua atenção foi desviada pela presença nas alamedas floridas do próprio Papa, com seu sobrinho, o conde Hugolino de Segni, nobre orgulhoso e de porte elegante e másculo.

Sem que o vissem, os dois falavam com naturalidade sobre o combate à heresia cátara, em termos muito decisivos e duros:

□ Não podemos mais lhes tolerar as atitudes e investidas, meu caro. Estes homens e mulheres estão a fazer perder toda a autoridade de Roma. Afirmam sem reboços que não se encontram nas escrituras sinais da necessidade de se instituir um núcleo de comando a Doutrina de Jesus. Falam abertamente que

qualquer um pode falar sobre os Evangelhos, que todos devem se irmanar, sem necessidade alguma de obediência cega a Roma.- falava o papa Inocêncio III.

□ E o que você tem esperado, para tomar-lhes à frente, para castigar-lhes a insolência com a qual se atém? Por que ainda não tomou as providências cabíveis, neste caso? O que tem a temer?- retrucava Hugolino.

□ Há que agir com cautela. Não posso simplesmente declarar-me contra eles, e pronto. Necessário se faz procurar um agente de minha ação, um nobre, um príncipe, um rei que possa tomar as dores da Igreja contra os hereges, e aí sim, iniciaremos uma campanha, uma cruzada contra estes arrogantes, que se presumem capazes de arrostar o poder do Papa. Há que se tomar cuidado, porque se espalharam por toda a região de Languedoc, e estão quase sob o poder da Espanha.

□ O reino de Aragão, neste momento, está mais voltado às conquistas aos mouros e não lhes dará proteção. Acredito que, quanto a isto, deve ficar despreocupado. comentou o conde com tanta firmeza, que Francisco estremeceu.

Percebia o que se tramava diante de seus olhos e ouvidos atentos e seus olhos se marejaram de lágrimas. Lembrava-se de seu contato com os cátaros, de como se sentira bem entre aqueles irmãos, de como lhe parecia que estava retornando aos tempos apostólicos.

Recordou-se rapidamente que, apesar da alegria imensa que sentira no contato com eles, alertara-os para o perigo de suas desabridas pregações, que poderiam provocar a ira dos poderosos de Roma. Ele conhecia de sobejo aqueles homens, bispos, cardeais, clérigos da secular instituição que pretendia ser a única representante de Jesus na face da Terra.

Não ignorava que nascera naquele mesmo momento, para tentar amenizar as duras conjunções que poderiam redundar em milhares de mortes, assassinatos, torturas, miséria.

Compreendia o sofrimento que o Mestre estaria tendo, ao perceber que sua doutrina de amor seria substituída por uma doutrina de terror.

Era quase absurdo que a Igreja se sentisse ameaçada pela bondade dos cátaros, pela singeleza de suas proposituras.

Por entre a folhagem, na noite que se fazia esplêndida, e à luz dos lampiões que ornavam o rico palacete de Simon de Monfort, Francisco entendeu de um relance as tenebrosas maquinacões que aqueles homens e seus asseclas premeditavam e sem querer, lembrou-se da doce Clara, o grande amor de sua caminhada milenar, e da irmã dela, Inês.

A jovem, de largos recursos espirituais, conhecera o conde em uma de suas muitas viagens feitas com a família pela Itália. Clara lhe referira o encanto que se apossara da jovem e como a alma de sua “noiva espiritual” ficara cheia de premonições e zelos por ela.

Francisco rememorou rapidamente as conversas havidas com Jesus, os amigos que lhe amparavam o apostolado, o amor de Clara e a grandeza espiritual dela e de sua irmã, Inês, que também o seguia, e um pressentimento ruim atravessou-lhe a alma.

Mas os dois homens continuavam sua conversa:

□ Creio que esta noite definirei as estratégias de ataque. Se puder contar com o nobre, teremos o início de uma Cruzada, e serão indispensáveis mais de 30 mil homens, pelo meu cálculo, para dar cabo destes hereges.

□ É preciso acabar com esta “lepra do sul” de uma vez por todas. - falava peremptório o conde.-

Necessário se faz agir de forma rápida e eficaz. Fico mesmo surpreso com a morosidade com a qual estás te havendo neste particular.

O Papa, profundamente tocado pelas ásperas palavras do sobrinho, sem saber porque se lembrou da serenidade e brandura de Francisco, sem perceber-lhe, contudo, a presença e respondeu, no mesmo tom de voz alterado:

□ Hugo, não te autorizo a faltar-me com o respeito que me deves. Sabes que conto com teu concurso, no alinhar de meus projetos, bem como sei que esperas me substituir um dia nas minhas atribuições.

□ Só queria mostrar-te a necessidade de não esperar que esta chamada Igreja do Evangelho do Amor Cristão se expanda ainda mais, se fortifique e venha a nos causar dissabores. Afinal, és o mandatário maior de Jesus, e sabes que quando chamado a igual atitude, com firmeza e autoridade, Urbano II soube se haver sem delongas.

□ Sim. E quanto tem nos custado as Cruzadas iniciadas pela fala imediata de Urbano, meu sobrinho? Já lá se vão anos e anos, mais de um século e a marcha para o Oriente parece não acabar nunca.

□ Estaria percebendo no meu querido tio, momentos de indecisão? - perguntou o conde Hugolino, com ressaibos de ironia na voz.

□ Não duvides de mim. Já decidi com meu grupo de cardeais e bispos a invasão do Languedoc. Agora é só arregimentar força. Para tanto conto com Simon. Acho que ele será a lança que atingirá em cheio a região. Usaremos sua influência, seu ouro, seus homens. Não duvides que minha decisão já está tomada, porém também não duvides que não será fácil o que temos a realizar. Na Itália, os valdenses, e a cidade de Albi é um dos meus alvos importantes.

Os dois homens foram caminhando em direção ao rico palacete, que se mostrava em todo seu esplendor. Francisco ficou meditando no que ouvira. Não via meios de impedir o massacre que se programava, seus augúrios ao conhecer o conde se confirmavam.

Era preciso partir e buscar avisar os companheiros de ideal cristão da tempestade que se aproximava. A espada de Dámocles estava erguida sobre a cabeça dos albingenses, cátaros e patarinos.

□ Jesus!- deixou escapar o discípulo da luz.- O que nos reservas nestes tempos? Como poderei de algum modo amenizar as trevas que se avizinham? Tu bem sabes o que existe no coração das criaturas.

Conheceste a pompa do Império de César, a sordidez dos membros do Sinédrio, a calamitosa necessidade do povo, a perversidade dos mandatários de todos os tempos. Ajuda-nos, Mestre! Não nos faltes com o amparo nestes momentos tristes que atravessamos. Deve haver uma razão para que me propiciasses ouvir esta conversa, onde se trama a desdita de milhares de criaturas. Já não basta a invasão da Terra Santa, criando tantos mártires em ambos os lados, das batalhas sangrentas em Teu nome? Ajuda-me a algo realizar, minimizando tanta violência e tanta desgraça.

As preces de Francisco foram ouvidas, porém do Plano Espiritual equipes numerosas demandavam a Terra, para intuir à fuga numerosas famílias e agrupamentos.*

Como era difícil movê-los de sua decisão de permanecerem fiéis às suas escolhas.

Por outro lado, através do sono, admoestavam os artífices das guerras e das perseguições, procurando modificar-lhes as determinações, apelando pelas exortações evangélicas.

Ambos os grupos pareciam surdos, contudo, à inspiração do Alto e bem poucos foram os seres que procuraram refúgio em longínquas regiões, e outros que procuraram não chafurdar no sangue que já corria dos mártires do Evangelho ou da intolerância.

Bendito seja Kardec que levantou a bandeira do Trabalho, Solidariedade e Tolerância.

Se, naqueles longínquos anos, fossem estas as disposições das criaturas quanto mal teria sido evitado;

Desta época, até 20 anos depois com a cruzada de Luis IX e mesmo depois, incluindo a participação de Francisco de Assis, Hervé e Vincenzo, que já foram contadas no livro As cruzadas, quantas mortes !¹

Até que Acre fosse tomada em 1281 e a rendição total aos turcos em 1522, muita coisa aconteceu.

Mas não poderíamos falar da Inquisição sem pelo menos contar um pouco sobre estes nobres homens e mulheres do sul da França. que tentaram inutilmente manter acesa a luz do Cristo, acima dos interesses temporais.

Havia à época quatro Igrejas que se consideravam cristãs. A Igreja Celta, a Igreja Cátara a Igreja Ortodoxa Cristã e a Igreja Católica Apostólica Romana, que desejava ter a supremacia sobre as demais.

Surgiam grupos numerosos que se insurgiam contra a pretensa supremacia de Roma sobre as demais, e, como centelhas de luz espargiam as blandícias do ensinamento do Mestre, em toda sua pureza e beleza.

Baseada na mudança individual, na responsabilidade, na fraternidade, os cátaros, onde se estabeleciam, faziam fluir as luzes do amparo a todos, no plano da saúde, faziam reviver os costumes de auxílio, de caridade fraterna, criando laços de amor e de estudo.

Os pergaminhos apostolares, principalmente o Evangelho de S.João, eram estudados na língua local.

¹ Hervé foi um dos nobres da Normandia que conheceu Francisco de Assis e participou das Cruzadas. Ele seria em Minas Gerais o inconfidente Tomás Antônio Gonzaga e Vincenzo foi à última encarnação Augusto César Vannucci.

***O país cátaro se estendia por toda a zona chamada Occitania, fronteira a Toulouse, até os Pirineus até o sul e Mediterrâneo até leste. Deles só sobraram os castelos em que habitavam.**

CAPITULO II ORDEM PAPAL

em 1209, o papa Inocêncio III, exortou seus fiéis a se unirem numa cruzada contra a heresia albigense. Pressões não faltaram aos reis e nobres, ameaças de excomunhão e incentivo de todas as formas, até entre o populacho, porque a participação nas chacinas jamais seria espontânea.

Deste modo, uma grande cruzada se preparou contra os cristãos que verdadeiramente cultuavam o Cristo, contra aqueles que, imbuídos de fé e de amor, buscavam implantar no coração do homem a compaixão e a caridade.

Francisco, incansável com seus amigos, procurou por todas as formas alertar os companheiros, incitando-os a que fugissem para longe do poderio de Roma, ciente que o terror dominaria os corações, que não haveria piedade e que interesses mesquinhos estariam em jogo.

Para os barões o Papa prometera mesmo a posse dos bens dos inimigos e para a população prometia perdão aos seus pecados e ingresso direto aos céus, quando de sua morte.

O fanatismo e o ouro manipulariam as consciências sempre culpadas.

A coroa de França também queria expandir seus territórios e Inocêncio III lhe dava a desculpa que precisava, para interferir naquelas terras.

No Plano Espiritual os seguidores de Jesus, os mártires do Cristianismo reviam o périplo de seus testemunhos e sentiam que tudo novamente se repetia, nos mesmos moldes, porque uma nova Roma se impunha aos homens de boa vontade, àqueles que trabalhavam silenciosamente, individualmente pela implantação do amor na face do planeta azul.

Se os mandatários do poder terreno e os supostos mandatários do poder divino se uniam para a destruição e a morte de milhares, com as desculpas mais esfarrapadas de manter o reino de Jesus na terra, como se haveriam as criaturas encarnadas naquele momento?

O Circo Romano iria se repetir por séculos, na face dorida do planeta.

Coletividades endividadas e atrasadas se cruzavam nas fronteiras do desconhecido, para escrever as páginas mais dantescas da Humanidade.

Miriades de espíritos desciam a Terra para dar sustento moral às criaturas, enquanto algumas almas encarnadas se projetavam como luminares e mártires de séculos de trevas.

Muitos de meus amigos e eu caminhávamos para o Oriente, nas lutas fratricidas das Cruzadas, que

contadas estão no livro As Cruzadas, e o futuro alferes Tiradentes, sobrinho de Inocêncio III, então encarnado sob o nome de Hugolino de Segni, com o título de conde, iniciava sua trajetória de sombras e erros dantescos, e após Honório III seria o futuro papa Gregório IX, numa vida que duraria exatos 100 anos.

E a destruição total dos cátaros, ordenada pelo papa Inocêncio III, demoraria 40 anos para se efetivar totalmente.

Em 1206 chegara a Languedoc o bispo espanhol Diego de Osma, que vinha junto com seu superior Domingos de Gusmão, e com o assassinato de Pierre de Castelnau espantosa

Por interesses monetários colocaram logo o conde de Toulouse, que apoiava os cátaros, como suspeito de tal assassinato.

O Papa imediatamente escreveu ao rei da França, Filipe Augusto, ordenando que expulsasse o conde e que ainda perseguisse Raimundo VI.

O novo representante do Papa, Amaury, iniciou a cruzada contra os cátaros e contra quem se lhe antepusesse, e Simon de Monfort montou um exército mercenário que declarou guerra ao vice-condado de Trencavel, a quem Raimundo VI e Rogério de Trencavel protegiam.

Ambos acabaram perdendo seus bens e tiveram que se humilhar diante da Igreja, segundo o que haviam programado Hugolino e Inocêncio III, nas conversas palacianas.

Logo na primeira investida em Beziers, em 1209, 60.000 (sessenta mil) pessoas pereceram das formas mais torpes e violentas. De lá marcharam para Carcassone, onde aprisionaram Raimundo VI, que morreu na prisão. Simon prosseguiu e conquistou Alzonne, Franjeaux, Castres, Mirepois, Pamiera, e Albi.

Minerve, sitiada em 1210, teve 40 pessoas queimadas vivas. Conquistaram Corbières e chegaram a Pulvert.

Aos poucos destruíram o conde de Toulouse, o conde de Foix, o conde de Comminges, o visconde de Béarn, e na batalha de Muret mataram Pedro de Aragão. a perseguição se intensificou de forma

No IV Concílio de Latrão, as possessões adquiridas por Monfort são confirmadas, e os senhores do sul fizeram o pacto de combaterem a heresia.

Em 1216 toda Provença se subleva contra Monfort, e morre Inocêncio III. Sobe ao trono papal Honório III e se inicia uma nova cruzada contra os cátaros. Raimundo VII obtém uma vitória e morre o conde Simon de Monfort.

Amaury oferece as terras conquistadas por seu pai ao rei da França, que as recusa, mas seu filho Luis VIII acabará aceitando as mesmas.

As lutas prosseguem, os cátaros passam a se encontrar em grutas, viajam durante a noite, em grupos pequenos, distribuem seus evangelhos. Acreditam que o bem vencerá o mal, que todos serão salvos, direcionados por um só pastor. Têm seus membros entre os bispos, discípulos, parfaits, pregam a simplicidade, o desapego dos contínuos da vida após a morte, e continuam sendo perseguidos e sendo assassinados, ora pelos exércitos e cruzadas do Papa e dos nobres, ora pelos populares que desejam ver seus pecados perdoados e crêem nas falsas alegações do clero.

Luis VIII luta durante três anos contra a heresia e submete Raimundo VII, que promete combater os cristãos.

Em 1240 alguns inquisidores são assassinados e a perseguição recrudescer, retomam-se as mortes.

Finalmente em Montségur em 1243 é feito um assalto e um castelo é tomado e todos seus ocupantes queimados vivos.

Parece o fim dos cátaros, mais de 200 mil pessoas haviam sido mortas e seus bens confiscados, mas alguns de seus membros haviam fugido para a Itália.

Outra fortaleza, de Queribus, é destruída em 1255. reencarnação, a bens materiais, a Pierre Authié é preso em 1310. Quando se dirigia a Castelnau-d'Aud é preso e condenado à morte na fogueira.

Guilhaume Bélibate e Philippe d'Alayrac fogem da prisão, são capturados e mortos queimados e o último ministro cátaro é queimado em Villerouge Terme, em Corbières, por ordem do arcebispo de Narbonne em 1321.

Desde 1206 instituiu-se a ordem mendicante de S.Domingos, ou ordem dominicana.

Os temores de Francisco, desde aquela conversa ouvida entre o conde Hugolino de Segni e o papa Inocêncio III, se confirmaram de forma trágica, dantesca, inimaginável.

Iniciava-se a partir daquele momento uma série de atrocidades, que começaram no século XII e terminariam no século XIX.

Neste quadro dantesco os dominicanos teriam papel preponderante, como inquisidores.

Foi deles a idéia de se constituir um tribunal para resolver as questões religiosas.

O primeiro tribunal permanente da Inquisição começou na França em 1232, quando o papa Gregório IX promulga duas bulas, nas quais decide mandar os monges dominicanos aos locais onde havia focos de heréticos.

Primeiro ele tentara induzir os franciscanos a fazer este triste papel inquisitorial, mas Francisco e seus pares, cheios de ardor cristão, rejeitaram suas ordens.

A reunião com Francisco, no Vaticano, foi presenciada por Iluminato, Shaolim, Clara e sua irmã.

Hugolino que já estivera com este grupo antes, sentira profunda atração pela figura de Inês, irmã de Clara.

Dera mesmo um jeito de estar com ela a sós, num determinado momento, a fim de poder observá-la melhor.

Era ele ainda naquele tempo o cardeal bispo de Óstia, subira a este cargo sob o amparo de seu tio

Inocêncio III, e conseguira deste poder para proteger a ordem de Francisco, e ditar-lhe as regras.

A jovem demonstrou um certo constrangimento ao lado do cardeal.

Não sabia porque seu coração dera de bater de forma diferente, diante daquele homem a quem muitos temiam.

Baixou os olhos constrangidos, quando ele lhe perguntou o que achava das suas duras atribuições e das de seu tio, o Pontífice, e como poderia ajudá-los em seu mister:

☐ S. Santidade e o sr. cardeal não ignoram que apenas desejo servir a Jesus e mais nada. Jamais me atreveria a pensar tão alto, que pudesse atender os desejos dos mandatários da Igreja.

☐ Justamente por querer servir a Jesus, não poderias deixar de atender meus rogos quanto a isto. ponderou o cardeal incisivo.

☐ Senhor, peço que me excuses de agir de tal modo, pois estaria ferindo meus brios de cristã, porque ignoro as leis da guerra, só me atendo às leis do amor e da caridade, e o senhor, Eminência, tem demonstrado, de há muito, que escolheu caminho bem diferente do meu.

☐ O que estás a afirmar? Sê mais precisa!- bradou Hugolino, mudando o tom de voz de cativante para ameaçador.

☐ Sua Santidade e o senhor devem saber do que falo. Falo do pranto que se ergue em todo o sul da Occitania, com mortos se contando aos milhares, entre meus irmãos de fé, que laboraram na simplicidade e no trabalho, Falo, Senhor, dos meus irmãos cristãos, do Languedoc.

O cardeal Hugolino teve um rictus de dureza na face. Como aquela jovem ousava cobrar-lhe os ataques que vinham ocorrendo, desde a conversa que tivera com seu tio, contra aqueles hereges ?

Não sabia aquela criatura, que dignara conhecê-lo pessoalmente, o risco que corria com sua desabrida atitude?

☐ Justamente, mandei chamá-los em palácio, porque conto com o amparo de Francisco, de todos os da sua Ordem, na perseguição ou persuasão destes infelizes que deturpam a doutrina cristã.

☐ Deturpam, diz o senhor? Deturpam a Doutrina Cristã ? Nós nunca antes encontramos tanta singeleza e tanta originalidade e firmeza cristãs. V. Reverendíssima, por certo, está mal informado. Peço desculpas por ousar dirigir-me nestes termos ao senhor, mas estou certa que também Francisco, e não estou autorizada a falar em seu nome, há de alicerçar a certeza de que a brandura e não a violência representa o Cristo na face da Terra.

Hugolino olhava aquela jovem bela, de um encanto peculiar à sua frente e todo seu ser tremia de medo e indignação. Medo por perceber que um sentimento nobre e diferente brotava em seu ser, e que não tinha o direito de senti-lo, e indignação porque jamais pensara que alguém ousasse dirigir-lhe a palavra daquele modo, com aquela firmeza, que era uma admoestação sincera e com um jeito tão doce que lhe feria as fibras mais íntimas do ser.

Por que viera a conhecê-la, naquele momento ? Por que ela o reptava de modo tão direto e sem temor ? O que pensava aquela jovem afinal? Que podia fazer o que bem entendesse diante do sobrinho da maior autoridade espiritual, que havia sobre a face da Terra?

Ela vestia fatos esfarrapados, feios, deselegantes, ele estava cingido com a veste do poder, com mantos bordados a ouro.

Seus pés pisavam sobre tapetes de raro esplendor, paredes emolduradas de dourado e objetos de valor ornavam o aposento, e ela, ali, quase ajoelhada diante de si, reptando com argumentos firmes seu convite à participação nos seus decretos e bulas, e recusando um convite que honraria qualquer ordem eclesiástica estabelecida até então.

Naquele momento, anunciaram a chegada de Francisco e o cardeal fez com que ele adentrasse o aposento.

Inês soltou um longo suspiro, demonstrando o alívio que sentiu com a chegada do homem de Assis.

Percebia que havia se exaltado e tomado uma atitude perigosa, pois os cátaros eram tidos como heréticos e ela saíra desabridamente em sua defesa de forma temerária.

Percebia também que o cardeal não tomava uma atitude aberta de confronto, porque ela exercia sobre ele uma atração que ela percebia e temia.

Ainda bem que Francisco chegara, porque a conversa estava tomando um rumo imprevisível e perigoso.

Após as saudações de praxe, Hugolino dirigiu-se ao santo, que pressentiu a situação constrangedora e cheia de gravidade:

☐ Conversava com a irmã de Clara, e ela muito me aborreceu, afirmando que não posso contar com seus préstimos para a Defesa da Igreja. - comentou em tom azedo.

☐ Creio que ela se faz porta voz de todo nosso grupo, Eminência, porque diante de Inocêncio III temos confirmado nossas disposições, para implementar a paz e a harmonia, o amor e o entendimento entre todos os membros das ordens eclesiásticas, segundo o desejo e obediência que devemos a Nosso Senhor Jesus Cristo. Não percebo quais os perigos que exijam uma defesa da Igreja.

A palavra firme de Francisco, dando conta de sua amizade com o Pontífice, que sempre o protegera, como que mexeram com os brios de Hugolino.

☐ Quer dizer, então, que não podemos contar com sua dedicação na manutenção do Evangelho em toda sua pureza ?

☐ Justamente é com isto que podes contar, sem dúvida. - falou Francisco com um sorriso, feliz por tirar a irmã de Clara de uma situação embaraçosa, na qual ele percebia que ela se colocara. - Nos dedicaremos à manutenção do Evangelho de Jesus, em toda sua pureza, sem imposições, sem mortes, sem violência, porque Ele sempre foi o Príncipe da Paz.

☐ Contava com seus monges para instituir um tribunal de ajuda à investigação, por todo sul da França.

□ Para patentear ajuda a todos os necessitados sempre poderás contar conosco, mas para o julgamento de nossos irmãos não, de vez que não nos percebemos em posição quer de conhecimento, quer de bondade, para julgar quem quer que seja, nos colocando como os últimos servos de Nosso Senhor Jesus Cristo.- ponderou o sacerdote.

A irmã de Clara de Assis, Inês de Assis, respirou aliviada. Aquele homem diante de si lhe punha calafrios estranhos no corpo.

Seu olhar tinha para ela o poder de atração de uma serpente. Ela se sentia frágil e indefesa diante dele. Ainda bem que Francisco viera em seu socorro.

Ele devia ter percebido o que estava acontecendo ali. Como ela estava trêmula diante daquele homem terrível, que a intimidava.

□ Francisco, devo deduzir que te negas a auxiliarme no combate aos hereges, que não servem ao Cristo. □ Senhor, não sei a que te referes, mas de há muito abandonei as armas, para servir aos meus irmãos em humanidade. Como poderia auxiliar-te se escolhi os desvalidos e os pobres para acompanhar?

O conde Hugolino estava irritadíssimo. Os amigos de Francisco eram populares e amados por onde iam. Ele queria a todo custo tê-los como cúmplices e partícipes de suas ordens, medianeiros de suas atrocidades. Como ousava aquele homem dizer-lhe em rosto um NAO tão claro e ostensivo ? E aquela mulher, por quem seu coração batia descompassado, que não tinha os atavios da nobreza, nem sua coqueteria, como ousava também lhe fugir à corte e reptar suas atitudes?

Fitou a ambos com profunda perplexidade. A atitude de ambos era algo difícil dele entender.

A jovem parecia aliviada com a chegada de Francisco e isto o magoava. Seus brios de homem estavam ofendidos, pois mais que a recusa, sentia que a moça diante de si lhe tinha medo, talvez até aversão.

Mas tal não se dava. Ao contrário, a jovem Inês sentia sua alma ligada àquele homem terrível, temia suas investidas, porém tinha por ele uma atração inexplicável. Ele não era nada daquilo que ela entendia como uma alma irmã, ele representava exatamente o contrário de suas expectativas para com outro ser humano, que lhe tangesse as cordas da sensibilidade de forma diferente.

Era casta, dedicava-se inteiramente à causa cristã, através da Irmandade Franciscana, porém como entender que o sobrinho e representante do Sumo Pontífice da Igreja, que se dizia representante do Cristo sobre a Terra, fosse exatamente o contrário de tudo aquilo que via como certo nos Evangelhos ? Por que ele achava que podia contar com seus préstimos, para dobrar a índole pacífica de Francisco e argumentar de forma a exercer sobre ela uma influência tal, que dobraria todo o zelo em que se atinha ? E por que também seus olhos a desnudavam, como se a desejasse fisicamente, e aquilo lhe punha o corpo a arder pela sedução que lhe exercia?

O sofrimento dela era imensurável. Não conseguia entender as forças antagônicas que lutavam dentro de seu ser, dilacerando as fibras mais íntimas de sua alma.

A firmeza e tranqüilidade de Francisco eram bem diferentes da atitude em que se ativera até ali, como se fosse um animalzinho acuado por uma fera terrível, assustada e indefesa, embora firme na sua fé.

Ainda bem que Francisco chegara. Como poderia explicar-lhe depois toda a dor que lhe invadia o íntimo, todo o medo e amor que se misturavam em sua alma atribulada com a deferência do conde, com seus olhos que a desnudavam, que a feriam, que a acuavam, como se ela lhe pertencesse desde antes de nascer ?

A jovem freira percebia quão díspares eram suas disposições. Ela sentia que amava Hugolino, ainda que não partilhasse suas idéias, ainda que ele fosse bem mais velho que ela, ainda que fosse totalmente refratária às suas ações e atitudes e aquilo doía em seu ser, como se o dilacerasse.

Quão diferente era a situação de sua irmã Clara, no amor para com Francisco.

Eles se entendiam, se completavam, se felicitavam com a simples presença um do outro. Aquele sentimento era tão belo e puro que saltava aos olhos, todos o percebiam, todos se debruçavam sobre ele, como se mergulhassem num Outro Mundo, cheio de graça e de pureza, cheio de entendimento e de ternura.

Mas com ela e Hugolino não era assim.

Deus, por que tinha que ser tão diferente ? Ele a atraía e ela o refugava, ela o amava, mas queria estar bem longe dele, preferia não vê-lo, não estar com ele de forma alguma.

Isto mesmo dissera à sua irmã Clara, não desejara vir até o Vaticano, mas sua irmã argumentara que ela precisava enfrentar seus medos, que talvez até sua presença pudesse minimizar a aguerrida atitude daquele homem, com relação aos seus irmãos cátaros, e que, neste caso, ela tinha obrigação de tentar, de algum modo, proteger seus amigos do sul da França.

Ela sabia que Hugolino fora feito cardeal com apenas 43 anos por Inocêncio III, e agora já beirava os 46 anos.

Como um homem tão mais velho que ela podia atraí-la daquele modo? E por que ele se sentia atraído por ela, como se a diferença de idade entre ambos não fosse tão grande, como era?

Pelo que se ouvia ele tinha muita ascendência sobre seu tio e, desde que o Papa apoiara Francisco a partir de 1209, ela ficara conhecendo com sua irmã Clara aquele homem . Clara contava apenas 15 anos e comprara carne para alimentar Francisco e seus amigos e dois anos depois, já com 17 anos, se incorporara ao seu grupo e Inês fora com ela.

Francisco naquela ocasião estaria com 29 anos. E já correndo o ano de 1212, Inês se unira ainda mais à Clara, assistindo a batalha de Navas de Tolosa e vendo a Cruzada das Crianças partir para o Oriente.

Quando tudo começara haviam sabido de mais de 60 mil mortos em Beziers, e após a morte do governador enforcado e sua mulher apedrejada, quantos milhares de seres haviam sido sacrificados, em julgamentos sumários, a maioria queimada viva.

Como aquele homem não se condoía de tanto sofrimento? Ela sabia que Francisco visitava aquelas comunidades dos cátaros, que apreciava seus métodos de ensino, seu despojamento, sua humildade, sua dedicação aos pobres, cuidando de sua saúde e educação.

Por que Hugolino não percebia que aquela gente que estava sendo massacrada, através de sua influência e de outros sobre Inocêncio III, não merecia a perseguição terrível que lhe impunham ?

Como pudera imaginar que ela apoiaria suas atitudes frente a isto? E por que Clara pensara que ela, Inês, poderia influenciar o cardeal do Papa, modificandolhe as atitudes?

Sabia que Francisco chegara de uma viagem a Espanha e pensava em ir até Marrocos pregar aos mouros. Talvez ele devesse ir. Hugolino aconselhava aos freis que não saíssem da Itália, mas ela desejava desaparecer da face da Terra, só para não precisar mais estar com ele.

Inocêncio III o fizera cardeal protetor dos freis e freiras de Francisco. E realmente ele vinha protegendo os franciscanos e as clarissas, até pelo amor que lhe sentia.

Que saudades dos tempos em que fora regida a Regra do Carmelo. Não imaginava, então, quanta dor e quanta desgraça seus olhos veriam, sua alma tomaria contato.

Depois se lembrava que haviam vindo os encontros de Clara com Francisco, determinação da irmã e quando, no Domingo de Ramos, Clara saíra de casa para se consagrar à ordem, na Porciúncula, indo no dia seguinte para o mosteiro de S. Paulo das Abadessas e depois para a ermida de Santo Ângelo de Panço, menos de um mês depois, Inês estava com ela. Em pouco tempo Francisco dava a elas sua primeira Forma de Vida.

Quando partira de casa, ao encontro de Francisco e de Clara, jamais imaginara que veria tanta crueldade e tanto martírio.

Mal se deu conta que o cardeal parara diante dela, fitando-a com seu olhar arguto e firme. Encimesmara-se em seus pensamentos tão cheios de angústia, temor e perplexidade, que mal conseguia erguer os olhos do chão.

□ Então, onde estais hospedados? Quanto tempo ficareis em Roma?- perguntou o cardeal, chamando-a à realidade.

Ergueu os olhos para o santo, como a lhe pedir socorro mais uma vez.

□ Contamos voltar logo a Porciúncula.- respondeu ele de modo singelo.

□ Soube que estiveste doente. Desejo hospedá-los no meu palácio episcopal, ou nas propriedades de minha família, e não aceito um não como resposta.- falou peremptório Hugolino.

□ Eminência, jamais me perdoaria de ter abusado de sua bondade, pelo bem que nos tem feito. Além disto, temos freis que partirão para Marrocos e desejo estar com eles antes, a fim de fazer-lhes algumas observações, porque minha alma está muito temerosa, pelo que eles poderão encontrar naquelas longínquas terras.

□ Francisco, alguma obediência deves a mim e ao Papa, e ordeno que fiquéis mais uns dias entre nós, até que te sintas mais forte para empreenderes viagem, bem como ofereço meus préstimos pelo bem de Clara e de sua irmã Inês.

Não havia como recusar. Inês voltou novamente o olhar ao chão e pediu licença para se retirar. Fora sua irmã a esperava, cheia de perguntas sobre a conversa que haviam tido lá dentro.

Inês pôs Clara a par de tudo o que havia ocorrido e falou de seu imenso temor e a atração por aquele homem forte, cujo olhar brilhante marcara a fogo sua alma.

Lágrimas quentes lhe desciam dos olhos. Clara compreendia toda a dor de sua irmã. Não tinha dúvidas de que ela amava profundamente aquele homem destacado do clero, cuja virilidade, como militar e como religioso, ela conhecia de sobejo.

Fizera mal em pedir à irmã que tentasse minimizar com sua influência os terrores impostos aos cátaros, pelo poderio eclesiástico.

Abraçou-a ternamente:

□ Minha querida, me perdoa, pedi algo acima de tuas forças. Perdoa-me. Procuremos repousar. Estás tremendo. Também Francisco me pareceu adoentado, quando chegou da Espanha. Temo pela saúde de ambos. Já que somos obrigados, hospedemo-nos na propriedade do conde Hugolino, e eu estarei ao teu lado, para impedir-lhe avanços descabidos e a ti mais constrangimentos.

E as jovens e sábias companheiras de ideal e de amor, trataram de se adiantar em direção ao local escolhido, para sua hospedagem naqueles dias.

Aproveitando o luxo que se lhes prodigalizava, Clara se diligenciou junto a Francisco e à irmã, mais alguns companheiros de jornada, afim de que se alimentassem bem e descansassem, antes de partirem de retorno a Porciúncula.

CAPITULO III A UM PASSO DA INQUISICAO

O Plano Espiritual se desdobrava em tarefas ingentes, diante do inesperado rumo tomado pela religião cristã, fugindo totalmente aos paradigmas do Cristo.

Do amor incondicional, do perdão, da caridade, numa fé fraterna cheia de esperança, das consoladoras palavras do Sermão das Bem-aventuranças, à perseguição sanguinária dos grupos simples, dedicados a espalhar a Boa Nova, desde Pedro Valdo, por volta de 1170, na França, que repudiava a riqueza da Igreja Católica Apostólica Romana, um rico comerciante, massacrado, junto com seus seguidores até a morte, às primeiras Cruzadas, com invasão de Jerusalém, em busca das relíquias de Jesus, até a perseguição continuada por Inocêncio III, com amparo de um de seus cardeais-bispo, de Óstia, o conde Hugolino de Segni, que tudo era feito no sentido de chamar as criaturas a mudanças de atitudes.

Impossível, contudo, conjugar o verbo amar junto com os interesses imediatistas da Igreja, de seus prelados, de seu pontífice, e os conluios políticos com os nobres da França, Itália e Alemanha.

Hugolino, envergando a batina sacerdotal, tal como outrora, no Egito, junto de seus apaniguados, parentes e amigos, direcionava a perseguição implacável a quem quer que considerasse inimigo.

Como conciliar o desejo de poder e obediência absoluta, com a maneira simples e despojada dos cátaros, com seu sacerdócio (bispos, sacerdotes e diáconos), inspirados na pobreza evangélica, traduzindo a Bíblia na linguagem local, contrapondo-se ao luxo da Igreja Católica ?

Estes cristãos construía seus castelos ou abadias em locais inacessíveis, beirando precipícios, em terrenos elevados, como se quisessem estar sempre perto dos céus e as paisagens que se desdobravam ante seus olhos eram deslumbrantes, magníficas, levando-os a meditações transcendentais.

Tinham suas cerimônias de iniciação, que eram muito simples, com seus sermões, orações e bênçãos. Recebiam também no seu corpo os adeptos leigos, que não eram muito obrigados a seguir as normas dos parfaits (puros) que eram a hierarquia maior. Tanto homens como mulheres poderiam chegar à condição de parfaits, depois de provas de 2 anos, pelo menos, em que se abstinham de carne e vinho, renunciavam aos bens terrenos, ao sexo, e chegavam, enfim, à sua ordenação.

Era evidente que o catarismo batia frontalmente com a Igreja Católica, ainda que apenas pretendesse uma volta à simplicidade cristã e ao estudo do Evangelho na língua local, facilitando seu entendimento e sua divulgação entre o povo.

O Plano Maior sempre soube quão difícil seria a implantação do Evangelho, como conhecimento e norma de conduta entre os seres humanos, sempre arraigados a toda sorte de interesses imediatos, na vida terrena.

O que doía mais era a deturpação das lições do Cristo, aliadas ao poder que corrompe as almas mais frágeis, que utilizavam este poder para massacrar, perseguir, violentar quem não estivesse sob suas ordens.

Por isto todo cuidado era tomado para tentar influenciar os mandatários do poder, lembrando as lições apostólicas, e amparar aqueles que, no momento, eram alvo das investidas das trevas, no conluio com os falsários das verdades cristãs.

O catarismo tinha em seus aspectos básicos, toda a sincronia com o Cristianismo nascente, aceitavam a reencarnação do espírito e não viam necessidade da intermediação entre Deus e seus filhos, descartando, portanto, a interferência da Igreja Católica, em todo seu pomposo arsenal de mando.

Baldados foram os esforços do Plano Espiritual. A Cruzada liderada por Simon Monfort, com 30 mil soldados mercenários, partiu sob o mando de Inocêncio III, observada e secundada por seus cardeais e bispos, em direção ao território franco.

A destruição que se seguiu é inimaginável. Toda a cidade de Beziers com seus mais de 60 mil habitantes foi massacrada e seguiram para Carcassonne e depois Alzonne, Franjeaux, Castres, Mirepoix, Pamiera e Albi .

Apesar de manter em segredo suas idéias, a partir daí, os cátaros continuam prosperando em suas pregações.

Desde 1120, em Soissons, quando o bispo Lisiardo havia prendido suspeitos de heresia, chamando-os “filhos de Satã”, e fazendo-os queimar pelos burgueses desta localidade, que não se assistia a tanta selvageria.

O ambiente terreno estava tomado por emanções de ódio, desespero, revanchismo, e os sentimentos malsãos se multiplicavam em grupos e indivíduos, sem que se os pudesse debelar.

Jesus sabia o que havia naquelas criaturas, tantas vezes chamadas a mudanças radicais de conduta, e sempre que levadas ao renascimento, perdendo as oportunidades e mergulhando no cipó de todas as quedas morais e espirituais de longo curso.

Seu espírito elevado sofria, mas não se deixava levar por ilusões com relação às escolhas de seus irmãos encarnados, aliados a miríades de companheiros que ansiavam por morte, sangue, vingança, sem pensar nas consequências de seus atos e na forma insidiosa de suas atuações.

Naqueles momentos terríveis que antecipavam a Inquisição, chaga moral de séculos na face do planeta, muitos foram os companheiros que se arrojavam a abismos de dor e de testemunho, enquanto outros, aparentemente vitoriosos, se endividavam, comprometendo o futuro de forma incrivelmente dolorosa. Por mais que nos detenhamos nesta análise o quadro de nossas observações empalidecido, diante da realidade momento em que as histórias particulares, familiares se desenrolavam de maneira dantesca e cruel.

Cada uma destas histórias comporia compêndios grossos, páginas de lágrimas, dores, testemunhos atroz, que até hoje influenciam aqueles seres, em novas roupagens, em vidas que se perdem na fumaça do tempo.

Pequena parte destes relatos deixamos no livro As Cruzadas, que contudo procurou calar sobre esta face violenta do ataque aos valdenses e cátaros, e sobre a Inquisição, na figura de Gregório IX, que estimaríamos no futuro como o companheiro Tiradentes, artífice e mártir da nacionalidade brasileira. Dói-nos, sobremaneira, vê-lo entre os mandatários do poder clerical, naqueles longínquos anos,

reconhecendo-o sempre ora como militar, ora como sacerdote, porém na maioria das vezes desviado de suas saídas incompletas, espiritual daquelas atribuições, pela forma como se deixou enredar por interesses imediatistas.

Não é fácil rever o périplo de nossas andanças, nas quedas em que chafurdamos no mal, sempre recomeçando com promessas novas e intenções de atingirmos o ápice de nossas conquistas, no dever, e no amor que Jesus nos ensinou.

Francisco nascera naquela hora horrível, com missão específica, como vimos no livro As Cruzadas, conseguindo interceder de tal forma a fazer acordos com Al Kamil, porém seus esforços foram baldados com a interferência do representante papal, cardeal Pelágio.

Também junto a Inocêncio III, depois junto a Honório III e até com Gregório IX, ainda agindo como cardeal-bispo, ele e seus queridos companheiros estavam tentando interferir, para que a perseguição aos cátaros parasasse, e para que se pusesse fim à tanta mortandade.

Nesta tarefa, era secundada por Inês de Assis, a querida irmã de Clara de Assis, que a seguira nas tarefas sacrificiais daquela hora, em meio ao clero, apesar de todo o temor misturado ao amor que sentia àquele clérigo.

Apesar das pressões que lhe faziam, lembrando-se da conversa havida em palácio, naqueles anos, quando o conde instara praticamente junto ao tio para que iniciasse a perseguição, sem dar trégua aos companheiros, Francisco e Clara, secundados por Inês, conversavam com os frades menores que pretendiam se dirigir ao Marrocos, afim de lá pregar a palavra do Cristo.

Otto, Bernardo, Acúrsio, Adiuto e Pedro estavam entusiasmados com a viagem que empreenderiam, cheios de otimismo e ardor cristãos, porém Francisco parecia trazer uma nuvem a lhe toldar o olhar, e aquele homem jovem, cheio de vida, sempre alegre e disposto a confraternizar com os mendigos da rua, com os miseráveis, a cantar e dançar com eles, esquecendo a sisudez imposta como prova de santidade pelo Papa, aos católicos em geral, ouvia-os de forma contrita.

Francisco olhava além dos limites humanos e percebia o grande perigo em que incorreriam seus irmãos, aqueles que o seguiam cheios de ardor e ânimo, na pregação das verdades eternas.

□ Contamos partir no próximo contingente das cruzadas, e para tanto, seguiremos para Veneza ou Pizano e usaremos os poucos recursos que temos, a fim de que possamos chegar ao nosso destino.- falava Otto com os olhos brilhantes de entusiasmo.

□ Alguns nobres nos dispensaram algum auxílio pecuniário e cremos que teremos sucesso em nossa empreitada, apesar da diferença de linguagem entre os povos. Jesus não nos faltará com o amparo, e tenho estudado um pouco a língua local, com um servo da casa de uns senhores que me dispensam especial atenção. secundava Bernardo, com os olhos fixos em Francisco, como se esperasse dele aprovação para seus projetos.

□ Claro que precisamos de tua aprovação, Francisco, de vez que conhecemos os sábios conselhos que sabes dar a todos e jamais nos abalancaríamos a tal empresa se nos desaconselhassem.- comentou Acúrsio como se mergulhasse fundo nas preocupações que toldavam o olhar sempre alegre do santo.

□ Jamais importaria minha vontade a quem quer que fosse.- respondeu Francisco, como quem estivesse entre o temor pelos seus amigos, pelas revelações que sentia em seu íntimo, como presságios negros para com aqueles companheiros, e a conduta em que sempre se ativera.

□ Estamos dispostos até ao sacrifício, e nem é preciso ir-se muito longe para correr risco de vida, secundou Adiuto - mas gostaríamos de ouvir teus sábios conselhos.

Clara e Inês percebiam o mutismo de Francisco e pareciam adivinhar o que ia à alma do amado líder, que ponderou:

□ Apesar das perseguições, a aceitação de nossa ordem por Inocêncio III, nos dá de certa forma um salvo conduto, no amparo junto aos membros da Igreja Católica. Sei que muitos de seus dignitários não vêm com bons olhos nossa forma de agir, e, por eles, tudo fariam para nos perseguir de forma ainda mais cruel que o tem feito aos albigenses, porém, em terras estrangeiras, onde o Papa não tem hegemonia, temo muito pela vida de meus amigos, já que o mundo está tão necessitado de quem lhe ponha algum juízo à cabeça e algum amor nas atitudes, que todos os aliados de Jesus são necessários.

Inês pensou na conversa havida com Hugolino de Segni e sentiu um arrepio passar-lhe pela espinha. Se, com aqueles homens cruéis havia tanto a temer, imagine-se o que poderiam passar nas mãos de gente que não tivesse ainda ouvido falar da doutrina de amor de Jesus.

Observou Bernardo, tão jovem e dinâmico à sua frente, e sentiu um temor ainda maior nascer dentro da alma. Era nestes momentos que admirava tanto Clara, que parecia jamais estremecer diante das circunstâncias mais diversas, e das pessoas mais tenebrosas.

Bernardo, sentindo que era chamado a optar, falou com simplicidade:

□ Não te sintas responsável por nós, amado Francisco. Sabemos que estamos todos sob o amparo de Deus e com a presença de Jesus em nossas vidas, e, nesta escolha, no momento presente, reconhecemos de sobejo o perigo que corremos, crendo-nos preparados para morrer pelo Evangelho se preciso for. Finalmente alguém verbalizara o pensamento de Francisco, pois eis que os via a todos trucificados de forma violenta por pessoas que desconhecia.

Francisco não poderia, em sua consciência, deixá-los partir, tendo tido aquelas visões, enquanto dialogavam de forma singela, como se tratassem de uma viagem sem perigo e sem importância.

Sabia que deviam confiar em Jesus, mas não sabia a todo o momento, que as pessoas estavam sendo massacradas, com os argumentos mais vis, que bastava uma ou mais pessoas delatarem alguém de feitiçaria, de pacto com o demônio, chamando como testemunha, gatos, cães, aparições, sonhos, objetos mágicos, e lá se ia o indivíduo à fogueira?

Não havia assistido ao suplício de numerosos infelizes, e não tivera notícias de outros, seus companheiros, amigos, conhecidos, das diversas peregrinações havidas por ele e seus companheiros, por todo lado, de forma horrível, inimaginável ?

Reconhecia que nascera naquele instante de tão terríveis acontecimentos, para interferir de alguma forma, a fim de que as criaturas lembrassem a doçura de Jesus, seus exemplos de amor e modificassem seu roteiro, mas sentia-se pequeno, fraco e incapaz, diante da tarefa que aguardavam dele.

Não bastava romper com a família carnal, não adiantava sofrer a incompreensão das pessoas com sua atitude de candura e bondade, não bastava verificar o quanto seus amigos e companheiros também sofriam a mesma imposição e incompreensão que ele, tinha ainda que sentir sua impotência para minimizar ou diminuir o sofrimento daqueles que o seguiam, com a mesma índole e esperança com a qual seguira ao Cristo.

Olhando-os como se fossem filhos de sua alma bondosa, Francisco sentiu que não poderia deixá-los partir, depois da premonição que tivera. Era o mesmo que deixá-los ir às feras, sem tentar impedir.

Lágrimas silentes começaram a cair-lhe dos olhos e a garganta parecia fechada, impedindo que articulasse palavras.

Clara tocou-o suavemente, como a lhe transferir forças, e lembrando de Hugolino, também Inês começou a chorar em silêncio.

Os frades passaram do entusiasmo à preocupação:

□ Irmão Francisco, se acreditas que não devemos partir, basta uma só palavra e atenderemos. - replicou Bernardo sentindo uma emoção diferente tomar conta de seu ser.

Mentalmente, Francisco pedia a Jesus seu amparo para aqueles companheiros. Sentia-os dispostos a qualquer sacrifício, porém era seu dever impedir mais violência, onde pudesse. Não estava há instantes meditando na sua fraqueza diante da hora presente ? Não estivera mergulhado em prece, percebendo o potencial singelo que oferecia ao Cristo, para impedir as atrocidades que ouvia dizer aconteciam por todo o lado ?

Como conciliar seu imenso desejo de servir com as poucas forças que possuía ? E que direito tinha de lançar outras criaturas naquela aventura em que se abalançara, por amor a Jesus ?

Se as lembranças mnemônicas de vidas passadas lhe serviam de impulso às realizações, olhava agora os companheiros e sentia imensa ternura, mas também enorme responsabilidade para com eles, pelo direcionamento que dera às suas vidas, sem desejar interferir em qualquer coisa, além de minimizar o sofrimento das criaturas.

Olhava para Clara, aquele ser de luz, tão irmão do seu, que parecia que se haviam fundido numa só alma.

Olhava para Inês e lhe reconhecia a dor de um amor impossível ainda cheio de temor pelo cardeal, sobrinho do Papa, olhava aqueles homens imbuídos de boa vontade e amor, e se perguntava se tinha o direito de esperar deles um sacrifício que não desejava.

Foi com imensa dificuldade que conseguiu articular algum som, quando Acúrsio verbalizara:

□ Pai Francisco, não sofra por nós.

□ Filhinhos, se posso encontrar em vocês algum consolo, suplico que não prossigam com estas idéias, que não sigam agora para Marrocos, embora o dever e o amor lhes inspirem a viagem. Pensamentos e visões me avisam de um desastre ceifando-lhes as vidas, e, embora reconheça em cada um a disposição para servir até mesmo a este custo, não posso deixá-los ir, sem que algo faça para impedi-los, pelo imenso carinho fraterno que lhes dedico, filhinhos de minha alma.

Todos choravam diante do carinho e imenso esforço que o santo despendia naquele momento.

Abraçaram-se ternamente tomados pela emoção e ergueram singela prece a Jesus, agradecendo-lhe aquela intercessão a benefício dos frades.

A breve momento foram procurados por gente do povo, em busca de auxílio e ficaram com eles, dialogando, inspirando atitudes, e tomaram frugal refeição, procurando o descanso do corpo, quando a noite já se fazia alta, e as estrelas pareciam fitar do firmamento as muitas dores humanas.

O cansaço físico se impunha, mas ninguém se queixava. Tratavam de minimizar a dor alheia. Aquele era um processo difícil.

Cada um tinha a sua cruz para levar, eram caminheiros da evolução, com as dores íntimas, com as torturas morais, com as questões transcendentais para aprender, com a inteligência para burilar, com suas próprias mazelas a resgatar.

Compreendiam que a perfeição é obra do dia a dia, e a história própria de cada um estava sendo escrita em cada palavra, a cada ação.

Familiares, amigos, desafetos, necessidades exteriores e ideais a sublimar lhes requisitam atitudes, e os mandatários do poder, no cenário dantesco de tantos suplícios e atrocidades, lhes mostravam quão terrível era o momento vivido.

Encarnados e desencarnados, presos à Terra, estavam vivenciando uma luta mais terrível do que aquela dos primeiros mártires cristãos.

Era preciso muita coragem, para estar fisicamente no orbe, sonhando em reviver os conteúdos da Boa Nova, sem cair na fossa da negação, ou do egoísmo enquistante.

Os grilhões da impiedade estavam sendo forjados pelo fogo da maldade e soberba.

Desespero, perturbação, desconfiança. malícia, crueldade eram as armas da viciação, da frieza.

Era difícil, quase impossível, manter a paz por dentro, percebendo a maldição por fora, naquele clima de fel e insegurança.

Como enobrecer ensinando-lhes o amor, perseguição ?

Aquele dia que se iniciara com o encontro de Inês e Hugolino, e continuara com a reunião junto aos

companheiros do apóstolo desejosos de seguir para Marrocos, e terminara com a conversa franca e amigável, junto ao povo e suas questões particulares, mostrava que a aspiração de uns poucos era frágil, diante da tempestade que se avizinhava.

Refeita dos golpes do encontro com Hugolino, Inês repousava, calando os próprios temores e Francisco se lembrava da exortação das Bem-aventuranças:

“Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus....

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a Terra...”

Como era possível que as pessoas usassem o verbo para destruir e humilhar e a força para ferir os corpos frágeis e trucidá-los ?

Naquele dia pudera impedir a discussão entre Hugolino e Inês e conseguira impedir a viagem de seus irmãos. Não sabia, contudo, o que poderia ainda conseguir, diante da catástrofe que se avizinhava.

Todos os sinais das dores lhe eram visíveis, tal como fora clara a Jesus a despedida da ceia.

Percebendo os desajustes do próximo, Francisco se encheu de compaixão e orou fervorosamente.

Vencido pelo cansaço seu corpo tombou sobre o leito e ouviu a voz de Jesus a chamá-lo brandamente para o encontro astral, a fim de auferir forças e ouvir os conselhos Dele, para não deixar que o desânimo o tomasse, porque estavam a um passo da Inquisição. as almas, ajudando-as e naquele clima de terror e

Capítulo iv francisco e os cataros

Enoite, três vultos se deslocam silenciosamente, em meio à estrada íngreme, de terra batida, cobertos por mantos negros e por capuzes a esconderem ainda mais suas figuras.

A cada passo olham a volta, como se temessem um ataque inesperado.

Evitam conversar, parece que conhecem o terreno em que pisam e sabem para onde se dirigem.

Aos poucos outros vultos, como silhuetas negras aparecem na paisagem noturna. Parecem se reconhecer, aquelas pessoas simples, despojadas de atavios, desarmadas, utilizando apenas a fraca luz lunar, sem levar nenhum elemento que possa iluminar-lhes o caminho.

Entre elas, duas jovens de pele clara, longos cabelos escuros ocultos sob as vestes, com um cinto a demarcar-lhes a cintura, sandálias singelas a lhes proteger os pés, olhos castanhos, acompanhadas de um homem que parece ter ascendência sobre elas, pois o acompanham sem titubear, denotando que ele é um líder para elas.

Todos aqueles vultos estranhos, ocultos sob o manto escuro da noite sabem para onde caminham. Têm a noção exata para onde se dirigem e acompanhando-os os vemos chegar a uma gruta de enormes proporções, talhada na montanha de forma natural.

Acompanhamo-los em silêncio, somente cortado pela respiração alterada pelo esforço da subida, e pelo som abafado dos passos.

A caverna é aconchegante, com as paredes de terra sustentando a abóbada natural, que permite um ambiente agradável, de larga estrutura mantendo um frescor da noite e protegendo dos ventos da inverno e da chuva que as vezes ocorre na região.

À medida que chegam, as pessoas se cumprimentam de forma espontânea e amigável, e o sorriso aparece nas faces, agora desveladas pelas tochas que alguns acenderam no ambiente.

Quando percebem que tem no recinto um número considerável de pessoas, entre homens e mulheres, todos ajazados de forma simples, com roupas escuras que demonstram que este é um fator escolhido para protegê-los de ataques, para ocultá-los durante a noite, o rapaz, que acompanhava as duas jovens, levanta-se saudando a todos com sincera expressão de fraterna camaradagem:

□ Meus amados irmãos, que a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja entre nós. Viemos margeando o sul da França, onde dão-nos informações terríveis do martírio de milhares de companheiros. A maioria dos núcleos que conhecíamos foram exterminados, com ataques sistemáticos e não deixam margem de dúvidas com relação ao que nos aguarda, nestes dias que vivemos. Podemos a qualquer momento ser mortos, sem que se nos dê oportunidade a quaisquer defesas, porque uma onda de violência varre as províncias, e toda pessoa que puder dar cabo de nossas vidas, conta com o beneplácito das autoridades eclesiásticas e dos nobres, conseguindo promessas de uma vida porvindoura nos céus.

Diante deste quadro, eu lhes trago o carinho dos remanescentes de Sur Le Reine, de Massada e do Mosteiro de Montségur.

Nossos amigos e irmãos prosseguem sem temor, porque acreditam no que estamos realizando, levando o Evangelho de Jesus, em vivência plena a toda a região da França, Espanha e Portugal.

Nós, inclusive, estamos presentemente demandando a Espanha, de vez que ali a perseguição se faz inda menos densa, apesar das instâncias das autoridades eclesiásticas, concitando os nobres a que se aliem à destruição em massa de todos os agentes de nossos ideais.

Diante disto, antes que prossigamos na leitura edificante do Evangelho, com as considerações do estudo da noite, e das manifestações que possam acontecer entre nós, solicito que os amigos reflitam se desejam prosseguir com a divulgação que pretendemos, ou se desejam guardar-se nos seus lares, junto a suas famílias, transmitindo aos descendentes o material de nossas certezas, até que esta onda de selvageria e mortandade tenha terminado.

Informam-nos as entidades espirituais que nos seguem que se espera um extermínio cada vez maior, não apenas pelos anos seguintes, mas também pelos séculos afora, com perdas de vidas de forma inimagináveis.

Deste modo, as notícias que trago, dos lugares por onde andei, junto às irmãs Joana e Ana, me levaram a pensar que deveria alertá-los quanto a isto.

Um jovem de aparência nobre, com os olhos profundos e olheiras que denotavam esforço físico e má alimentação, levantou a mão, pedindo licença para falar, no que foi atendido:

□ Irmão Pedro, perdoa minha interferência, mas se é o momento de testemunharmos quanto a Jesus, por tudo o que Ele representa em nossas vidas, não estaremos negando-o, recolhendo-nos em nossas casas, escondendo nossas escolhas, e, de algum modo, interrompendo a divulgação de sua Boa Nova, por temor da morte, do martírio, aquele mesmo que levou milhares de pessoas ao Circo Romano?

□ Também penso assim. -falou uma jovem de voz meiga e doce em meio ao grupo.-Saí de minha casa, contra a vontade de meus pais, praticamente fugi, porque eles não entendiam minhas escolhas, e como retornar agora, pedindo-lhes perdão e acolhimento ?

□ Compreendo a dúvida que se instala em seus corações, dispostos ao sacrifício por amor a Jesus, mas não é Ele que nos pede a vida, e sim aqueles que ainda não O entendem. Arrostar o mal não será criar mais algozes, sem necessidade ?- ponderou Pedro com a fala mansa e branda. - Digo isto, porque nossa irmã Joana pretende voltar à sua casa e somente eu e Ana vamos prosseguir. Como vêem cada qual tem seu livre arbítrio e nem por ela voltar diminuiu nosso parecer a respeito dela, porque sabemos que ela continuará a servir ao Mestre onde se apresenta, auxiliando seus irmãos em peregrinação pela Terra. Não creio que Jesus nos peça o martírio, e sim que ele nos é imposto pela maldade e inferioridade dos seres humanos, que ainda não O conhecem, ainda que muitos falem em Seu nome.

Meus amados irmãos, trouxe as notícias que tenho e a minha maneira de pensar, mas não quero impô-la a quem quer que seja.

Lembrem-se que os discípulos tudo fizeram para libertar João da prisão de Nero, e ele caminhou no amparo a Maria de Nazaré em lar humilde em Éfeso, e também como prisioneiro em Patmos, para nos trazer o Apocalipse.

Quero apenas solicitar que se alguém estiver demandando o norte da França, que possa levar consigo nossa querida Joana, a fim de que ela possa retornar sã e salva à sua família. Com relação a isto, que os companheiros que se dirigirem à região da Normandia que nos procurem, após nossos estudos. Maria também está juntando tudo quanto trouxemos em mantimento, para uma refeição conjunta, e espero que todos já tenham lhe entregue o material para nosso banquete, logo após os estudos que pretendemos fazer. Solicitaria agora que alguém entre os presentes se dispusesse a fazer uma prece, com a qual iniciaremos nossa leitura do trecho proposto.

Uma senhora de meia idade, que pelas suas cãs destoava da maioria dos presentes, que eram mais jovens, homens e mulheres com maior disposição física, destacou-se em meio aos presentes.

Levantando-se do local onde se sentara, com um simples olhar se impôs ante os companheiros. Muitos já tinham ouvido falar dela, conheciam suas disposições de servir e a sabedoria com a qual se havia nas mais diversas circunstâncias. Com inflexão emocionada na voz, ela falou:

□ Mestre amado, abençoa-nos a reunião singela e auxilia-nos a saber qual a tua vontade a nosso respeito, neste momento difícil que atravessamos. Sabemos, querido Mestre, que teu Evangelho de Luz foi deturpado por aqueles que juram defendê-lo, e conhecemos que é na ação do bem que reconhecemos os teus seguidores. Senhor, contudo, sabemos que não desejamos que sejamos temerários no concurso que esperas de nós, nem pretendemos agir fora dos parâmetros que nos deixaste. Ousamos orar por aqueles que nos perseguem, pelos que nos caluniam, pelos que desejam nossa morte, e também por todos aqueles que partiram sob o gúante de tão duras provações. Senhor, danos o entendimento para saber o que desejamos que façamos, cada um de nós de per si, e como um grupo unido e harmonioso.

Agradecemos a benção deste encontro, na calada da noite, da união fraterna para falar de Ti, desta união que nos fortalece, porque não há alegria maior do que aquela de conhecer-Te e servir-Te em todos os momentos.

Abençoa-nos, Mestre, e dá-nos a conhecer a Tua palavra, mais uma vez, para que não nos percamos nas trevas do mundo, neste instante de tão duras atribuições.

Calou-se a medianeira e todos a acompanhavam com o espírito voltado para as sublimes emanções daquele instante. Entidades luminosas que já haviam partido sob a imposição da violência, trucidados das formas mais vis, adentravam aquela gruta singela, cujas paredes pareciam distender-se até o infinito e uma emoção pura e cariciosa invadia todos os presentes.

Tomando o pergaminho que trazia preso por dentro da túnica, Pedro desenrolou-o, escolhendo ao acaso um trecho do Evangelho para o comentário da noite.

Entregou o mesmo ao jovem que havia tão impetuosamente demonstrado seu desejo de morrer pelo Cristo e a voz sonora do moço se ergueu, lendo o trecho de João, capítulo 7 ,versículo 6:

“Disse-lhes, pois, Jesus: Ainda não é chegado o meu tempo, mas o vosso sempre está pronto.

7-O mundo não vos pode aborrecer, mas ele me aborrece a mim, porquanto dele testifico que suas obras são más.

8- Subi vós a esta festa: eu não subo ainda a esta festa, porque ainda o meu tempo não está cumprido.

9- E, havendo-lhes dito isto, ficou na Galiléia.

10- Mas, quando seus irmãos já tinham subido à festa, então subiu ele também não manifestamente, mas como em oculto.”

Calou-se o mancebo e um senhor que se postara ao fundo, de tez morena e cabelos que já vinham embranquecendo, comentou:

□ Se não me engano, este trecho fala do momento que antecede o martirólogo de Jesus, quando os sacerdotes já O buscavam para O matar, e Ele ainda esteve entre nós, auxiliou a mulher adúltera, curou no sábado e pregou no templo, até ser entregue no Jardim das Oliveiras.

Parece-me singular que tal trecho tenha sido escolhido justamente hoje, quando falamos da necessidade

de nos poupar à morte, não por covardia, mas porque é mister que possamos ficar um tempo sobre a Terra, a fim de transmitir as verdades que nos foram entregues, dos textos sagrados. É mister que não nos entreguemos à sanha de nossos perseguidores. Parece-me que o trecho é um convite a que meditemos na responsabilidade de permanecermos como atalaias da Boa Nova, neste momento de tantas mortes. Eis que sinto que muitos dos mártires da hora presente, neste momento, comungam conosco os estudos apostolares. Sinto-os presentes neste recinto de simplicidade e candura, demonstrando sua imortalidade e a alegria de terem dado suas vidas pelo que acreditavam, mas, ao mesmo tempo, sinto como se eles nos pedissem cautela, suplicando que, de algum modo, nos ocultemos à sanha de nossos algozes.

□ Sim, alvitrou uma outra mulher que parecia acompanhar o senhor. Falaste muito bem, porque também estou sentindo a presença de alguns amigos que me antecederam na jornada espiritual e percebo que eles cuidam que nos fortaleçamos, mas sem que nos entreguemos inermes às mãos dos criminosos que nos tentam obstar. Veja que o Mestre falou que sabia que as criaturas que O buscavam eram más. Por mais amemos nossos irmãos de Humanidade, não podemos desconhecer o que os move. Não é maldade pensar deste modo, porque Jesus sabia o que mobilizava os assassinos que o buscavam matar, e nós também sabemos o que mobiliza estas pessoas a nos perseguir. Ignorar isto é demonstrar uma ingenuidade perniciosa, não é um sentimento cristão.

□ Contudo, - falou o jovem que lera o trecho evangélico- Jesus não pode fugir à morte na cruz, e este foi o testemunho de Seu amor pela humanidade, e voltou para provar que a morte não existe. Cada um foi falando o que o trecho lhe inspirava, até que Pedro, divinamente inspirado, solicitou que os comentários parassem e que se fizesse ouvir a palavra de intercâmbio com os chamados “mortos”, a fim de terminarem com os estudos que se faziam ali.

Todos se recolheram interiormente, e a senhora mais madura, que parecia exercer uma ascendência natural sobre aqueles seres, modificando o semblante, que parecia irradiar uma luz interior fulgurante, envolvida pela doçura de uma entidade com a qual se acumpliciava nos afazeres doutrinários, deixou-a falar com firmeza e brandura:

□ “Queridos filhinhos de minha alma, possa Jesus abençoa-los nas duras provas pelas quais passam. Sabemos que o momento vivido foi prognosticado de há muito e que todos conhecíamos as lutas que nos aguardariam nas múltiplas andanças no corpo carnal, até que o Evangelho de Jesus passasse a ser a lei inscrita no coração das criaturas.

Todos conhecemos de sobejo a história de multidões que se aliaram a Jesus, na mudança necessária do orbe terreno, e todos temos a esperança de servi-Lo inscrita na alma, como uma jóia de inigualável valor, a nos alentar e a nos levar adiante.

Contudo, meus queridos, a palavra inspirada para leitura nesta noite, nos fala de que o próprio Cristo, sabedor da maldade das criaturas, adiou a própria morte, não por temor, mas porque importava que mais pudesse fazer, antes de partir.

Isto nos induz a pensar que também temos uma responsabilidade muito grande para com a vida terrena, que Deus nos deu para aprimorar nossos espíritos cheios de quedas e erros do passado, mas que agora, erguidos à luz de nova esperança, procuram alicerçar as mudanças necessárias em si mesmos e nos outros, para melhoria do mundo, no serviço a Jesus.

Não nos fica nenhuma dúvida quanto ao aconselhamento evangélico, tão inspiradamente escolhido como se fosse ao acaso por nosso companheiro Pedro.

Deste modo, aconselhamos que procurem partir em grupos pequenos, continuando a viajar noturnamente, fugindo às estradas principais, fazendo suas preleções em casa ou grupos seletos, até que possamos nos ver em plena claridade diurna, para falar o que convém sobre o Cristo.

Não nos deixemos levar pelo roubo de nossas almas ainda infantis, não busquemos a temeridade de arrostar o mal, porque se sobreviverem no corpo físico, menor ônus será cobrado de seus inimigos, e pelo menos por amor a eles, permaneçam no Evangelho e quanto possível, mantenham-se vivos.

Queridos companheirinhos, jamais se deixem levar pelo arrebatamento e pela temeridade. Vigiai e orai, não podem saber a hora em que serão chamados a perder a vida física, mas, dentro do possível, procurem manter-se vivos, para transmitir o que convém às gerações futuras.”

Calou-se a entidade amiga, depois de algumas exortações fraternas e percebia-se a emoção que tomava conta daquelas almas, e todo o manancial de pensamentos que os envolviam.

Após as preces, os companheiros e amigos trataram de trocar suas impressões de viagem, e tomaram juntos uma refeição feita de frutos colhidos na região e grãos cozidos, trazidos pelos moradores das redondezas.

O dia principiava e os moradores das redondezas se retiraram para suas casas, levando alguns hóspedes. Poucos ficaram para descansar durante o dia na gruta, de onde à noite, demandariam novos caminhos a percorrer.

Joana despediu-se de Pedro e Ana, pois retornaria à sua família, com notícias da irmã, procurando seguir sua vida de forma a não atrair a ira das autoridades locais .

Quando a noite caiu novamente, alguns vultos saíram da gruta, dirigindo-se ao vale, lá embaixo.

Agora seguiam juntos Ana e Pedro, levando consigo o tesouro das páginas do Evangelho. Pretendiam parar em algum local e copiar aquelas anotações, a fim de que as pudessem deixar em algum outro local, em algum outro agrupamento, como presente. Levavam as cartas evangélicas do apóstolo João, as anotações que ele fizera sobre a vida de Jesus.

Em razão disto, após caminharem toda a noite, o sol os surpreendeu ainda em caminho. Não haviam encontrado um pouso, nem um local onde pudessem se esconder. A região não lhes propiciava um abrigo,

onde esperassem a treva noturna, para encetar viagem.

Pararam à beira de um caminho iam a subir uma encosta, para chegar a um local mais alto e mais ermo, onde copiaríamos as anotações. Junto com eles, mais uns seis viajantes que haviam encontrado no caminho e que tinham identidade de ideal, os seguiam de perto.

De repente, ouviram um ruído de cavalos vindo em velocidade. Sentiram o perigo próximo e trataram de correr, tentando subir rapidamente o morro, no sentido de fugirem aos homens que chegavam a cavalo e que, por certo, montados não conseguiriam transpor o terreno.

Contudo, tudo aconteceu de forma muito rápida, os cavaleiros que chegavam vinham armados e desmontando, perseguiram os oito companheiros que tentavam fugir, varando-os com suas espadas, lanças e punhais, pelas costas, sem que ninguém tivesse tempo de esboçar a menor reação.

A violência e rapidez do ataque apanhou a todos de surpresa e caíram varados, com o sangue tingindo as vestes e o chão. Um daqueles homens se assenhoreou então dos pergaminhos, como se fosse um troféu.

□ Levemos isto às autoridades e seremos tidos a conta de heróis. - falou aquele que era como um líder do grupo animalesco.

Logo se ouvia o tropel de seus cavalos saindo em disparada.

Foi neste momento que dois homens saíram de trás de alguns arbustos. Tratava-se de Francisco, que com um frei amigo, retornava de sua tentativa de seguir para Marrocos. Francisco adoeceu, e vinha pela Espanha em busca da Itália novamente. Quisera substituir os freis que impedira de ir em pregação por Marrocos, queria a todo custo modificar as visões que tivera da morte deles, porém a doença o impediu de seguir.

Vendo os corpos caídos no solo, levantou sentida prece a Deus e a Jesus, suplicando pelo amparo aqueles mártires, e viu seus espíritos se elevarem levados por entidades amorosas e amigas.

Certo de que não poderia saber suas identidades, nem avisar seus familiares, tratou de abrir covas onde os enterrou.

Estava neste mister, quando os mesmos que haviam assassinado aquelas oito criaturas retornavam com intenção de levar os corpos à fogueira.

□ O que está fazendo, vagabundo? - perguntou o principal do grupo.- Vamos dar-lhe uma lição !

E empunhando a espada, partiu para cima do homem , porém um grito se ouviu atrás de si.

□ Pare, Cisneros! - É o santo de Assis!

A fama de Francisco o precedera, e, naquele momento, era o meio que a Espiritualidade tinha de salvá-lo a vida.

A espada estancou no ar. O cavalo foi contido e aqueles homens pararam como se reverenciassem os dois homens ali, aos seus pés, em atitude de amor.

Cisneros puxou a rédea do cavalo e retornou pelo caminho que viera.

E aquele dia o Plano Espiritual colheu novos heróis, enquanto seus corpos eram enterrados, com todo desvelo pelos dois frades.

Se o coração de Francisco demonstrava coragem e firmeza de sentimentos, assistir aquelas mortes súbitas, perpetradas de forma tão violenta, abateram-lhe mais ainda o corpo já de si mesmo tão alquebrado pelos trabalhos excessivos, pelas vigílias noturnas e pelo desgaste nas viagens empreendidas. Apesar da fidelidade com a qual abraçava suas tarefas, mergulhando no ideal de amar e servir, ligado à Esfera Superior, em pensamentos e atos, a intranquilidade e ferocidade do momento vivido e o cansaço físico impuseram ao santo de Assis tristes revezes.

Confiava em Jesus e amava a Humanidade, trazia valioso lastro de fortaleza moral e conhecimento, todavia não conseguia promover a paz e o entendimento em escala maior.

Acreditava na força do bem, sua alma se sentia vigorosa, mas o corpo lhe pedia repouso e as emoções lhe abatiam a esperança.

Os problemas de saúde eram manifestos, e os golpes homicidas que assistira lhe encarceraram o ânimo.

Desvãos e insanidades alheios se assenhoreavam de suas forças.

Um gosto amargo de fel tomava conta de sua boca, e o império da violência desvairada, causava-lhe uma opressão no peito.

Foi preciso que o companheiro de jornada o amparasse até uma fonte cristalina, onde a água fresca e pura lhe restaurasse as forças físicas.

Em seguida, buscaram uma estalagem, onde se demoraram uns dias, até que o repouso propiciasse forças novas a ambos.

Reconhecidos e reverenciados, foram assediados pelos donos do lugar e pelos hóspedes, a lhes solicitar conselhos.

Apesar do abatimento, Francisco os atendeu como pode, e refeito retornou às estradas de volta à Itália.

Uma coisa era saber pelas conversas que ouvia, pelas notícias que chegavam de todo o lado das atrocidades que estavam sendo efetuadas, outra coisa fora assistir pessoalmente aos desmandos da violência e à morte de várias pessoas.

Apesar de muitas vezes seu espírito pairar de um lado para o outro, tentando minimizar as dores alheias, impostas pela perfídia de uns poucos, ter visto de perto aquele morticínio, à plena luz do dia, fizera com que sua alma se abatesse em sofrimento atroz.

Cada vez mais sentia que precisava interferir junto aos mandatários da Igreja, no sentido de acabar com aquela violência.

Jamais descansaria enquanto não pudesse por cobro às suas investidas. Jesus haveria de valer-lhe naquela disposição.

CAPITULO V ERA DAS TREVAS

Nunca antes a Terra mergulhara em tamanho marasmo, em tanta violência, em total ausência de valores espirituais.

Por todo lado a ganância, a maldade, as idéias malsãs, o cipoal das emoções mais vis, instituindo a crueldade, a perseguição, em nuances inimagináveis.

Jesus e seus maiores colaboradores não mediam esforços no tentame de trazer as criaturas a mudanças radicais de atitudes. Tudo em vão. Pessoas das mais diversas origens, das camadas sociais mais díspares, nas localidades mais habitadas ou mais despovoadas, se deixavam enredar nas malhas sinistras do mal, instituindo uma era que seria conhecida futuramente como a Era das Trevas.

Impossível dimensionar totalmente o quadro daquele momento, onde milhares de seres subiram a patamares de sublimação e renúncia, e outros desceram a abismos dantescos de perversidade, nas quedas seculares.

Entre estas milhares de criaturas estávamos nós, os trabalhadores de última hora, necessitados hoje de recursos para o soerguimento de nossos espíritos. Eu, César, Alvarenga, Cláudio, Tiradentes, os amigos inconfidentes todos estivemos nas guerras das Cruzadas. Eu como militar nobre no avanço em direção do Oriente, e Tiradentes, como Gregório IX e Cláudio Manoel e outros nas vestes nobres ou sacerdotais, a granjear débitos que tanto nos custariam no futuro.

Muitos dos mártires daquela primeira hora estariam se unindo nas tarefas da Doutrina dos Espíritos neste início de milênio e final do outro, junto com aqueles muitos que delinqüiram naquele momento.

Quanto a isto, estamos felizes por podermos hoje nos incorporar às lides dos trabalhadores da última hora, depois de termos lutado bravamente pelos novos rumos da nação brasileira.

Mas voltemos à nossa História. Francisco junto a frei Luis retornaram a Porciúncula, onde o santo de Assis procurou recuperar as forças combalidas, por tantos sofrimentos vivenciados em toda parte.

No ano seguinte vamos encontrá-lo, junto a diversos membros de seu agrupamento no IV Concílio de Latrão, no qual tomaram parte 442 bispos e mais de 800 pessoas. Seu cânon 13 é aprovado impedindo o surgimento de novas regras.

Francisco se preocupava com o surgimento de muitas irmandades fanáticas, que poderiam ser utilizadas pelo poder papal, na perseguição aos grupos simples ligados ao Evangelho de Jesus, como estava acontecendo.

O santo voltara tão abatido, por assistir a morte de seus companheiros cátaros na Espanha, e de ter sido quase sacrificado também com eles, que ficou na dúvida se deveria prosseguir em seu apostolado, pregando a vivência evangélica ou ficaria segregado em seu agrupamento. Muitos foram os contatos neste tempo com frei Silvestre e com Clara, que não o deixaram se abater frente ao momento vivido, incentivando-o a manter-se em contato com o povo, demonstrando dia a dia sua maneira de ver a vida e de vivenciar as verdades eternas.

□ Lembre-se, meu querido, que o próprio Cristo saiu a pregar por três anos, dando seu testemunho de amor e sabedoria por onde caminhou, entre todas as classes sociais e entre todas as pessoas. Seríamos nós maiores do que Ele que jamais fugiu ao testemunho ? - ponderara sabiamente Clara, pondo tanta ternura e autoridade na voz, que Francisco sentiu seus olhos marejarem-se de lágrimas.

□ Além disto,- comentara Silvestre- tenho para mim mesmo que fomos exortados a não colocar a candeia sob o velador, mas em local que iluminasse a todos da casa. Pois nunca soube que houvesse tanta necessidade de luz, como atualmente, porque vivemos imersos em trevas, e devemos procurar iluminar as consciências. Se nos faltares com tua palavra e teu exemplo, o que será de nós, Francisco, que nos alistamos nas coortes do bem, ouvindote o chamado e vendo-te o exemplo ?

E, naqueles dias, observando com seus olhos espirituais e percebendo as ligações entre o conde Hugolino e Domingos de Gusmão, o envolvimento em que a maioria do clero estava, sabendo o clamor e o pranto que se ouvia de todo lado, Francisco lembrava-se do percurso que fizera em Santiago de Compostela, e das visões amoráveis que tivera e das exortações de Jesus, para que não abandonasse sua tarefa. O Cristo lhe fizera ver que deveria ir para frente de batalha. Mas ele tentara seguir para a Síria e Marrocos e o corpo combalido o impedia.

Descansava fisicamente aqueles dias, entre os maiores do clero, mas sua alma estava fragilizada, sentindo o peso não apenas da responsabilidade, mas do envolvimento daqueles senhores.

Diante disto, conversou com Clara, da necessidade dela aceitar o cargo de abadessa, este título da regra de S.Bento.

Clara não queria privilégios e fez-lhe ver que queria continuar somente com o privilégio da pobreza. E foi por insistência dele, que ela aceitou o título, apresentando junto sua escolha pela abstenção das riquezas.

□ Meu querido, se devemos nos curvar, neste momento difícil, às regras da Igreja vigente, nem é menos verdade, que precisamos mostrar a estes homens poderosos que nossas escolhas são outras, e devemos possibilitar que as pessoas nos sigam o exemplo.

Também naqueles dias eles perceberam que a saúde do pontífice se fazia abalada e que, frente a isto, os

cardeais e bispos conversavam quase abertamente sobre quem lhe sucederia, aguçando a ambição de uns poucos.

Falava-se abertamente de sua substituição, ora por Hugolino, seu sobrinho, ora por outros membros fortes do momento.

Num daqueles dias, Inocência III desejou avistar-se com Francisco, que lhe foi ao encontro. Ambos estavam abatidos, a saúde era fraca, mesmo sendo Francisco bem mais moço e Inocência pediu-lhe pessoalmente que interviesse nas lutas militares que se faziam no Oriente.

□ Meu filho, que bom que vieste. - falou o pontífice, depois que Francisco inclinou-se à sua frente e lhe beijou as mãos. - Sinto que logo estarei longe do mundo e estou muito impressionado com as coisas que vêm acontecendo em meu pontificado. Tudo tenho feito para manter a unidade da Igreja e estou em dúvidas se estou agindo de forma correta. As pessoas agem segundo seus instintos e muitos estão abusando das ordens emanadas da Igreja, utilizando-a em benefício próprio. Já nem sei bem com quem posso contar, seja entre os reis e nobres, seja entre os ricos ou mesmo em meio ao clero. É como se eu estivesse num ninho de cobras.

E como o pontífice tivesse parado de falar, fitando o frei ao seu lado com olhar cansado e súplice, o santo de Assis, pedindo ao Alto proteção para o que diria a ele, falou com bondade:

□ Meu pai, sei do imenso fardo colocado às tuas costas, nestes anos e peço a Jesus que o minimize, para que possas servi-Lo com tranquilidade. Verdade que as ordens emanadas de S. Santidade deram margem a injustiças e atrocidades, e desejo sinceramente que haja tempo ainda de por-lhes um freio, em nome do amor que nos conduz.

Inocência mudou a expressão facial, sentindo no frei a firmeza de posicionamento, mas também a censura às ordens papais, e a tentativa de mudar-lhe as disposições.

□ Sei que eu sou o mais ínfimo dos servos de Jesus, para abalar-me a falar deste modo, mas faço-o de coração, pois sei que ambos logo estaremos diante de nossos juízes, tendo apenas a nos defender as próprias atitudes. É mister parar com estas mortes desnecessárias e podar os vôos das aves de rapina que tudo atacam, para tirar proveito. Sei que S. Santidade tem condições de fazer isto. Basta uma ordem e as legiões retornarão para casa, o morticínio aqui e no Oriente cessarão e as vozes dos anjos cantarão louvores das alturas à sua ação de representante do Príncipe da Paz na Terra.

Um rito de endurecimento perpassou pela face do homem envelhecido à frente do frei. Não. Aquilo era pedir-lhe demais. Urbano II iniciara o ataque aos mouros, ele o secundara, até para varrer-lhes a influência na Europa, e não podia consentir que os cátaros estivessem em tanta evidência, arrebanhando almas ao seu aprisco, tirando-lhe a supremacia, como representante de Jesus sobre a Terra, o único representante de Jesus, a quem os demais deviam obediência.

Francisco percebeu que fora longe demais. Calouse entristecido, nem mesmo teve forças para pedir desculpas por sua ingerência nos assuntos da Igreja, a qual servia.

Inocência pigarreou, modo seu de indicar aborrecimento e ponderou:

□ Meu filho, minha posição não é tão simples, quanto a tua, ou daqueles que servem à tua Ordem. Os assuntos em que me detenho têm maior abrangência e sei aferir muito bem os perigos que corre a Igreja, representante de Jesus sobre a face da terra, nestes momentos difíceis. Rogue a Jesus que me dê saúde e força e conta comigo, para as decisões que precisares tomar, para onde quer que te dirijas. Aliás, meu sobrinho Hugolino tem pedido que lhe dê a condição de protetor de tua Irmandade e estou certo de que o fazendo irei de encontro ao desejo de vocês.

Francisco meditou em que era melhor ter aqueles homens como amparadores de seus irmãos, do que lhes instigar qualquer animosidade contra eles e agradeceu:

□ Sentir-nos-emos honrados e protegidos com esta distinção, meu Pai.

Inocência dispensou-o e ele saiu dali, para confabular com seus irmãos e irmãs, a fim de meditar sobre as dificuldades que pareciam se ampliar de momento a momento.

Naqueles dias foram informados que um antigo amigo de infância, da região de Assis, fora feito prisioneiro em Languedoc, e tudo indicava que seria sacrificado na fogueira.

Inês e Clara procuraram Francisco e o puseram a par dos fatos que lhes haviam chegado:

□ Tobias será morto, se é que já não o foi se ninguém fizer nada. - falou Clara com acentuado temor na voz.

Inês deixava que as lágrimas abundantes lhe corressem pelas faces. Francisco lembrou-se do amor adolescente, sincero e puro, que a jovem tinha por aquele mancebo de nobre família italiana, e bem podia sentir o quanto a dor a amargava.

□ Não posso pedir uma Audiência com o Pontífice, pois acabo de sair da sala do trono, onde com minhas palavras creio que aborreci o Papa.

□ Pois, então, procure Hugolino ou Reinaldo de Segni, Jacques Vitry ou algum de seus parentes e amigos, pois senão Tobias morre. Temos que interferir imediatamente, porque até que se envie um mensageiro com ordens, e até que chegue pode ser tarde. - falou Inês, sem medir sua ansiedade.

Clara, que sempre era ponderada e confiante, parecia envolvida com os cuidados com o amigo e com o sofrimento de sua irmã, que tanto amava o mancebo em questão.

Francisco percebeu que não tinha mais tempo para aprofundar aquelas informações. Virando-se para Inês, falou com firmeza:

□ Pois que as duas me sigam até os aposentos de Hugolino, que sei me receberá se forem comigo, pelo quanto as aprecia, e sigamos em oração mental, suplicando a Jesus que possamos impedir mais uma atrocidade, neste momento.

E os três se dirigiram ao local onde Hugolino estava hospedado com mais bispos e cardeais que haviam

participado daquele Concílio.

Foram recebidos com expressivas demonstrações de carinho, mas também de surpresa, por aquele homem alto, de olhar penetrante, e que demonstrava uma força e virilidade, bem acima dos seus avançados anos de vida física.

Após as saudações de praxe, o sobrinho do Papa os acomodou em rica e confortável sala, e perguntou-lhes o porquê daquela inesperada visita.

Foi Francisco quem se fez porta-voz das duas jovens ao seu lado:

□ Eminência, viemos agradecer suas providências no sentido de se fazer o orientador e protetor de nossa Ordem. Fui informado pelo Papa de seu desejo neste sentido, o que muito nos dignificou. - comentou o homem de Assis, surpreendendo as duas mulheres que nada sabiam a respeito.

O cardeal sentiu um prazer enorme com as palavras do frei, mas percebeu que aquele era apenas um preâmbulo ao verdadeiro motivo daquela visita e ponderou simplesmente:

□ Minha felicidade maior seria de poder sempre agrada-los com minhas iniciativas, porque os tenho em alta conta e vocês conquistaram meu coração.

A inflexão dúbia daquelas palavras fez corar Inês, mas, sempre disposta a tudo, para salvar o jovem que fora móvel de tantos sonhos em tão poucos anos, ela fitou Francisco, como se lhe pedisse apressasse as providências que os haviam feito ir até ali.

□ Fiz ver ao Pontífice o quanto estas disposições a nosso respeito nos felicitam. Porém, desde que o vemos disposto a amparar-nos e direcionar-nos, com sua sábia atuação, ousamos desde agora lhe pedir a intercessão a benefício de um amigo de longa data, que conosco conviveu na infância em Assis, e que pretendemos se torne um dos membros de nossa Ordem, como nos fora informado por um amigo comum, que falara a seu respeito.

Acontece que nossos melhores desejos neste sentido serão baldados, caso se concretize uma perseguição que lhe foi movida, estando ele em Languedoc em viagem, para tratar de assuntos pertinentes à sua família. O pobre rapaz foi envolvido por inimigos que apresentaram contra ele falsas acusações e, Eminência, se não pudermos contar com sua intercessão e a do Papa, a quem não desejo incomodar, porque estive com ele e o senti cansado e abatido pelas tarefas destes dias, nosso amigo Tobias será morto nos próximos dias, tenho certeza.

O olhar arguto do cardeal ia de Francisco para Clara e Inês, e percebeu que o frei e Clara estavam movidos por uma afeição fraterna, mas o ciúme lhe fazia ver que Inês tinha expectativas outras para com o mancebo, alvo daquela intercessão.

□ Fale-me mais do moço que desejam subtrair a um julgamento, que, tudo indica, lhe será funesto.- pediu o cardeal, levantando-se e andando pelo aposento, pondo de momento a momento o olhar sobre Inês.

□ Senhor, não temos tempo para ficarmos em detalhes sem importância. - falou Inês, vencendo a timidez pelo medo que sentia crescer dentro de si.- Trata-se de um homem, cuja idoneidade moral confirmamos e se não fizermos algo, bem tardio se fará nossa intercessão e, portanto, sem méritos.

O cardeal não gostou do arroubo dela, e não lhe deixou dúvidas quanto ao que a jovem parecia sentir pelo mancebo, mas, querendo cativá-la pelo débito que teria para com ele, convidou-os a segui-lo até o local onde Inocêncio se hospedava e em sua carruagem chegaram lá, de onde saiu um mensageiro do Papa, em direção ao local onde Tobias jazia à espera da morte, salvando-o do martírio.

Com relação a isto, aquele jovem passou a dever-lhe pelos séculos vindouros aquela intercessão e também Clara, Inês e Francisco, que jamais se esqueceram do obséquio alcançado aquele dia.

Porém, milhares de outros padeciam injustiças e a região da península ibérica e o Oriente mergulharam num terrível mar de sangue e aqueles dantescos anos passaram ser conhecidos como a Era das Trevas.

O esforço desmedido do pequeno grupo franciscano parecia uma frágil vela atacada pelo vento, tentando iluminar quilômetros de treva. O verbo bem posto das autoridades fingia reverenciar o Cristo, criando mártires de forma categórica.

Tobias foi levado a uma região do Norte da Espanha, onde ficou abrigado com um nome suposto e bem oculto. Francisco temia acender os ciúmes do cardeal contra ele e recursos lhe foram enviados para que se ocultasse, enquanto sua família era informada das providências tomadas, causando-lhe alívio.

Entretanto, a Francisco isto não bastava. Procurava com a palavra levantar as almas a novas disposições. Expunha a intimidade de sua vida, trabalhava, cantava, pregava e em tudo punha a certeza de estar servindo a Jesus, através das criaturas.

Nas horas de descanso físico, ele e seus companheiros trabalhavam ainda mais, junto às multidões em número muito maior, a lhe requisitarem a atuação.

Na luz da Verdade, sua vontade se manifestava buscando os extravios da criminalidade, nos compromissos obscuros da violência, para sanar feridas, reerguer vítimas, modificar as criaturas, acordar as consciências.

Sua presença caridosa mostrava a justiça divina perfeita, que não se deixa levar pelos tribunais humanos. Constrangido pelas coortes do mal, mostrava-lhes a realidade das próprias escolhas, interpretando os fatos sob a ótica das Verdades Eternas.

Não impunha condições para o serviço de ajudar, pois percebia que uma fagulha de Amor poderia iluminar aquelas consciências obscurecidas pelo desamor, naquela terrível Era das Trevas.

O medianeiro encarnado, preocupava-se mais com a dor expressa sobre o orbe do que com as maquinações da corte papal ou o julgamento sempre falho das criaturas.

Era-lhe mais penoso reconhecer as lágrimas e a sandice do que os obstáculos opostos pela condição física em que se achava.

Queria poder multiplicar as próprias forças, com a energia própria dos heróis, naquele sentir de amor

ilimitado, mas a cada dia sentia-se mais depauperado e fraco.

Pedia aos céus perdão por não poder fisicamente corresponder ao tamanho do ideal abraçado e do amor que sentia dentro de si, por todas as criaturas, sem exceção, dobrando-se diante dos injustiçados e daqueles que eram os causadores das injustiças.

Assim são as almas nobres, verdadeiros faróis de luz, nas trevas das consciências, apóstolos desta Humanidade pobre e enlouquecida, perdida no cipoal de seus desejos e de sua ambição.

CAPITULO VI INES E TOBIAS

O Concílio ocorrera em novembro de 1215 e no ano seguinte Inocêncio III piora sensivelmente o estado de saúde.

Francisco escreve a Indulgência da Porciúncula pensando em pedir ao Papa que a aprove. Sabe que o pontífice não está bem e tudo faz para auxiliá-lo, pelos favores que lhe deve ao permitir-lhe fundar a ordem de clérigos dedicados a pobreza.

Mas os débitos de Inocêncio III para com a Humanidade, com o recrudescimento das perseguições aos cristãos cátaros, sua insistência no envio de tropas para o Oriente, dando continuidade a loucura de Urbano II, lhe granjeavam inimigos espirituais cada vez em número maior, que se acercavam de seus aposentos e lhe impunham noites de terror e de martírio.

Enquanto isto, fingindo uma preocupação que não tinha, Hugolino se fez visitador cada vez mais assíduo dos agrupamentos dos franciscanos e das clarissas.

Ardia de desejo de conhecer Tobias, que permanecia sob a proteção de Francisco que ainda temia por sua vida, não o tendo enviado ainda à Espanha.

Num daqueles dias, Hugolino quis conhecer o mancebo, alvo das preocupações de Inês e Clara.

O dia se fizera esplêndido aquela manhã, quando ele chegou sem avisar .

Francisco o recebeu com sinceras expressões de carinho e amizade.

□ Podemos agora saber porque o irmão Sol, chegou tão cedo aquecendo nossos corações, querido amigo. Folgo muito de estar aqui e não a percorrer as estradas, para lhe providenciar o que de melhor tivermos em nossas simples vivendas.

□ Eu é que me felicito de estar na companhia de um irmão cuja fama corre por todo lado, pelas benesses que dispensa a todos.

Francisco convidou o importante cardeal a acompanhá-lo até o refeitório onde lhe serviu capitoso vinho e pães desenformados aquela manhã, junto a mel e manteiga, e queijo feito pela sua comunidade.

Hugolino não pode deixar de evidenciar a diferença de sua moradia e do luxo de que se cercava, daquele modo de viver, tão humilde, mas tão aconchegante, que por um momento, sentiu que seu modo de vida em nada se assemelhava ao início do Cristianismo.

Após algum tempo de conversa, em que o frei procurou incutir na mente do eminente clérigo os conceitos de fraternidade, ciente de sua importância para as mudanças que se operavam no orbe, o cardeal-bispo deu a conhecer qual o móvel de sua visita.

Acompanhando o santo de Assis a sala de reuniões dos frades, acomodou-se numa poltrona e falou sem mais rodeios:

□ Vim conhecer o homem por quem estive batalhando, pois sei que sua vida foi salva da sanha de seus perseguidores. Gostaria de conversar com o homem que levou Clara e Inês contigo à minha presença com tanto desespero.

Francisco já adivinhara qual seria o móvel daquela visita e respondeu:

□ Estaremos sempre em dívida para consigo por esta atitude de amor fraterno. Sempre em minhas orações, percebendo a imensa importância que V.Eminência tem frente ao rebanho cristão, rogo a Jesus lhe ampare e abençoe as nobres atitudes. Eu mesmo gostaria que Tobias pudesse agradecer-lhe pessoalmente o ter-lhe salvo a vida e estava providenciando que ele fosse até sua presença, com esta finalidade. Sua visita, contudo, adiantou-se ao nosso desejo e isto é bem de ver-se com uma alma nobre, que reconhece o valor das dádivas de Deus, e, entre elas, a maior, que é o dom de viver.

Francisco ainda não tivera oportunidade de transladar e ocultar Tobias como desejaria, mas já avisara o mancebo de que, por certo, o cardeal gostaria de conhecê-lo e continuou:

□ Vou providenciar para que falem a sós, para que possas apreciar ainda mais o valor de seu gesto.

Pediria, Eminência, que meditasse, ao ver Tobias, quão poderosa é a mão de Deus, ao criar seus filhos e que pensasse com carinho na possibilidade de intervir com sua alta responsabilidade e com o valor de seu grau de importância nos meios cardinalícios e junto ao Papa, seu tio, para que cessem de vez todas as animosidades aqui, na França, Espanha, e no Oriente, dando testemunho de que somos mesmo os representantes de Cristo na face da Terra.

Hugolino teve o mesmo rito de endurecimento na face, tão semelhante a do seu tio Papa, que isto chamou a atenção do homem de Assis, e em prece mental, suplicou a Jesus que, de algum modo, pudesse intervir pelo menos para amenizar tanta violência. Em seguida o frei tomou uma sineta e a tocou, sendo que logo um frade apareceu, pronto a atender-lhe. Ao ver o cardeal, curvou-se em reverência e beijou-lhe a mão em sinal de respeito

□ Por favor, meu filho, diga a Silvestre que me traga à presença o nosso querido Tobias, que se recupera dos maus momentos vividos, para que pessoalmente agradeça a quem o salvou, pela graça de Deus.

O frei compreendeu o recado e deu nos calcanhares a cumprir a ordem e a avisar o alvo dela para que o

chamavam.

Francisco ainda tentou trazer a conversa para a misericórdia e compaixão divinas, mas Hugolino levantara-se e fingia observar a natureza fora, através da janela, que dava para extenso pomar, onde os pássaros, àquela hora da manhã, brindavam com variada e linda algazarra de gorjeios a esperança dos homens.

A breves instantes frei Silvestre chegou, acompanhado de um mancebo de profundos olhos negros, com a pele curtida pelo sol e os cabelos também escuros. Seu rosto era bem posto, com um nariz marcante e lábios grossos. Não usava barba nem bigodes e trazia uma indumentária parecida a dos frades, o que causou no clérigo um momento de perplexidade.

Sim, o rapaz era bem posto, irradiava uma atmosfera de romantismo e educação, parecia bem tratado, como se tivesse sempre respirado um clima de bom trato e carinho no ambiente familiar.

Francisco percebeu que o homem maduro sentia o impacto da presença de Tobias e compreendeu que o outro raciocinava, pensando em que Inês não podia deixar de estar apaixonada por um homem jovem, bem posto, bonito mesmo, que irradiava um certo quê de romantismo e ternura.

Foi com cuidado que ele apresentou Tobias ao cardeal:

□ Eminência, aí está o jovem irmão a quem salvaste, com tua bondade, intercedendo a tempo, para que mais uma injustiça não fosse perpetrada em nome da Igreja.

O cardeal teve um arrepio de susto quando o jovem ajoelhou-se diante dele e lhe osculou as mãos.

□ Não me agradeça. Agradeça a Francisco e às suas irmãs Clara e Inês, por quem foi que atendi ao pedido. – e vendo que parecera rude, acrescentou – Por que usas o fato dos frades? Iniciaste-te na Ordem?

□ Tobias perdeu todos os haveres, com os quais viajava e estava com as roupas em frangalhos e mal cheirosas, por isto lhe emprestamos alguma roupa até que possa conduzir-se e retornar à sua casa. Seu pai lhe providenciou uma escolta para que chegue são e salvo a Assis, e logo chegarão aqui seus servos com roupa adequada a transportá-lo. Contudo, como está seguindo nossa rotina, deu estes dias para me dizer que talvez ingresse na Ordem, o que seria de grande satisfação para todos nós.

Tobias concordou com um sorriso ingênuo:

□ Não sei se tenho méritos para servir a Deus, Eminência. Considero-me um rapaz ainda tolo que, se não fosse por sua intercessão, estaria morto neste momento, a espera do julgamento divino.

Hugolino ouviu-lhe as palavras cheias de emoção e meditou que se ele fosse servir à Ordem de Francisco, por certo, estaria muitas vezes junto a Inês e deixou escapar com firmeza:

□ O trabalho na Igreja, meu filho, é de molde a assustar as almas mais frágeis, como me parece a sua. Melhor te seria dedicar-te aos negócios paternos e cuidar da vida mundana, que muito teria a te ensinar. Pergunta a Francisco, que chegou estes dias de um importante Concílio, e ele te diria como é difícil, nestes dias tenebrosos, unificar a Igreja, para servir ao divino Pastor, já que os homens mais parecem lobos famintos.

□ Já que pede meu conselho, sr Hugolino, -falou Francisco, percebendo-lhe a animosidade para com o moço.-creio que Tobias estaria também melhor junto à sua família, porque como disse Jesus aos apóstolos “Eis que vos envio como ovelhas no meio de lobos.” E, ele mesmo já sentiu a perversidade de alguns contra poucos, e nem sempre terá um intercessor tão hábil como V. Eminência a salvar-lhe a vida dos maus.

Hugolino voltou a olhar aqueles homens que esperavam dele alguma outra disposição, mas ele, profundamente perturbado, resolveu retirar-se.

Já conseguira ali o que viera buscar, conhecer o jovem que ele pensava era móvel do amor de Inês de Assis. Queria logo saber se ela também estava feliz com a salvação do moço.

Pediu licença para repousar um pouco, caso houvesse um aposento onde pudesse fazê-lo, porque desejava encetar viagem daí a algumas horas, para visitar o local onde Inês e Clara trabalhavam.

Procurou se inteirar das notícias que teriam das mulheres que eram alvo de suas preocupações.

Era estranho o que sentia por ambas. Não tinha dúvidas que Inês despertara o homem que havia dentro dele, com seus desejos viris, num amor que se fazia paixão, que o levava a sonhar, a pensar nela, todo instante que sua mente estivesse solta das grandes ocupações com bulas, leis, proposituras, correspondências, intervenções, envolvimento. A outra tinha sobre ele uma autoridade moral, que o fazia senti-la como se fosse uma mãe extremosa mas severa, a lhe tomar conta de seus atos, com um simples olhar, como se devassasse seu íntimo. Percebia que Clara sabia o quanto ele amava sua irmã, mas que isto não a escandalizava, nem a punha contra ele, não a fazia ter-lhe pena ou compaixão, mas que o fazia mais amado ainda por ela, de forma a indicar que entendia seus sentimentos e não o fazia envergonhar-se deles.

Francisco providenciou um aposento onde o cardeal pudesse repousar e foi tratar de verificar o que teriam para o almoço, sabendo que, enquanto ali estivesse o cardeal, não poderia aviar-se nas atividades que tinha diariamente no trato com os pobres e doentes da região, de forma mais desimpedida.

Em seguida, expediu um companheiro que fosse avisar Clara que Hugolino pretendia visitá-la, de modo a que ela e Inês não fossem surpreendidas com sua chegada.

Tão logo descansou da jornada, Hugolino tomou com os frades uma refeição agradável e ainda os viu adiantarem-se em direção a extensa multidão que os aguardava para as preleções da tarde, e para o auxílio que a bondade de Francisco propiciava a todos.

Largos cestos de pães foram repartidos entre a multidão e quando se sentaram na relva, Francisco falou-lhe das primícias do Evangelho, da misericórdia de Deus. Hugolino ficou observando o quadro que se desenrolava à sua frente, tão diferente dos locais magníficos onde assistia as prédicas da Igreja, entre

nobres e mandatários do clero, a fatuidade dos seus pares, o luxo dos freqüentadores de seus cultos, a falta de caridade de suas atribuições e sentiu-se por um momento esmagado com a diferença que havia entre ele e Francisco. Contudo, não se deixou abater. Urgia pegar a estrada e seguir. Olhava para Tobias e sentia a sua alma queimar no fogo do inferno do ciúmes desesperador. Precisava ver Inês. Precisava das ponderações de Clara, e deixando Francisco entregue às suas preleções, rumou para sua carruagem estacionada nas imediações e com sua comitiva seguiu viagem.

Como o companheiro enviado por Francisco viajara a cavalo, chegou primeiro até Clara e pode avisá-la da visita que o cardeal pretendia fazer às irmãs menores.

Sabedora disto, a jovem teve uma conversa com sua irmã Inês.

□ Não desejo vê-lo. - falava a moça, profundamente pálida e a andar pelo aposento com visível desespero.

□ Que é isto, minha irmã ? Então te negarás a estar com ele, pelo menos para agradecer a vida de Tobias? Serás tão covarde que não conseguirás fitá-lo sem demonstrar a inquietude que sua presença te causa? Como contas servir a Jesus te escondendo daqueles que dizem ser seus seguidores e seus representantes? Inês, te desconheço! Onde a irmã querida, que de pronto me seguiu nas pegadas de Francisco ?

□ Peça-me o que quiseses, Clara. Visitarei os órfãos e leprosos, plantarei no pomar e horta, cozinharei, bordarei e costurarei, ficarei em vigília e oração, jejuarei, mas não me faças vê-lo!

Clara manteve porém o olhar firme sobre a irmã, deixando claro qual seria sua posição.

□ Não posso impor-te nada, bem sabes. Mas se és a pessoa que eu acredito ser, não te negarás a comparecer à presença deste homem, somente porque o amas, já que lhe deves um imenso e impagável favor. Assim que ele chegar, mandarei chamar-te para que não faltes com teu dever cristão.

Clara deixou o aposento onde Inês repousava, sem esperar mais respostas e a irmã ficou ali, tomada por um pranto convulsivo. Depois se retirou à capela para orar e aos poucos seu coração, com o auxílio da prece, foi se acalmando, compreendendo que não poderia subtrair-se àquilo que Hugolino vinha cobrar-lhe e que, por certo, Jesus pensava contar com ela, para abrandar o sofrimento de muitos, pela ascendência que tinha sobre o cardeal. Compreendeu que Clara tinha razão e que, se realmente amasse o representante do papa, por isto mesmo, devia fazer tudo que estivesse ao seu alcance para minimizar-lhe os erros e as quedas. Não podia, pois, se ausentar, esconder-se atrás do hábito, como desejava.

Mais calma retornou aos seus afazeres, à espera do chamado de Clara.

Em poucas horas, após o retorno do mensageiro de Francisco, Hugolino se fazia anunciar no vetusto edifício. Alvoroadas algumas irmãs o receberam com manifesta alegria, por ser ele o guardador das regras e de suas vidas, pela disposição a respeito do Papa.

Clara, como sempre acontecia, veio à sua presença com demonstração de júbilo sincero, e ele, embora bem mais velho a fitou como um filho olha para sua mãe.

Clara mandou que lhe servissem uma refeição e disse que teria um aposento onde pudesse descansar da viagem.

□ Estamos muito felizes com sua inesperada visita e dispostos a tudo para tornar a estadia entre nós a mais grata possível, para sua Eminência, porque Francisco está a preparar a Estrutura Geral da Ordem e muito tememos pela saúde de seu tio, que em tudo tem-nos obsequiado, para que nossas tarefas sejam melhores aproveitadas no serviço de N. S. Jesus Cristo.

□ Minha querida mãe,- falou o cardeal, com o modo peculiar que tinha de saudá-la - Francisco não me contou de seus esforços, mas tudo faria para entregar pessoalmente ao Papa Inocêncio a documentação que me pedisse. Antes de vir para cá, passei por ele, mas não me disse nada a respeito.

Clara compreendeu que ele desconfiava que Francisco a avisara de sua visita, e mentalmente pediu perdão por deixar que ele pensasse isto sem ter certeza. Levou a conversa para outra direção, falando em seguida:

□ Ficamos felizes por poder vê-lo com saúde e poder pessoalmente agradecer sua intercessão pelo salvamento de Tobias, nosso velho amigo de infância em Assis.

Hugolino respondeu, percebendo que Clara já sabia de sua visita:

□ Quando estive com Francisco, aproveitei para conhecer o moço que tanto preocupou vocês, sendo alvo da atenção de Inês, e fiquei surpreso com a firmeza e beleza do jovem em questão. Posso bem entender porque Inês parece não havê-lo esquecido.

□ Estou certo que isto parece uma regra geral da vida, não é, Eminência? Tenho certeza que também não olvidaste os amigos da primeira infância e da juventude, esta época tão feliz e descuidada de nossas vidas, quando ainda não estávamos atribulados com as preocupações de outra ordem.

E vendo que uma jovem permanecia à porta, pronta a atender-lhe em qualquer rogo, depois de haver servido refresco e bolo ao hóspede inesperado, Clara pediu:

□ Maria, avisa a minha irmã Inês da chegada ilustre de nosso protetor e diz-lhe que a esperamos, em nossa sala de meditação e estudo.

A jovem noviça saiu para obedecer à ordem, e contra todo o temor de Clara, ela viu a irmã chegar em instantes, ativa e firme como sempre, mas com um semblante desanuviado, como estivera durante sua última conversa.

Cumprimentou com carinho espontâneo ao homem idoso à sua frente, demonstrando-lhe estranha e sincera deferência.

□ Eminência, abençoa-me. Estamos a lhe dever tantos favores, desde que se prontificou a ser o protetor de nossa Ordem, que jamais imaginaria a benção de poder agradecer-lhe pessoalmente por isto e também pela vida de nosso irmão Tobias, pela sua intercessão Fico muito feliz de poder vê-lo e dizer-lhe isto pessoalmente, e também por perceber que estás em plena saúde, e muito bem disposto e bonito.

Clara quase abriu a boca em espanto. Nem parecia mesma irmã que havia se desesperado há algumas horas diante dela, não querendo ver o cardeal.

Também Hugolino ficou interdito com aquela demonstração de carinho e admiração tão franca e espontânea que o desarmava completamente. Deixou que ela beijasse sua mão e falou com a voz embargada:

□ Deus te abençoe, minha filha. E que os céus te cubram de bênçãos..

Inês pediu para sentar-se ao pé dele e o cardeal não lhe tirava os olhos. Contudo, vencendo a emoção, dirigiu-se à Clara e perguntou de chofre:

□ Perdoe minha insensatez e a curiosidade de um velho. Gostaria de saber mais sobre Tobias, suas recordações a respeito do mancebo, a amizade que as levou a procurar-me, no sentido de poupar-lhe a vida.

Clara ia responder, mas Inês saiu à sua frente, como se uma força interior nova tivesse se apoderado dela.

□ Tem todo o direito de saber sobre o mancebo alvo de nossos cuidados, e porque fomos tão imprudentes e afoitos em ir suplicar-lhe a intercessão.

Devo informar que Tobias é apenas três anos mais velho do que eu e que foi minha mãe que ficou a dever favores à mãe dele, quando estava para me dar à luz. Passou minha mãe muito mal e o médico não pode vir rápido à nossa casa, porque viajara a atender um paciente e estava fora de Assis.

No desespero, uma serva correu à casa mais próxima e a mãe de Tobias, que era amiga de nossa mãe, acudiu de pronto. Com sua ajuda e interferência eu vim a nascer, apesar da grande dificuldade para me colocarem no mundo.

Creio que sem a ajuda da mãe de Tobias, eu hoje não estaria aqui, entre os vivos.

Por isto, nossas famílias sempre se deram bem, cada vez melhor a cada dia, freqüentávamos a casa uns dos outros, participávamos dos folguedos próprios da infância, freqüentávamos a mesma escola e mesma igreja, participávamos dos festejos da cidade, e contávamos uns para os outros todos os sonhos e arroubos próprios desta fase da idade.

Quando soube que ele podia morrer, Eminência, vi nisto um meio de pagar para com a mãe dele o favor que ela fizera a mim e minha mãe, no meu nascimento e logo soube que nada poderia fazer, se não apelasse para S. Eminência, que sempre demonstrou profundo carinho para conosco. Por isto ousei interpelá-lo, com relação a Tobias. Estava a dever-lhe e à sua mãe este favor da minha vida. Que outra atitude eu poderia ter? E, mesmo agora, agradecida, sei que jamais lhe pagarei a altura o que nos fez. Hugolino a ouvia encantado com sua graça e admirado com sua desenvoltura, porque sempre antes estava arredia para com ele, envergonhada de seu assédio, de seu olhar, e agora o encarava, sentada aos seus pés com uma atitude tão inesperada. Por um instante pensou que ela, por certo, amava o mancebo, para mudar tão radicalmente.

□ Estás tão mudada. Por certo, amas muito este moço, para que te encontre tão alegre e expansiva.

Clara, embora agradavelmente surpresa com a atitude de Inês, percebeu de pronto o imenso perigo que a irmã corria, com sua mudança repentina e interrompeu:

□ Inês temia vê-lo, Eminência, porque sempre foi muito retraída e tímida, e não sabia se poderia agradecer-lhe como queria, por isto, quase não vinha à sua presença, mas eu insisti que deveria ser franca e ela me atendeu, sabendo que sua Eminência entenderia que a move um sentimento de profunda amizade e dívida para com a família de Tobias, bem como teme que o cardeal não compreenda o quanto representa para ela.

Inês enrubescceu e levantou-se, dirigindo-se à mesa, e procurou tomar de uns doces sobre ela, a servir o cardeal, que diante da atitude de Clara ficara totalmente sem palavras.

Estavam neste mister, quando um cavaleiro chegou esbaforido, trazido por um frade, e pedindo licença aos presentes, apresentou-se informando:

□ Perdoem-me a intromissão, mas venho da parte do Papa, que está muito mal e deseja avistar-se com seu sobrinho, por quem tenho procurado há dias, com Francisco e Clara de Assis, para que o possam ver, provavelmente em seu leito de morte.

O susto tomou os três seres naquela sala.

Imediatamente Hugolino deu-se pressa em retornar a Roma, sendo que Clara e Inês foram convidadas a seguir com ele, em sua carruagem e souberam que Francisco já seguira para Roma, informado que fora. Clara declinou do convite para a viagem e disse que ficaria a orar pelo Pontífice. Sua intuição lhe mostrava os acontecimentos que se seguiriam.

Inês, sentada à frente de Hugolino manteve-se calada, pedindo depois licença para ficar também em oração.

A viagem foi longa e constrangedora para o cardeal e o alívio veio quando avistou a cidade de Roma, lá embaixo brilhando ao sol, com sua azáfama costumeira, como se ainda não soubesse da provável morte que se avizinhava.

Hugolino dispôs uma carruagem que pudesse levar Francisco ao palácio do Pontífice, enquanto procurava saber sobre ele.

No seu leito de morte Inocêncio parecia esperá-los em meio a delírios e visões.

Enquanto isto, as duas irmãs conversavam sobre o que havia ocorrido, durante a visita do cardeal.

Clara, ao ver-se a sós com a irmã, perguntou:

□ O que deu em você? Enlouqueceu?

□ Sei o quanto Hugolino pode ser vingativo, quando contrariado. Não podia assanhar seus zelos contra Tobias, que não merece. Ele pode mandá-lo matar, depois de o haver livrado. Ao mesmo tempo pus na boca o amor que lhe sentia, a livrar-me dele, porque ao guardar dentro de mim o que sinto, vejo-me muito

inquieta . Fiz mal?

□ Fizeste bem, mas foi preciso coragem - disse Clara sorrindo. Aproveitemos para orar e falar com Jesus, a pedir por nós, por Francisco e pelo Papa e que Deus tenha piedade de sua alma.

Antes de partir ao encontro de Inocêncio, Francisco fizera Silvestre ciente de onde deveria levar Tobias e que viajassem incógnitos. Depois retornasse a avisar a família onde ele se encontrava.

Não se sentia seguro, porque percebera o ciúme que se acendera no coração de Hugolino. Era preciso aproveitar aquela oportunidade em que estariam em Roma ocupados, para subtrair, como imaginara, Tobias ao mundo e ocultá-lo de vez.

Refletira muito e subscrevera uma carta a um amigo longínquo que lhe devia favores. Fizera Tobias saber de suas decisões e o vira partir, sem que os demais irmãos tomassem conhecimento de suas resoluções.

No tempo devido, contaria tudo a Clara e a Inês, e ninguém mais precisaria saber das providências que tomara.

O sumiço do moço seria fator equilibrante para o cardeal. Escolhido este roteiro, passara rápido à ação. O infortúnio causado pela doença do Pontífice, daria tempo para o sumiço de Tobias e a distância faria o resto.

Sua preocupação agora se voltava para o Papa, provavelmente prisioneiro dos vínculos da morte, que é certo para todas as criaturas.

Se os seres humanos meditassem nisto, por certo, outras seriam suas disposições, sem o apego excessivo e os sentimentos desequilibrantes.

Embora a morte seja dolorosa e sempre temida, é ela que limita as ambições, amplia a conformação e expõe a fragilidade humana.

Salvo Tobias, Francisco se voltava para auxiliar o mandatário da Igreja, diante de último inimigo a vencer, como dizia Paulo de Tarso, em suas epístolas, a morte.

CAPITULO VII MORTE DE INOCENCIO III

Francisco aproveitava os constantes encontros com o cardeal do papa, para tentar, de algum modo, modificar as determinações do clero, nas perseguições que se faziam cada vez mais duras, instigadas pela falsa desculpa de defender os princípios cristãos.

Corria o ano de 1216, e fazia alguns meses que Francisco e alguns de seu grupo haviam participado do IV Concílio.

Rememora sua longa caminhada, embora em tão curto tempo, a saída de casa, a ida com 11 companheiros a Roma, o amparo de Inocêncio III, a mudança para Porciúncula, a pequena Fraternidade formada, a consagração de Clara, no domingo de Ramos, em 1212.

No outono daquele ano tentara chegar a Síria, mas ventos contrários o fizeram regressar a Ancona. Os dois anos seguintes haviam sido de viagens pela França e Espanha, tentando chegar a Marrocos, sem conseguir e de onde retornara profundamente doente à Porciúncula.

Lutava bravamente, procurando tudo fazer para mudar o cenário de atrocidades que via nos reinados próximos e no Oriente, dialogava, exemplificava, arrebanhava amigos e companheiros, mas seu coração pressentia que viria algo mais terrível ainda naquele ano.

□ Jesus, o tempo está voando entre meus dedos e a maioria das minhas tentativas de modificar o quadro dantesco desta violência foram baldadas.

Terei errado nas minhas investidas? Eu e meus companheiros tudo temos feito para diminuir o mal e lançar as bases do Teu Evangelho no coração do homem. Em que terei errado, Senhor? Seria presunção minha acreditar que poderíamos modificar o cenário de atrocidades que grassam em toda parte ?

Sua prece que sempre lhe atraía inspiração e a presença de entes queridos, fortalecendo-o e trazendo-lhe idéias novas, naquele momento, parecia não encontrar resposta. Sentiu profundo desalento tomar-lhe as fibras mais sensíveis da alma, e um peso feito de angústia e impotência constrangeu-lhe os idéias mais nobres.

Estivera trabalhando à fraca luz de uma vela, até altas horas na escrita da Estrutura Geral da Ordem e sentia-se cansado das muitas andanças, sempre auxiliando aqui e ali a todos, procurando harmonizar os companheiros e as famílias que o buscavam.

Sempre encontrava na oração forças e novo alento, mas aquela noite interminável, cheia de angústia e tristeza, se abatera sobre ele de forma inexorável.

Um suor abundante cobria sua face e seu corpo todo. Dir-se-ia que estivesse doente.

Nisto ouviu baterem à porta, batidas determinadas, fortes.

Francisco levantou-se com dificuldade, indo atender o companheiro Leão que vinha chamá-lo.

Apesar de ser madrugada chegara um representante do cardeal Hugolino, mandando chamá-lo com urgência à Roma.

Leu à luz bruxuleante das tochas uma carta com o sinete do cardeal, suplicando que viesse com urgência a Roma, pois o Papa Inocêncio III estava muito mal e não parava de clamar por sua presença, temendo o sobrinho que o velho Papa viesse a sucumbir de um momento para o outro.

Uma voz interior concitava a que o homem de Assis atendesse aquele chamado. Lembrava-se que fora Inocêncio que instituíra sua Ordem, que lhe propiciava ter o amparo da Igreja, para seus cometimentos e que lhe dava meios de algo fazer, naqueles instantes difíceis que todos atravessavam.

Por isso estivera aquela noite em tão grande agonia. Por que não percebera antes de onde lhe vinham aqueles temores, aquela lassidão, aquela melancolia e fraqueza tão grandes ? Era a morte que rondava,

que chegava pondo um ponto final aos sonhos do representante máximo da Igreja, à qual ele, Francisco, jurara servir.

Sim, necessário se fazia partir. Escolheu dois companheiros que pudessem ir com ele, naquele transe difícil, em que sua presença era requisitada, e tratou de pegar algumas frutas e pães para a viagem, partindo deixando com Pedro algumas instruções a serem seguidas na sua ausência.

Ia com o coração oprimido, parecia estar em comunicação constante com o mandatário da Igreja, como se lhe absorvesse os miasmas sufocantes, e as sensações incômodas de mal estar e desassossego.

Queria auxiliar o sumo pontífice, mas por mais carresseasse para si mesmo todas as sensações mórbidas que o envolviam, parecia que as mesmas se ampliavam infinitamente e que não pareciam arrefecer.

Em viagem, instava os companheiros a que orassem com ele, no intuito de minimizar o sofrimento do Pontífice.

Eles pareciam acompanhar-lhe o pensamento aflito por algum tempo, mas depois se desligavam por completo daquele esforço, por sentirem lhes faltar as forças.

Durante todo o tempo que durou a viagem, nas paradas obrigatórias, o frei sentia como se seu espírito fosse sugado por forças descomunais. Estava pálido, suarento, desfigurado.

Foi neste estado de profundo abatimento que chegou aos arredores de Roma, onde correligionários prestimosos de Hugolino o aguardavam, transportando-o ao palácio episcopal, onde pode tomar um banho e descansar um pouco.

Hugolino fez-lhe ver a necessidade de um tempo, nem que pequeno fosse de repouso, antes de levá-lo ao leito de morte do tio.

Francisco deitou-se numa cama macia e confortável e imediatamente seu espírito foi saindo do corpo, enquanto percebia larga multidão de seres em desvalimento ou atitudes hostis, a cercar todo o leito de Inocêncio e os arredores de sua moradia luxuosa.

Então era isto. Os milhares de mártires daquela Era das Trevas, que não haviam sucumbido com o perdão na alma, aqueles que ainda jaziam aterrados pelos sofrimentos de toda ordem, os ensandecidos pela dor, os revoltados do infortúnio e da maldade, cercavam o pontífice em cobrança desesperada.

O momento vivido por Inocêncio III era terrível, de difícil solução, de implicações seculares.

Francisco apelava para Jesus e Maria de Nazaré, implorava as benesses do céu para o auxílio ao moribundo, do qual se fizera devedor e invocava sua gratidão na balança do tempo, a fim de ampará-lo pelo menos naquele momento difícil de tantas e tão cruéis implicações.

A mole de desencarnados era imensa e hostil. Vozes de ódio, incriminação, maldição e pranto se ouviam a perder de vista.

Novamente suas preces pareciam não encontrar resposta, no seio do Pai de Amores. Francisco tentava passar por eles, sem conseguir atingir seus objetivos, falava-lhes e não lhe respondiam aos apelos.

Os minutos foram se passando e um servo veio bater à porta. Hugolino o aguardava em sua carruagem para levá-lo pessoalmente aos aposentos, onde o Pontífice aguardava sua presença.

Os companheiros de Francisco tiveram que ficar na entrada do edifício que guardava o corpo em agonia do Papa. Francisco cruzou no corredor com vários cardeais e bispos, que guardavam o descesso, para dar notícia à população e, como aves de rapina, prepararem o colegiado para a substituição do Papa.

O ambiente era pesado. As intrigas palacianas se faziam sentir tão fortes, como se houvessem se materializado, tornando o ar mais pesado ainda.

Cruzou no caminho com o bispo Diego de Cosme que confabulava junto a Domingos de Gusmão, que ele se lembrava de terem perseguido a Raimundo VI e Rogério de Trencavel, com apoio de Felipe Augusto, rei da França.

□ Meu Jesus, estou num covil de lobos e serpentes. - pensou Francisco, pedindo imediatamente perdão pelo pensamento que deixara escapar. - Ajuda-me, Senhor, pois se para aqui me trouxeste, algo devo fazer, não é mesmo?

Chegavam finalmente às portas do quarto do Pontífice.

Guardas uniformizados postavam-se em atitude mais belicosa que de proteção.

Hugolino, ao seu lado, fez com que a pesada porta se abrisse.

Francisco entrou no quarto escurecido por grossas cortinas de veludo, e ajazado com brocados e tapetes ricos e suntuosos.

Sua figura contrastava imensamente com o local onde adentrara.

Hugolino se postou à porta, como se desejasse impedir a entrada de qualquer serviçal ou médico, clérigo ou parente.

Fez sinal aos presentes no recinto que se retirassem e, devido ao seu parentesco, bem como a conversa nos corredores de que ele poderia suceder ao tio, temerosos de sua autoridade, foram saindo em silêncio um a um.

Francisco puxou as grossas cortinas, permitindo que o ar de fora entrasse no aposento.

O moribundo o viu e teve um movimento de alegria e reconforto:

□ Vieste, Francisco, agora sei que partirei em paz.

O frei aproximou-se dele e com carinho imenso, tomou sua cabeça, depositando-a em seu colo, enquanto a afagava.

Suas mãos brandas e amigas, afastavam os miasmas que envolviam o pontífice.

Enquanto isso, longe dali, Clara tomara ciência do que acontecia com Francisco, distante de seu redil.

Conseguia perceber as dificuldades de vulto que o acometiam e a necessidade imperiosa de auxiliá-lo naquele momento.

Havia acordado as irmãs e feito um círculo de orações com todas, mas ainda adivinhava que o que estava

fazendo era pouco, muito pouco, diante da necessidade daquela hora.

Dirigiu-se a um órgão rústico que sabia tocar e que havia ganhado naqueles dias, de alguns nobres, convidou Inês e demais companheiras, e com sua voz maviosa, pôsse a cantar o Ângelus, ou a Ave Maria, como houvera aprendido em tenra idade.

As demais companheiras a secundavam na prece em forma de música, e suas vozes iam se elevando no ar, ganhando os espaços e criando imagens de leveza e graça inenarráveis.

A medida que a música subia, uma após outra era iniciada pela irmã Clara, secundada por suas companheiras.

Todo o ambiente irradiava luz, harmonia, bênçãos, e aquelas notas preciosas iam se adelgaçando, expandindo, rompendo o espaço, encurtando distâncias, buscando o móvel daquela invocação feita de notas musicais.

Francisco sentiu que algo adentrava o ambiente. Percebeu como que a presença de Clara, ali, ao seu lado, e de outros companheiros que à distância lhe enviavam os recursos que estivera buscando há horas, na Porciúncula, em seus aposentos, durante a viagem, na casa de Hugolino e finalmente, no Palácio Episcopal.

Quanto mais cantavam, longe, distante, mais aquelas mulheres sentiam a necessidade de cantar, como se fossem aves canoras a expulsar demônios de insatisfação e ódio.

Suas vozes argênteas e gentis subiam e atravessavam as janelas, as paredes vetustas do imenso casarão que as abrigava e acordava, lá embaixo, a população do vilarejo, trazendo-lhes um regozijo inesperado e diferente, exótico e incalculável.

Francisco sentia como se tivesse sido transportado para a nave onde as irmãs se reuniam, no solo pedregoso e frio, mas aconchegante de valor humano, tendo nos braços o Pontífice.

Não estava mais no quarto suntuoso cheio de brocados, no prédio guardado pelo silêncio e pelos conchavos do poder.

Parecia que fora transportado no tempo e no espaço para um outro recanto, onde ouvia as vozes das mulheres suas irmãs comandadas por Clara, pelo instrumento sonoro, e pelo canto de miríades de pássaros que voavam em torno à Mansão, trazendo seus gorjeios, como perdão divino aos imensos desvios do maior mandatário da Igreja.

Hugolino sentiu como se Inês, irmã Clara, que ele chamava carinhosamente de mãe, estivessem no recinto.

Queria entender as idéias que o tomavam naquele instante, a mudança que percebera no quarto, mas se calava chumbado ao solo, ouvindo Francisco que cantava, embalando o mandatário da Igreja.

A respiração estertorosa, os olhos abertos em medo e espanto foram se fechando de vagar, dir-se-ia que o velho se transformava num menino que se abrigasse no colo amoroso de um pai, fugindo aos seus temores.

O ar oloroso que vinha de fora, trazendo o perfume de algumas flores, o bafejo de brisas cariciosas modificaram o ambiente.

Fora, no palácio, tudo era escuridão e temor, mas naquele quarto, a natureza se fazia presente, com a assistência de vozes de seres invisíveis que vinham de longínquas eras e de longínquas esferas.

Aos poucos o Pontífice se aquietou como criança que dorme e entregou sua alma aos mensageiros que o guardaram para o sono reparador, até que o futuro lhe cobrasse pelos atos impensados.

Francisco, arrebatado pelo auxílio de suas irmãs, conseguira finalmente dar algum alívio ao seu amigo Inocêncio III, sabedor que era dos imensos débitos que ele granjeara com sua atuação nefasta no seio da Igreja, pelas milhares de mortes violentas provocadas pelas cruzadas mercenárias que enviara .em nome do Cristo.

Hugolino percebeu que seu tio já não pertencia ao mundo dos vivos, e observou que lágrimas abundantes caíam dos olhos de Francisco.

Tocou-o de leve, buscando colocar o Pontífice em posição própria e convidou o frade a se retirar do aposento.

Inocêncio já recebera a extrema unção, em meio a palavras desconexas, quais as que pronunciava nos últimos dias.

□ Vamos deixá-lo uns instantes a sós com Deus, antes de avisar os cardeais e bispos. Estas aves de rapina trariam maus sonhos ao meu tio. Fiquemos guardando-o ainda uns minutos, antes de entregá-lo para que o vistam para as cerimônias que o aguardam. Fala-me, Francisco, terei sido alvo de algum desvario ou miragem, enquanto cantavas, junto ao meu tio? Parecia-me ver as irmãs a cantarem junto contigo, neste lance difícil.

□ Não te enganaste, meu amigo. Nosso Papa estava envolto em malhas sinistras, pelas muitas mortes ocorridas em seu pontificado. Os homens esquecem que devem prestar contas a Deus de seus atos e que Deus é pai de todos os homens, sejam eles quais forem, acreditem ou não nele. Investido de poder, o ser humano se deixa levar pela ilusão. E, no limiar do Portal da Morte, sabendo que terá que prestar contas a Deus, sua consciência começa a lhe cobrar os excessos em que se houve.

Hugolino, naquele momento, esquecia o alto cargo que ocupava, a simplicidade de Francisco o tomara de todo, meditava na intercessão que sentira das irmãs à distância pela morte mais tranqüila do Pontífice, e falou:

□ Pudessem eu, no dia de minha morte, poder partir em seus braços, como meu tio e me sentiria venturoso.

□ Prometo-lhe que, se Deus me permitir, o acompanharei nos últimos instantes, mas muito temo, meu senhor, que eu venha a partir antes de ti, apesar de ser mais jovem fisicamente, porque meus dias estão muito trabalhosos e tenho desgastado demais o corpo que meus pais me deram à vida.

Sem querer Francisco fazia uma profecia futura, naquele momento.

Os dois homens se abraçaram e abriram a porta larga e pesada, dando notícia do passamento do Pontífice.

O movimento dos corredores se ampliou e o círculo de cardeais se reuniu, para escolher o sucessor de Inocêncio III.

A escolha recaiu sobre Honório III.

E, na Espiritualidade, imensa luta se travava, para diminuir o sofrimento daquele que partia, sob nuvens de seres a lhe cobrar as atitudes, e a exprobrar-lhe a vida.

Francisco foi acomodado na rica vivenda de Hugolino, aproveitou para se encontrar com irmãos que o procuravam para toda sorte de orientações, e há breves dias, retornava abatido e cansado à sua moradia. De há muito a Humanidade se transformara em sua família, mas não podia abandonar os poderosos e ricos, somente porque abraçara a pobreza.

Encontrava o mesmo orgulho às vezes em seres das mais díspares disposições sociais, o endurecimento e a falta de entendimento das coisas divinas era a mesma, tanto para pobres como para ricos.

A dureza de coração não escolhia nem abastados, nem miseráveis. Era no cerne vivo da alma que se plasmavam as escolhas, as atitudes, as mais comezinhas noções de fraternidade, os mais altos monumentos à insensatez e à ganância.

Francisco percebeu que uma única existência seria pouco, para dar conta do programa que o Cristo traçara para si e seus amigos queridos.

Mesmo assim, com o corpo cansado pelas vicissitudes, procurou amparar a quem o buscava, naquele sentido que os bons têm de sempre se doarem pelo próximo, e Hugolino o via neste transe e aos seus amigos nas escolhas do poder temporal.

Naquele momento, ele deu graças a Deus, por não ser o escolhido para o cargo maior de mandatário da Igreja reinante, mas, no fundo de sua alma, sentia desejos de intervir, com suas idéias muito arrogantes e inflexíveis, no andamento dos movimentos religiosos.

Francisco lhe agradeceu os dias de conforto material, e retornou com seu amparo às questões mais simples que escolhera.

No Plano Espiritual começava um longo percurso de refazimento e de pagamento pelas atrocidades ocorridas, para a alma de Inocêncio III.

Quantos séculos e quantas vidas difíceis em encarnações compulsórias Inocêncio teria que passar, até que se inteirasse da verdade de sua odiosa investidura.

Quantas noções teriam que ser inoculadas em seu espírito endividado, até que ele viesse a chorar o arrependimento sincero por suas atrocidades, junto aos seus apanigüados e cúmplices...

A Inquisição dera seus primeiros passos, através das suas arremetidas e de outros que o antecederam, mas ainda não estava instituída como lei. Caberia a Hugolino esta nefasta tarefa.

Perante os inimigos Inocêncio perderia a arrogância. Ele não preservara a própria serenidade.

Verdade que ninguém vive sem adversários, mas aquele homem os arrebanhara com suas investidas, e agora eles se aproveitariam de seu desligamento do corpo físico, para lhe cobrar a perseguição, devolveriam os ataques e exigiriam justiça.

Enredado pelas trevas, sentia-se condenado pelo infortúnio.

Percebia-se em queda, ferido e enlouquecido. O remorso ainda não lhe comburia o coração, mas se sentia cercado por acusações de torpes jaezes.

Via-se perdido e enfermo, arrojado do leito faustoso, para um local que não conseguia divisar.

Arrasadora cegueira parecia obumbrar-lhe a visão.

Reconhecia-se em sofrimento e clamava em vão. O pensamento lhe imprimia coisas alucinantes, desprovidas de lógica.

Um entorpecimento e desânimo lhe toldavam o raciocínio e perguntas mil lhe invadiam a mente.

Tentava desesperadamente retornar ao corpo, a Roma, à sua residência, sem conseguir.

CAPITULO VIII COM HONORIO III

Assim que Honório III tomou posse do cargo de maior Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana, a influência do cardeal Hugolino e de outros que assessoravam Inocêncio III se fez sentir mais ainda, mas nada impedia o crescimento do movimento de Francisco.

Meses após a morte de Inocêncio o cardeal Tiago de Vitry, amigo de Hugolino, escreve de Genova, dando notícia das primeiras senhoras pobres ali.

O movimento franciscano cresce a olhos vistos. Em vão o Papa tenta articular os membros da Ordem, no sentido de se fazerem juízes e acusadores dos movimentos que considera heréticos. Nem eles, nem os Templários se imiscuem nestes assuntos, antes, pelo contrário, sempre Francisco se faz admirador e defensor dos mesmos.

Quem mais ampara Francisco é Bernardo de Quintavalle e Pedro Catani, a quem ele entrega a administração da Ordem e Gil de Assis. Logo se celebra a Primeira Estrutura Geral que se divide em 12 províncias e escolhe seus dirigentes. O movimento franciscano cristão se organiza, para se adequar e não ser perseguido pelo clero. Tão importante ele é que hoje, quase um milênio depois, ainda sofre as pressões papais, considerado como de ultra-esquerda, pelo atual papa, Bento XVI.

Dois anos depois vamos encontrar aqueles cinco decididos frades, que tinham sido impedidos de ir anteriormente por Francisco, para a África, caminhando para Marrocos.

Francisco não pode mais detê-los e, tal como profetizara naqueles tempos, todos foram sacrificados de

forma dantesca, sendo seus restos trazidos de volta à península ibérica, sob forte comoção.

Frei Otto, Bernardo, Acursio, Aduito, e Pedro são mortos pelo rei Miramolin, em 1219, dois anos depois da partida de Francisco para o Plano Espiritual.

Estas mortes atraíram um homem ao noviciado de Assis, o nobre Fernão de Bulhões que chega a integrar as hostes franciscanas, terminando por ser conhecido no futuro como Santo Antonio de Lisboa, cuja mediunidade de bicorporiedade é comentada durante séculos.

Enquanto isto cresce a comunidade de MontSègur, no sul da França, a oeste da Pont Petiron e as lendas em Saint Marie de La Mer, as lendas do Rei Arthur e do Santo Graal, correm de boca em boca.

Diante de tanta desgraça, Francisco, tangido pela Espiritualidade maior, resolve finalmente partir para frente de batalha, já no fim da vida.

Lembra-se que tivera, na noite que antecederia a sua viagem, a fim de amparar o papa Inocêncio na sua morte, estranho pesadelo. Sonhara que estava no convés de uma embarcação cheia de homens e fardos e se encaminhava para um porto, que não saberia dizer qual era.*

No sonho via os homens que conhecera em Gubbio, quando livrara a cidade dos lobos. Lembrava-se de Rafael, Vincenzo, Hervée da Normandia e outros.

*** Estes fatos estão relatados no livro As Cruzadas do mesmo autor.**

Assiste no pesadelo, sem nada poder fazer, a morte de inúmeras pessoas, nobres italianos e franceses, sob uma enxurrada horrível, que levava barcos, homens, víveres, sem que ele pudesse ajudá-los de algum modo.

Em meio àquele caos, que não podia entender, viu o Cristo em pranto e acordara em desespero.

Segue em direção ao Cairo e Damietta e chega a avistar-se com o sultão Al Kamil.

No ano seguinte, Honório III determina que Hugolino seja o protetor da Ordem e Francisco abatido, por não ter conseguido terminar com a guerra das Cruzadas, nomeia Pedro Cattani como o governador de todos, no entanto, este morre no ano seguinte.

Frei Elias substitui Pedro, porque Francisco não quer mais governar os grupos que crescem dia a dia.

As exigências da Igreja se ampliavam. Os inquisidores deveriam ser doutores em Teologia, Direito Canônico e Civil, ter mais de 40 anos, e sua autoridade era dada diretamente pelo Papa, através de uma bula.

Proibia-se até o sorriso, que era considerado demoníaco.

Neste caos de valores morais, morre Simon de Monfort, e o rei da França aproveita para anexar os territórios ocupados aos cátaros, enquanto cresce a perseguição, sob o amparo fanático de S. Domingos.

A ordem que fora iniciada por Inocêncio III continua sob o amparo de Honório III e cidades e populações inteiras são dizimadas com inaudita violência.

Tudo se transformara numa imensa carnificina.

As regiões em conflito eram as que davam acesso ao Mediterrâneo, e os nobres aproveitam-se da insensatez e fanatismo religioso para dar vazão aos seus desejos de dominação. Quando os condenados eram pessoas de posses, tratavam logo de lançá-los à fogueira. Tanto Roma quanto os reis só faziam ampliar sua ambição desmedida, sem pensar um momento nas atrocidades que perpetravam.

Foi um etnocídio, em que a literatura, a poesia, a religião do Midi foram totalmente dizimadas.

Hugolino passou a chamar Francisco de Assis de “A Arca do Testamento”, porém, por mais que o admirasse, tudo o que o homem de Assis lhe dizia no sentido de minimizar as torturas que via por todo lado, só o levava a pensar em meios de organizar melhor os interrogatórios e as acusações, para impedir de haver injustiças.

□ Eminência, - dizia Francisco - não devemos julgar nossos semelhantes, nem nos julgarmos os despenseiros únicos do Cristo. Quem julga seu irmão julga a lei, e sobre isto Jesus foi muito duro, informando que seremos julgados com a medida com a qual julgarmos. O pranto das multidões chega aos céus, e não é possível tanta mortandade, em nome do Cristo.

Hugolino o fitava com seu modo duro e inflexível:

□ Francisco, você é bondoso demais e julga os outros por si. Mas se nós não formos firmes no nosso ministério, os hereges tomarão conta do poder, de Roma e farão tudo à sua maneira.

□ O reino de Jesus não é na terra e sim no coração das pessoas para torná-las melhores. Qualquer atitude contrária a isto, não é do Cristo.- ponderava com paciência e bondade o homem de Assis.- Se aqueles que se dizem representantes Dele agem de forma violenta, devem recordar que o Reino de Deus sempre foi tomado pela violência antes de Jesus, segundo suas próprias palavras, mas que Ele veio para modificar esta situação, mostrando que Seu reino era do Amor ao próximo, de auxílio desinteressado, de carinho até para com os inimigos.

Hugolino o ouvia, sem assimilar os conceitos. Para ele, Francisco era um santo, mas nada entendia da Teologia, das regras religiosas, das questiúnculas profundas dos doutores da Igreja.

□ Meu amigo, cabe a nós outros, aqueles que conhecemos e estudamos os mistérios de Deus, na profunda Teologia, protegê-los a pureza doutrinária. Está em nossas mãos a defesa da Teologia, sem dar trégua a quem pretenda incluir nela coisas esdrúxulas, estapafúrdias.

□ Falas em defender a pureza da Doutrina de Jesus, com morticínio e violência, com carnificina e julgamentos sumários ?

Se eu não conhecesse a beleza de teu conhecimento e não admirasse tua inteligência, meu querido amigo, por certo, ficaria perplexo ao pensar em como sabes ser totalmente contraditório entre os brios de amor a Jesus e a ação despótica que disseminas, em nome do Príncipe da Paz.

Se pudesses te avistar com o Cristo e perguntar-lhe pessoalmente o que ele pensa a respeito disto tudo,

tenho certeza que tuas disposições seriam outras.

□ Avistar-me com Jesus, diz você? Isto é totalmente impossível. Não sou santo, mas homem afeito às coisas da Terra, e é por isto que ocupo o cargo que ocupo, para não deixar que pessoas desavisadas se apropriem das coisas divinas.

Isto mesmo ele argumentava com o santo de Assis, sem se deixar levar pelas palavras sinceras e firmes, cheias de sabedoria e bondade do frei.

□ Os meandros do poder anuviam as mentes mais brilhantes.- redargüia o santo com sincera bondade. Lembra-te de que esta foi uma das tentações havidas contra Jesus, no deserto, antes de iniciar seu ministério. O instigaram a se arrojar do alto de um penhasco, para que os anjos O salvassem. Se Ele respondeu sabiamente, que não se devia tentar a Deus, porque insistes em transformar o poder divino em coisa terrena?

□ Argumentas bem, porém desconheces a Teologia, e é nela que baseamos nossas questões de julgamento, Francisco. Sabes bem falar do amor, mas o conhecimento doutrinário te escapa. Se eu não te conhecesse, diria que estás preso a meandros diabólicos, que podem parecer lógicos, mas escapam do conhecimento teológico.

□ Conhecimento teológico, diz você? Conhecimento teológico? E que seria este conhecimento? Estaria acima dos ditames do Mestre Jesus? Argumento com as palavras do Cristo, e nenhuma Teologia pode estar acima disto, Eminência.

Hugolino balançava a cabeça, em sinal de descontentamento, e encerrava a questão com uma palavra final:

□ Você não entende, Francisco. Trata-se de preservar, de defender, de punir, se necessário, tudo aquilo que vá contra a pureza doutrinária, tudo o que possa ferir os princípios da Teologia. Padres se formam com estudos aprofundados, santos se debruçaram durante toda a vida nos estudos do que procede de Jesus e do que não procede, do que deva ser da conta da Igreja, e dos rituais e hierarquias provenientes dela, nas quais o leigo não pode se imiscuir. Tiveste sorte de estar sob o amparo da Igreja, quando meu tio institucionalizou tua Ordem, porque sabes que muitos têm feito tudo para derrubar a ti e teus seguidores, meu amigo.

As palavras sinceras poderiam parecer uma ameaça velada, mas Francisco sabia que Hugolino estava sempre a defendê-los, quando não fosse por si, o era pelo carinho e respeito que Clara lhe inspirava e pelo amor que sentia por Inês.

Sua afinidade com eles vinha de longas jornadas num longínquo passado, que ele não podia lembrar, mas que pesava nas suas decisões.

Não havia como retrucar. Como lhe doía perceber no cardeal aquelas disposições violentas, para com aqueles que naquele momento ele considerava hereges. Francisco ouvia o imenso clamor que se erguia da terra, frente ao martírio de tantos irmãos, e tentava inutilmente argumentar, mostrar o erro daquela violência inaudita, sem conseguir. Temia que no futuro, se fosse dado a Hugolino maior poder temporal, ele caísse em erros maiores, que lhe custariam tanto pranto no futuro.

Orava, trabalhava, dialogava, ponderava, mas sabia que o fruto não amadurece sob o olhar do pomicultor, e sim com o tempo de maturação natural. Quantas vidas seriam ceifadas até que aqueles seres, detentores do poder, entendessem que não serviam verdadeiramente ao Cristo, e sim às suas próprias determinações, voltadas para o mando, para o poder, para o desvario que isto carrega?

Os abusos eram indescritíveis e a febre fanática criava pilhagens e fogueiras imensas de corpos de homens, mulheres e crianças, as questões jurídicas eram infundáveis, desculpavam-se com o argumento que se tratava de salvar almas, e degradava-se o ser humano com promessas nunca cumpridas.

Sabá, gatos, mulheres, sextas feiras, número 13, tudo era utilizado para perseguir principalmente as mulheres, que entre os cátaros podiam iniciar crentes, fazer casamentos, batizados, ter cargos importantes.

A IV Cruzada de mercenários, iniciada por Inocêncio III, continuava a fazer mártires do mais puro amor cristão e também entre populações católicas, durante o pontificado de Honório III.

O movimento cátaro e valdense existia desde a época de Silvestre e era secreto, no sentido de preservar a doutrina do Cristo. Contudo, naqueles tempos difíceis, tudo se constituía de acusação sobre eles.

É deste modo que um de seus seguidores, por dezessete anos, de nome Raisero Sachoni, se tornou uma das peças principais das acusações a milhares de criaturas. Como um Judas ele foi entregando aos cardeais, bispos, diáconos de várias regiões, seus antigos companheiros. Um Judas não faria tanto estrago, no meio daqueles homens, mulheres, famílias dedicadas a um apostolado puro sem interesses imediatos.

Milhares caíram sob as acusações de Raisero. Como ele, muitos se fizeram acusadores e peças principais nos julgamentos sumários das criaturas.

A perseguição aos valdenses e aos cátaros prosseguia a todo vapor. Eles se consideravam discípulos de Jesus, sabiam quase o Evangelho de cor, davam cursos, preparavam pregadores, iniciavam pessoas, criavam cargos, não aceitavam o batismo às crianças e divulgavam a reencarnação.

Negavam o purgatório, o sacerdотismo, o legalismo, não aceitavam as missas, como representação da ceia de Jesus e seus apóstolos, enfim, buscavam o cristianismo primitivo em sua essência.

Os cardeais, bispos, sacerdotes, arcebispos, padres e párocos constituíam o clero secular. Os bispos governavam uma diocese, e a administravam em nome da Igreja. Os grupos se dividiam em regras ou ordens. Os bispos eram designados para investigação e combate às heresias. Usava-se a excomunhão, o jejum, as penitências, as multas, a prisão, e o auto-de-fé, com morte na fogueira.

Muitas mortes eram perpetradas, dizem hoje de forma sofismática, em nome da Igreja, e não pela Igreja.

Mas a verdade é que as pessoas eram condenadas à morte por membros da Igreja.

Muitos homens e mulheres, levados à loucura ou ao histerismo, chegavam ao absurdo de pedirem a própria morte, convencidos por argumentos ardilosos de terem parte com o demônio.

No bojo deste horror, a histeria era disseminada à larga. Tais processos eram em tudo semelhantes, com as “provas” da existência de altares, sacrifícios de crianças, objetos de feitiçaria, e na maioria das vezes as mulheres eram as acusadas principais. Esta “caça às bruxas” duraria séculos de horror e impiedade. Os ciganos, os místicos, os celtiberos e os nórdicos foram envolvidos nas malhas sinistras desta Era das Trevas.

Grupos de ciganos com seu conhecimento de quiromancia, tarô e adivinhação, os Calom de pele mais escura, vindos da Índia e os Rumine de pele mais clara invadiam a Europa e eram feitos prisioneiros pela Igreja.

Os celtas com sua crença tão avançada também foram vítimas daquela perseguição, que a cada dia se sistematizava mais.

Estudiosos de Hermes Trismegistos, da Cabala, da Astrologia, do Esoterismo, da Numerologia também eram alvos fáceis da perseguição, que a cada dia tomava formas mais dantescas e vestidas de direito canônico.

Tudo isto se estenderia nos séculos porvindouros até nas terras ainda por descobrir, e entre elas, o Brasil. Hoje a Igreja se defende, dizendo que era utilizada pelos nobres, na verdade a Igreja é que utilizava as tropas e poder dos reis e nobres, para instituir a perseguição e o terror.

Desde 1220 era grão mestre dos Templários Marie de Saint Clair, que ainda não havia sido alvo de reis nem papas, para seu martírio, embora a ordem exista até hoje.

Bernardo de Clairvaux (São Bernardo) foi um dos maiores perseguidores dos cátaros, que significava puros, e pelo ritual do consolament eram iniciados em uma cerimônia com a oração do Pai Nosso, tocava-se a cabeça do crente com o livro de S. João, vestiam uma roupa preta, depois azul, que foi substituída, durante a perseguição por um cordão azul. Seus templos eram destruídos e passaram a pregar em casas ou grutas, sabendo o Evangelho decorado.

Por orientação de um fanático religioso cuja ordem fora criada em 1216, Domingo de Gusmão, os judeus também passaram a ser perseguidos de forma sistemática.

Falava-se tanto do tesouro dos cátaros, que isto instigava ainda mais a ambição dos bandoleiros, embora estes homens e mulheres houvessem abdicado das riquezas.

O sangue destes inocentes foi tanto que até hoje persistem a difundir amargura e cobranças seculares.

Tudo se iniciara no ano em que Francisco conseguira firmar sua Ordem, com milhares de mortes.

Mataram todos em cidades nos Pirineus e o representante do Papa chegara com esta informação.

□ Matamos todos, S. Santidade.

□ Todos? - perguntara o Papa, - Mas se houvesse inocentes?

□ Não havia perigo. Se inocentes houvesse, Deus os reconheceria e os salvaria.

Os argumentos da Igreja eram deste porte. Qualquer acusado era considerado culpado, mesmo que jurasse inocência, já que todos os culpados se diziam inocentes.

A intolerância religiosa invadia Bizâncio, os reinos de Leon, Castela, Aragon, França, Itália, Inglaterra, Alemanha até Massada e as cavernas de Quimran.

O Imperador Frederico II se aliou contra os cátaros lombardos em 1224 e contra os alemães em 1232.

Desde o papa Alexandre II e o arcebispo Jean des Bellesmains, que a perseguição recrudesceu e não havia mais um local, onde se pudesse livremente pregar o Evangelho.

Honório III seguia as pegadas sangrentas de Inocêncio III e Hugolino, o cardeal bispo, embora como protetor da Ordem de Francisco, usufruía de importância tal nos meios eclesiásticos que sua era a mão que comandava o morticínio por todo lado.

Francisco se lembrava da tomada de Damietta, e da enchente do Nilo que impedira a tomada do Cairo, tal como no sonho que tivera.

Lembrava-se também de como os peruginos haviam trancado à chave os cardeais reunidos, a fim de que eles definissem a eleição em 1216, com a morte de Inocêncio III.

Aqueles aguerridos homens não pareciam entender a Doutrina de Amor de Jesus.

Nesta mesma época João Colonna é nomeado cardeal pelo papa Honório III. E logo depois Conrado de Fustemberg, cardeal e bispo do Porto.

Mas alguma coisa ele conseguira. Al Kamil, preocupado com Gengiskhan, propõe a Jean de Brienne, Jerusalém por Damietta. Sabia que o cardeal Albano retardaria as negociações.

Sim, ele conhecia aqueles homens todos, suas personalidades, seus pensamentos, suas articulações.

Percebia dia a dia a deterioração das forças físicas de Honório III e tudo indicava que o conde Hugolino de Segni, seu amigo, seria o novo Papa.

Mas também ele, Francisco, sentia que sua hora de partida chegava.

Viajava, pregava, defendia quantos podia, fugia às discussões teológicas com brilhantismo, apoiava muitos, mas o corpo, dia a dia pedia descanso, dores o achacavam, os olhos quase cegos, e a dor de saber quanta miséria moral e quantas atrocidades aconteciam por toda parte e continuariam ocorrendo pelos séculos à frente.

Um cardeal diácono se aproximara dele e de seus companheiros, Reinaldo de Segni, sobrinho de Hugolino, de verbo vibrante e fácil. Com ele era um tanto mais fácil dialogar sobre o Evangelho e a diferença que havia com aqueles que se diziam seguidores e donos da doutrina do Cristo.

Desde 1198, nomeado cardeal pelo papa Inocêncio III, Hugolino se tornava dia a dia mais forte em suas influências.

Fora bispo de Óstia, local onde em outra vida servira como militar romano (no livro A moça da ilha se conta sua história). depois legado pontifício na Alemanha, norte da Itália e na Toscana, passou a apoiar as ordens mendicantes.

Tudo levava a perceber que seria o sucessor de Honório III. Liga-se ao sacerdote Conrado de Marburgo para instituir as exoömmunicamus.

Francisco vê entristecido que não consegue modificar suas tristes e negras disposições.

Duas outras criaturas teriam influência no Império da Inquisição, Jaime I e o bispo Cisneros.

E é nesta paisagem terrível que vem partir, cercado de inimigos e cúmplices, o papa Honório III.

Vem a substituí-lo, já com idade proveta, Hugolino de Segni, que leva o nome de Gregório IX.

Os seres humanos estão sempre em busca de cargos. Brigam, matam, lutam por eles, pelo poder que representam e pelo dinheiro que lhes propicia destaque acima dos demais. Ascensão sobre os outros homens é o que lhes importa. É a ganância, a ambição, a vaidade, como sabiamente postulava Salomão, em suas palavras bíblicas, tudo é vaidade.

Cargos, honrarias, destaque acima dos demais, e nunca encargos, tarefas, trabalhos em prol de sua evolução e a benefício de seu semelhante.

Quanto mais conseguem mais desejam, quanto mais atingem as alturas das distinções humanas, mais se tornam duros e inflexíveis, na defesa de suas posições, utilizando todos os recursos para se manterem no poder ou para subir ainda mais.

Vencem barreiras, mas perdem o equilíbrio e a sanidade da alma.

Basta uma vista de olhos rápida em torno da humanidade, em todas as épocas e dos detentores do poder, para verificar quão poucos não se deixam aprisionar nas malhas sinistras do poder.

Ganha-se o poder, mas se perde a liberdade.

É melhor construir e elevar, auxiliar e amparar, trabalhar e se humilhar diante do mundo, do que se tornar servo dele.

As advertências de Jesus a este respeito são numerosas e sensatas, falando das riquezas, da ambição de destaque, e claramente explicando que aquele que desejasse ser o maior, que fosse o servo de todos.

As exortações, comparando a uma criança aquele que deva querer ser superior, na sua simplicidade e ingenuidade, singeleza e sinceridade, avançaram pelos séculos, mas como são esquecidas por todos.

Em toda parte, ainda hoje, nos meios religiosos, acadêmicos vemos as criaturas com a falsa superioridade, impondo o mando, as suas determinações, sempre em nome de Jesus ou dos luminares, que não os escolheram para representá-los.

A autoridade moral é que dá a superioridade, mas os seres superiores nunca se jactam de sê-lo, nem mesmo procuram a projeção de seus nomes ou feitos.

Pobre Gregório IX, quantas vezes terias desejado jamais tomar a tiara do Papa, quantas vezes, pelos séculos seguintes, desejarias jamais ter estado a lutar com tua inteligência, para atingir os desígnios que eram teus e não do Mestre.

Tudo o que homem plantar, haverá de colher.

Diante disto calemos nossas observações, porque o tempo e as vidas sucessivas já responderam quanto a isto.

Capítulo IX

GREGÓRIO IX

Honório III veio a partir em meio as mais cruentas atuações em toda a Europa.

Sucedeu-lhe o cardeal bispo Hugolino de Segni, com o nome de Gregório IX, que nas predições de S. Malaquias era nomeado em latim como Avis Ostensis, lembrando a águia romana que fora a representante de um poder temporal, quando ele fora Mário, o militar, que destruíra vários povos bárbaros, como os ambrões, os teutões, os cimbrós e outros.

Esta História está no livro De Mario a Tiradentes, e é interessante observar que atualmente a águia representa um país de domínio mundial, cujo povo vem a ser descendente dos antigos bárbaros.

Hugolino queria em sua posse ter a presença de Francisco, das irmãs da Ordem, mas não os viu nas festividades. Ficou muito triste com isto.

Lembrava-se que o frei passara o Natal em 1223 na Grécia e que no ano seguinte, fora chamado a vê-lo, ficando impressionado com a depauperização do corpo do santo de Assis. Ele tivera no monte Alverne, segundo lhe haviam contado, uma experiência única. Estivera com o próprio Cristo e, ao sentir as grandes dores, que o mesmo passava pela violência inaudita com que se haviam para com seus veros seguidores, Francisco O tentara consolar.

Via-se a imensa dor do Mestre, nos transe difíceis como na época da Paixão, e, ao tocá-lo, Francisco como que incorporara seu sofrimento, ficando com as marcas de seu corpo físico, à época da crucificação. Foram os amigos encontrá-lo exaustos e feridos nas mãos, no peito e nos pés. Chagas demonstravam algo transcendente ao vulgar.

Muito se falara a respeito disto e Hugolino fora pessoalmente conferir a história.

Os frades cuidavam com desvelo de Francisco, que na cama humilde e simples, parecia definhando de dor e amargura.

Quando Hugolino entrou os olhos do santo se encheram de lágrimas ardentes, a lhe escorrerem pelas faces.

□ Meu filho, - falou o homem já idoso, protetor da Ordem - não quero que te comovas com a minha visita.

Não desejo que fiques pior, pois teu estado inspira cuidados e todos estamos preocupados contigo.

□ Que bom que vieste. Sinto-me confortado com tua presença.- falou o santo e fez menção de erguer-se, mas não pode. - Eminência, tive uma graça imensa, que jamais poderei entender o porquê e a gravidade da mesma.

□ Não precisas me contar.-ia dizendo o clérigo, mas o outro prosseguiu:

□ Preciso contar-lhe, sim. É muito importante para mim e para o senhor. Estava meditando e jejuando no monte Alverne, quando me senti arrebatado do chão, como se mãos invisíveis me erguessem do solo. Sentia-me flutuar e uma sensação branda e agradável tomou conta de meus sentidos. Queria falar, mas não podia, queria sanguinolentas conhecimento expressar minha surpresa e agradecimento, mas permaneci emudecido.

Aos poucos, era como se fosse projetado aos céus e de lá pudesse avistar tudo o que ocorria na Terra. Via com uma nitidez impressionante, como se as cenas estivessem diante de meus olhos em todas suas nuances. Mas o que vi me aterrorizou completamente, mexendo com minha mente e meu coração.

Via homens bons, simples, despojados de luxo, estudando os livros de Nosso Senhor Jesus Cristo. Eram homens, mulheres e crianças, em perfeita harmonia e comunhão, com suas canções, com seu labor diário, em suas casas e pelas estradas. Em seguida vi exércitos chegando e mortes e mais mortes se sucediam, diante do meu olhar aterrorizado. Pessoas eram maltratadas das formas mais vis. Eram torturadas, queimadas, esfaqueadas, enforcadas. Criançinhas e mulheres seviciadas das formas mais bestiais, pessoas de todas as idades em terrível suplício.

As cenas se desdobravam ante meu olhar apavorado, pensei que preferia não ter a visão, para não tomar contato com aquelas situações.

Meu pranto se derramava sem parar dos olhos, e a sensação que fora agradável dava vez a um sofrimento sem limites.

Jamais pensei ver e sofrer tanto, na minha curta existência.

Ah, Eminência, por mais tente descrever o que vi e o que senti não conseguirei com a palavra humana.

Desejava não ver, não sofrer aquelas dores, quando, não sei quanto tempo depois da duração destes horrores, eis que vi uma luz maravilhosa aparecendo ao longe e se aproximando. A luz me fazia um bem enorme, parecia tirar-me a opressão que sentia e o sofrimento que aquelas cenas me causavam.

Quando ela se aproximou, fiquei ainda mais surpreso, pois a luz era emitida por uma entidade, um anjo de luz feito homem, e eu reconheci que era Jesus quem se fazia presente diante de mim.

Quis me arrojao ao chão, mas estava petrificado, queria abafar aquelas visões dantescas e infernais, e o olhar que ele me endereçou, ah, o olhar que ele me dirigiu, parece que ainda estou a vê-lo sobre mim, dirigido a mim...

Francisco parou um instante e teve que respirar profundamente, antes que pudesse prosseguir:

□ Hugolino, meu amigo querido, queria que todos pudessem ter visto o olhar com o qual Ele me olhou, porque se isto acontecesse, por certo, outras seriam as disposições das criaturas.

Daqueles olhos azuis, marejados de lágrimas, uma tristeza fluía como punhais a me cortarem a carne.

Ouvi-o falar, mas seus lábios não se abriram, para pronunciar palavra.

Novamente Hugolino quis interromper a descrição do frei, percebendo que cada palavra lhe doía fundo e ele estava muito extenuado, mas com um gesto Francisco pediu para prosseguir:

□ Hugolino, se Ele se mostrou assim para mim, não foi por meu merecimento, que nada sou. Se o fez, foi para que eu contasse o que me ocorreu, a fim de interceder junto aos poderosos da Igreja. Jesus dizia:

“Francisco, meu filho, olha o que fazem em meu nome. Implantam a violência, a maldade, o sofrimento, Inculcam a dor e orfandade, a morte e o terror. Meu filho, diga aos mandatários da Igreja à qual serves, que outra é minha disposição. Que não aprovo suas determinações, que abomino suas diretrizes, que sofro por suas ações.

Francisco, fala aos meus filhos que eles estão em erro. Jamais desejei esta carnificina, este terror, estas maldades. Fala-lhes, Francisco, de quanto me fazem sofrer.”

Neste momento, senhor, senti-me arrojado de imensa altura, ainda que estivesse de joelhos orando no monte e, ao dar acordo de mim, percebi que trazia impresso em meu corpo as marcas do martírio do Mestre.

Deste então, me sinto o mais miserável dos seres, por não poder impedir estas mortes, estes julgamentos sumários, estas condenações, e esperei para lhe dizer isto, mesmo diante do perigo de molesta-lo, de incomodar V. Eminência Reverendíssima. Se algum dia, minha pessoa e tudo aquilo em que acredito tiveram alguma influência, algum valor, alguma atenção, rogo que me escute. Sou mensageiro das palavras de sofrimento, de desagrado, de admoestação de Nosso Mestre. Não posso me calar, estas marcas que trago são testemunhas da graça que o Senhor me proporcionou, mas o fez não por meus méritos, mas pelo profundo amor que sente por aqueles que dizem representá-lo na Terra.

Por favor, pelo amor de sua alma imortal, por tudo em que acredita e aquilo a que se dedica, eu lhe peço, meu amigo, meu irmão, meu pai, meu superior, faça com que cesse toda este morticínio horrível, pesado, dantesco, faça com que parem estes assassinatos em nome de Jesus. Se encontro no senhor algum mérito, alguma consideração, Hugolino, não por mim, mas por Aquele que nos tem amado há séculos, usa sua influência para terminar de vez com tanta crueldade, com tanto martírio, com tanto horror.

A cerimônia prosseguia, mas Hugolino não conseguia deixar de pensar em Francisco, nos reis, em Clara e em Inês.

Lembrava-se bem daquele encontro que o marcara como que a ferro e fogo. Mas não tinha parado com o “Santo Ofício”, os julgamentos, antes pensava em organizá-lo melhor, com a desculpa de ser mais justo. Continuava a lembrar, sem prestar atenção às cerimônias.

No ano seguinte, Francisco estava profundamente abatido ainda, e chegara de uma viagem praticamente cego. Os olhos estavam inchados e vermelhos e doíam o tempo todo. Francisco estoicamente agüentava as dores, suportava as pessoas que o buscavam a procura de auxílio, e tinha para todos uma palavra amiga, um gesto de carinho.

Pelo que Hugolino sabia, o santo de Assis estava cada vez mais doente.

A seis meses de sua posse haviam conversado pela última vez. O prognóstico de Francisco se concretizava e ele viera a morrer em 3 de outubro de 1226.

Estava no palácio episcopal, quando Hugolino o visitou e o homem de Assis pediu para ser transladado para Porciúncula.

Não ver ali os frades e as irmãs lhe doía profundamente na alma. Perdera um grande amigo, raciocinava o novo Papa, e pior de tudo é que não lhe atenderia os últimos rogos, porque sentia teimosamente que sua tarefa era de expurgar tudo o que ele considerasse fora dos programas da Teologia da Igreja.

Era o dia 19 de março de 1227, quando fora eleito Papa e queria Francisco junto de si, de algum modo.

Aquele homem fora um santo, ele o sentia. Jamais veria de novo alguém como aquele homem jovem, franzino mas forte, inigualável nas suas predigas, nas suas admoestações, na sua candura e amor.

Haveria de mostrar a todos aqueles que ali o reverenciavam que ele, Hugolino, reverenciava Francisco.

No outro lado da vida, Francisco assistia a posse do Pontífice. Estava belo e másculo, irradiava luz e bondade, mas uma tristeza se evolava dele, a tristeza de não ter podido, com sua presença, com sua interferência, mesmo com a ajuda do Mestre, modificar de algum modo o destino das pessoas. Junto dele, milhares de mártires também aureolados de luz se faziam presentes, no tentame de colocar novas disposições na mente do novo Papa.

O ambiente era de festa, luxuoso, beatificante, mas no espaço almas argênteas vibravam com firmeza, mas tristes diante do que percebiam e esperavam nos anos porvindouros.

O Tribunal que se instalava aos poucos, parecia finalmente fincar suas raízes no campo jurídico, para solapar os últimos redutos de fraternidade e de lógica, de amor e de bondade sobre a face do planeta.

Hugolino pensou o tempo todo em Francisco, mas não se deteve nos pedidos do frei, nem nas suas doces e firmes admoestações, nem nas suas exortações ao bem, à uma mudança de atitudes. Pensava nele com saudade, mas se via tão diferente do frei, sua posição, sua importância, sua responsabilidade parecia exigir-lhe atitudes contrárias a tudo o que Francisco dissera, pedira, suplicara.

Nos meses seguintes planejou a Ordem das Clarissas. Exigiu a presença de Clara, suas irmãs, somente para poder se avistar com Inês. Procurou saber da vida de Tobias, que parecia ter desaparecido como por encanto. E, quis provar a todos o quanto admirava Francisco. Achou que bastava isto, para demonstrar a Ele, onde quer que estivesse, que não fora surdo aos seus rogos.

Então, no ano seguinte, 1228, canoniza Francisco de Assis, sentindo que com isso paga seu tributo àquele homem simples, que partira aos 44 anos e que talvez fosse o único amigo sincero que tivera em toda sua longa vida.

Os anos passavam mas não lhe arrefeciam o temperamento autoritário e flamejante. Nada parecia demovê-lo das escolhas feitas. Se antes intercedia e interferia nas obras de seu tio, agora não precisava pedir contas a ninguém para sua própria ação. Cartas eram enviadas a todos os locais, exigindo dos reis, nobres, bispos, párocos uma total obediência, uma aquiescência às suas disposições.

Cada vez se fazia mais inflexível.

Dia a dia seu gênio endurecia mais em disposições. Discutia as ordens com a Universidade de Paris, interferia nos cursos de Filosofia, e o Direito Canônico. A Teologia passou a ser o chicote com o qual vergastava os ombros e a vida de quem não pensasse como ele. A pureza Teológica era a desculpa que gerava a pena de morte para seus prováveis inimigos.

Gregório IX, o antigo conde Hugolino de Segni, marcava a ferro e fogo seu nome no Livro das Vidas.

Por fim, em 1231 forneceu normas precisas através de duas bulas com a constituição Excommunicamus.

Estabeleceu várias punições aos heréticos, e tratou logo de cercar-se de membros do clero secular que lhe obedecessem à risca as determinações.

De há muito contava com Domingo de Gusmão neste mister, e o sacerdote Conrado de Marburgo.

Estabelecidos os Tribunais da Inquisição, tratou de arregimentar os dominicanos, os cistercenses e os franciscanos para o mister de atormentar, perseguir, apontar e denunciar aqueles que não obedecessem à risca suas resoluções.

Aquele que servira à Igreja primeiro como bispo de Óstia, depois como legado pontifício na Alemanha, no norte da Itália e Toscana, apoiando as ordens mendicantes, principalmente as franciscanas, pelo grande carinho e admiração que tivera a Francisco de Assis, eleito sucessor de Honório III, começou a administrar a difícil política da Igreja e dos Impérios, entre reis e nobres, submetendo todos à sua vontade, afrontando o imperador Frederico II, a quem favorecera e de quem agora exigia irrestrita obediência. Uma excomunhão papal era morte na certa.

Obrigou Frederico a sair com uma Cruzada. Mesmo diante de uma epidemia que atingiu os exércitos do monarca, não se deixou dobrar, e como este retornasse do campo de luta excomungou.

O pobre imperador se viu entre a cruz e a espada, pois teve que ceder e retornar ao campo de batalha, mesmo com a perda da maioria de seus homens ou então conheceria os terríveis castigos e torturas infligidas àqueles que não atendessem às ordens do Papa.

Hugolino, como Gregório IX, impôs a superioridade da Igreja a ferro e fogo. Com isto ganhou ele um terrível inimigo que se naquele momento se dobrava ante suas ordens, passou a pensar num modo de derrotá-lo, e tudo faria dali para frente para arrostar sua autoridade, e vingar-se das ordens despóticas que fora obrigado a cumprir. Pelos séculos vindouros Gregório IX haveria de sentir ainda o rancor que

plantara no coração daquele imperador. E conheceria sua força nos instantes últimos de sua vida terrena. A partir daquele momento passou ele a organizar sistematicamente as decretais, e com sua sólida preparação jurídica, foi inflexível naquilo que ele considerava como a defesa dos direitos da Igreja. Como os franciscanos se esquivassem de seguir-lhe as demandas de perseguição, organizou a Inquisição, confiando-a aos dominicanos, os quais fariam tanto mal naquela época, como continuariam a fazê-lo pelos séculos afora, ainda que Gregório IX canonizasse seu fundador.

Vamos encontrar estes dominicanos, séculos depois, na invasão do Peru, erguendo sua Igreja de S. Domingos no Corecancha, em Cusco, no mesmo local do palácio de Wayna Kapac, e entre estes padres aquele que ficou conhecido no século passado como o comunicador de televisão Augusto César Vannucci. Mas, retornemos às pegadas daquele que seria o mártir da nacionalidade brasileira, na pessoa de Tiradentes, no século XVIII.

Vamos conhecê-lo em suas atitudes despóticas, através de suas decretais, que tanto martírio custaram à milhares de criaturas, como o Papa Gregório IX.

Passava suas cartas a todos seus subalternos, ordenando que excomungassem e anatematizassem a todos os hereges, sob quaisquer formas que se apresentassem, ou por quaisquer aparências.

Cuidava de dar formas às condenações e escrevia aos bispos de varias jurisdições. A Olao, bispo de Lund mandou mesmo informações precisas de como deveria se ordenar os presbíteros e os diáconos, por imposição da mão, com tato corporal, segundo o rito que considerava dos apóstolos do Cristo.

Os seus decretos e cartas iam de um lado para o outro, tratando dos batismos, como ao arcebispo de Drontheim, a Sigurdo, ou ao irmão Reinaldo sobre a usura, sobre a cobrança de débitos entre os paroquianos.

Tudo era motivo de seus estudos, de suas resoluções de suas Decretais, e o temor de cair-se em erro, diante dos representantes do Papa, causava verdadeiro pavor a todos.

Sabendo que em alguns locais haviam batizado as pessoas com cerveja, pela falta de água, tratou de logo escrever aos representantes da desconsiderassem estes batizados e novamente, sob pena de sofrerem as sanções que ele imporia, caso não o obedecessem.

Intrrometia-se na venda de tecidos, grãos, vinho, o azeite e outras mercadorias, falando dos contratos que se deviam cumprir, dos juroes que não se podiam pagar além da conta, sob pena de usura e também do dízimo alencado nas vendas para a Igreja, que cuidava dos bens de seus fiéis e de salvar as suas almas. Suas missivas causavam horror e seguiam até a Ab Aegiptiis, levantando as questões teológicas dos Santos, como chamava seus representantes, que conheciam a ciência de Deus, e que tinham todo o entendimento do Cristo, indo contra tudo o que pudesse ser natural e belo, simples e puro, considerando profanas as palavras e fatos das comunidades, e dizendo que faltavam à fé. Procurava atacar a filosofia e tudo o que pudesse gerar controvérsia com suas determinações, falando que os filósofos desconheciam a Deus, e perseguindo qualquer um que pretendesse se inteirar da sabedoria, do estudo, e perseguindo qualquer conhecimento a respeito das antigas civilizações, fossem romanas, helênicas ou qualquer outra localidade que que o fizessem

A Teologia não podia conspurcar-se com o fermento da ciência mundana, e todo conhecimento passou a ser perseguido de forma irracional e terrível.

E, infelizmente, encontrou outras mentes que se lhe aliaram na perseguição infeliz a multidões sem conta. Embora o “Santo Ofício” viesse fazendo de há muito, mártires pela Igreja, coube a Hugolino de Segni, o Papa Gregório IX, instituir juridicamente o Tribunal da Santa Inquisição em abril de 1231. Quão caro pagaria ele por estas disposições.

Violentar o pensamento humano, criando tribunais que impeçam o homem de pensar e agir livremente, sempre será o início dos desregramentos na ação da justiça humana.

Verificamos que as pessoas que se julgam donas da verdade sempre utilizam as desculpas terríveis de estarem agindo em prol de um ideal, de coletividades, em nome do bem e da paz, e sancionam injustiças, absurdos, como quem faz o bem simplesmente.

Precavemo-nos contra estes ardilosos argumentos dos dominadores de todas as facções, sejam elas religiosas, políticas ou partidárias de ideologias falsas e melífluas.

Quão simples é detectá-los, porque sempre buscam a própria supremacia, em quaisquer circunstâncias, porém quão difícil é mostrar isto às multidões, que se deixam enganar pelas desculpas e motivações mentirosas que lhes são apresentadas.

Mas o ser humano tem uma consciência e tem um cérebro, que lhe dão respaldo a este reconhecimento e, em razão disto, nenhuma desculpa poderá ser levada à conta, diante das atrocidades que se perpetram através dos expedientes doentios da soberba e do orgulho.

A Verdade é simples e insofismável. Toda a vez que nos lançarmos com violência contra grupos ou coletividades que não nos aceitem o modo de ver e de sentir, estaremos incorrendo em erro.

A autoridade é pacífica, a ninguém persegue ou malsina e jamais utiliza os instrumentos cruéis que eram então utilizados para ferir os corpos das pessoas, fingindo preservar-lhes as almas.

Rememoremos Jesus que jamais tratou as pessoas com maldições e anátemas, que não traçou condições para segui-Lo e nem mostrou diretrizes que estivessem acima das forças humanas, antes procurou servir, entender, amar em todas as circunstâncias.

Ouçamos a palavra das pessoas e observemos suas atitudes, sempre que estivermos em dúvida quanto aos seus reais propósitos.

Não nos deixemos levar pelos lobos que balem como ovelhas, por que eles sempre acabarão por mostrar as garras e o móvel que os direciona.

Cuidado com aqueles que buscam constranger o próximo que não leia pelas suas cartilhas, e

perceberemos que a bondade é sempre o selo de garantia para os verdadeiros discípulos do Cristo. Asseveremos que a conduta é quem dita a essência dos seres humanos e ninguém que se diga despenheiro do Senhor maltratará seus irmãos ou usará o verbo, a maledicência, o jogo de poder e de sedução, para se sobrepor aos demais.

Habitualmente encontraremos aqueles que buscam intervir em associações, grupos e instituições, para auferir benefícios de diversos tipos, ou na posse dos bens materiais, ou no lustro do sucesso e autoridade sobre muitos.

Se pretendemos enobrecer nossos espíritos com os bens imperecíveis, guardemo-nos destes que, hoje como ontem, buscam se sobrepor aos demais.

Dizem-se humildes, quando sabemos que os humildes jamais se reconhecem como tal, levam junto consigo pessoas a lhes alardear as qualidades, e jamais se deixam enternecer com o amor, refratários ao verdadeiro bem.

Porém, cedo ou tarde, todos são constrangidos a reconhecer as próprias mazelas e enfrentar a própria verdade.

E quando isto acontece, rui o muro da vaidade e do orgulho e o retorno à Verdade impõe o preço alto do refazimento.

Não busquemos as ilusões, mas sejamos fiéis à determinação do bem e do amor, para não termos que pagar o alto preço que Gregório IX veio a pagar nas Minas Gerais.

Uma só daquelas mortes e torturas perpetradas, teria um preço altíssimo.

Imaginaí, se puderdes, a cobrança de tantos milhares de vítimas e da queda moral de tantos outros que se deixaram enredar nas malhas sinistras do momento vivido, e reconheceréis as tramas e tramóias do intrincado labirinto da justiça.

CAPITULO X SANTA INQUISICAO

Apesar de toda a tentativa de apagar de vez com as luzes do passado, trazidas aos povos antigos por Pitágoras e Aristóteles, Sócrates e Platão, pelos druidas, com suas altas concepções da vida espiritual, pelos celtas, haviam pontos isolados do pensamento luminoso a trabalhar aqui e ali, pelo mundo, trazendo as claridades benditas do Cristianismo, e tentando se impor contra os desmandos da Igreja.

Eram correntes rebeldes, precursores dos movimentos da Reforma protestante, que eclodiria no futuro, e que falavam da liberdade de consciência, de escolha, de pensamento, da responsabilidade do indivíduo como ser imortal, que preexistia ao nascimento e sobreviveria além da morte, que representavam um avanço às massas, e que encontravam inimigos gratuitos nos representantes do clero e nos milhares de espíritos das trevas que se opunham ao avanço da luz, e que utilizavam ao bel prazer os encarnados na dizimação e no sacrifício de muitos.

O poderio da Igreja se instalara aos poucos, camuflada como representante do Cristo sobre a face da Terra. Muitos dos inimigos de Jesus acreditavam piamente no papel que estavam desempenhando, porém a maioria não cuidava das lições do Mestre, antes buscavam apenas o poderio do mundo, com fanatismo, com crueldade, com abuso e arrogância.

Constantino oficializara o Cristianismo e, anos mais tarde, surgiria o Papa, como representante máximo da Igreja do Ocidente.

Em contrapartida, comunidades do leste europeu, da África e da Ásia criaram a Igreja Ortodoxa, que era desde o século XI móvel de pertinaz perseguição da Igreja Católica Apostólica Romana, que não possuía maior autoridade do que a Igreja Grega ou a Igreja Celta, ou outras correntes cristãs mais longínquas do leste ou oeste de Roma.

Foi aí que surgiu a idéia que ela deveria se impor pela força secular e extirpar o desafio de outras escolas cristãs. Ligações seculares com os merovíngios, depois assassinatos de representantes máximos destes, tentando o extermínio desta linhagem, com a morte de Dagoberto II, são páginas dantescas da história deste domínio.

Cinicamente, depois a Igreja canonizaria Dagoberto, tentando ocultar sua face assassina.

Faria isto também com a donzela de Dom Ré Mi, Jeanne D'Arc.

Por que seria diferente com os cátaros, com reis e nobres que se levantassem, enfrentando seu poderio crescente ?

A Idade Média foi marcada pela violência religiosa, contra todos que se chocassem frontalmente com o dogmatismo da Igreja de Roma.

E para ironia histórica, os sobraram foram aqueles guardados carrascos e acusadores, pelos juízes e condenadores dos mártires de então.

Sobraram apenas os imensos e belos castelos construídos nas escapas e abismos mais inalcançáveis em toda a Europa.

documentos que pelos próprios

A pressão religiosa imposta por Roma se materializava através da tão temida Santa Inquisição, juridicamente implantada por Gregório IX.

Qualquer concepção mais espiritualizada do mundo, que falasse do espírito, da reencarnação, da necessidade do amor cristão, tinha que ser varrida da face da Terra. Imaginaí a alegria dos prepostos do mal, vendo as cenas que se repetiam por todo o lado, das perseguições atrozes, dos calabouços, da ignomínia em forma de interrogatório e de torturas, imaginaí o riso que se fazia escancarar no cinismo

humano através dos vilões de ambos os planos da vida, maquinando meios de submeter os seres, de quebrar-lhes a firmeza espiritual, de quebrantar-lhes a fé e o ânimo, de dobrá-los sob o gūante de tantos martírios e maldades.

Não. A verdade histórica é bem maior do que a mente humana é capaz de imaginar, neste contexto dantesco que durou tão longos séculos, num crescendo de ignomínias.

Penetremos nestes castelos saqueados, e teremos o testemunho mais concreto nestas paredes de pedra que guardaram as lembranças das almas que foram atormentadas, martirizadas e assassinadas pela Santa Inquisição. Suas abadias e castelos, em precipícios e colinas inacessíveis tão elevadas, mostram-nos as inabarcáveis misérias humanas, e as mais impressionantes paisagens de beleza da natureza e do ser humano.

Gregório IX continuava a perseguição que haviam imposto ao rei Luis VIII, e apesar das desvantagens dos perseguidos, aqueles mártires continuavam teimosamente a pregar o Cristianismo com um virtuosismo inimaginável.

O conflito perdia aos poucos todo o aspecto religioso e passava para o campo político, naquilo que tinha de pior.

Mais de dez anos haviam se passado desde aquela cruzada criada por Inocêncio III. Ironia que esta cruzada primeira houvesse se formado na cidade de Lion, com senhores eclesiásticos, laicos, vassalos, mercenários, voluntários e aventureiros, a cidade que seria no futuro o berço do druida Allan Kardec, até que o Languedoc passasse ao domínio dos Capetíngios, pelo tratado de Meaux, em 1229.

Cruzes amarelas eram pregadas nas costas dos prisioneiros, lembrando que depois na II Guerra Mundial as estrelas amarelas seriam presas nas roupas dos judeus, no futuro. Discriminação, julgamento compulsório, condenações à fogueira, confissões arrancadas à custa de sofrimentos torturantes, denúncias, ameaças, perseguições, mortes nas prisões, tudo autenticado, juridicamente certificado pela Santa Inquisição. Os processos eram tangidos com severidade e abuso, do começo ao fim, os argumentos eram os mais estapafúrdios e ilógicos, os mais terríveis possíveis.

Inspetores do Papa eram mandados a toda parte, para averiguar os casos de heresia.

Com isto, a França perdia a oportunidade de ser a pioneira no movimento do Renascimento Cultural que só ocorreria com a vinda de expoentes do Mundo Espiritual, a renascereem na Itália, como Massacio, Verrochio, Miguelangelo, Da Vinci, Pietro Vannucci, Rafael e tantos outros, dois séculos depois.

A insegurança e a ameaça eram o pão nosso de cada dia, sob o fel de todas as barbaridades.

Santa, Santa, Santa Inquisição, juridicamente constituída, fazendo mártires diários aos magotes, em nome de Deus, em todas as partes do mundo conhecido de então e prosseguindo pelos séculos vindouros, chegando até as terras novas das Américas e do Brasil, a fazer mártires e mais mártires, inocentes transformados em pedaços de carne a serem jogados aos cães famintos da prepotência, em nome de um direito usurpado, como tantos outros criados pelos monstros da presunção, da arrogância e da maldade. No início eram utilizados mais os processos de tortura psicológica, depois a tortura física para salvar as almas e obter as confissões.

O pobre réu não era informado de quem seria seu acusador. Mulheres, crianças e escravos podiam ser testemunhas de acusação, mas não de defesa.

O que se visava era manter os camponeses sob o domínio da Igreja e angariar mais e mais terras e bens. Milhares e milhares de processos eram julgados, principalmente pelos dominicanos, e embora muitas vezes populações inteiras se erguessem para tentar apoiar os condenados, estas populações passavam a ser alvo também das perseguições.

Em todos estes julgamentos o dedo de Gregório IX. Em 1231 ele reproduz as acusações do Stedwger, feitas pelo sínodo diocesano de Brensen. Em 1233 organiza a Inquisição aos albingenses, pelo Concílio de Bezers. Já em 1229 organizara um tribunal especial reclamado pelo Concílio de Toulouse.

Tenta convocar um concílio geral em Roma para submeter em julgamento o Imperador Frederico II, na Lombardia e na Sicília., em 1239. Somente em 1240 convoca este concílio em Roma contra Frederico II, em outubro, mas não consegue realizá-lo.

Em 1241 Frederico II ataca a esquadra papal e toma prisioneiros mais de 100 clérigos convocados para o concílio que iria excomungá-lo e depô-lo.

Quem vai conseguir a deposição e excomunhão de Frederico é o sucessor de Gregório IX, o papa Inocêncio IV, que termina o que seu antecessor iniciara.

Santa, Santa, Santa Inquisição, causadora de tantas desditas e de tantas injustiças, em nome Daquele que é o Príncipe da Paz, o doce Rabi da Galiléia.

É desta época também que se começa a pensar seriamente na perseguição a Ordem dos Templários e conquista de Massada, cada assunto de per si importantíssimo para o conhecimento desta Idade Média, mas que fogem à perspectiva do estudo da vida de Gregório IX.

Dois conhecidos santos da Igreja Católica passaram a perseguir os cátaros, S. Domingos de Gusmão, e S. Bernardo de Clairvaux.

Interessante foi que no início Domingos e Bernardo admiraram os cátaros, vindo a perseguí-los muito tempo depois. Somente Francisco não quis imitá-los, embora alguns de seus seguidores o fizessem depois, entre eles, Fernão de Bulhões, conhecido como Santo Antonio de Lisboa.

Os cátaros fugiram para a Itália e Inglaterra, onde o inconfidente José Álvares Maciel, meio milênio depois, ao ser iniciado na Casa dos Leões, acabou por tomar contato com herdeiros da seita, tornada oculta pela perseguição da Inquisição.

Na Espanha, linhas do pensamento islâmico e judeu, principalmente da cabala encontrava força no seio de nobres e letrados. Os sacerdotes católicos não eram sequer respeitados ou apreciados nestas regiões,

até os Pirineus.

Santa, Santa, Santa Inquisição combatendo as sociedades secretas, as madonas negras e a idéia da reencarnação, com o poderio da besta do Apocalipse, sentada sobre oito colunas, como a cidade de Roma. Enquanto isto, grupos secretos, passagens subterrâneas guardavam documentos e objetos preciosos às civilizações futuras.

Os ataques a Montségur prosseguiram e é admirável como a população que ali se abrigava conseguiu por tanto tempo antepor-se a estes ataques, até cair após a morte de Gregório IX.

Como não faltasse mais uma jurisdição formada para a perseguição, esta se fez cada vez mais intensa e as penas variavam em severidade. A Santa Inquisição transformava tudo em dever: denúncia, prisão, confisco de bens, morte, após tortura. Fogueira ou enforcamento. Não havia refúgio possível, contudo, muitos conseguiram escapar e dar continuidade aos seus estudos, modo de vida e de pensamento.

Santa, Santa, Santa Inquisição sangrenta e inominável. Inveja, mentira, usurpação, imposição, terror.

Famílias, grupos, comunidades, nobres, liberais, letrados, iletrados, velhos, jovens, crianças, todos alvo da mais ignominiosa perseguição e extermínio.

Santa, Santa, Santa Inquisição, depois de instituída, três décadas depois começam os processos de feitiçaria, que tanto custariam principalmente às mulheres.

A histeria levava pessoas a se considerarem culpadas, a imaginação e o medo faziam o resto.

Era tão assustador o cenário montado pela Santa Inquisição e seus milhares de processos, que o que se conseguiu foi ampliar a influência e a crença no Demônio, que era o “culpado” de todo o terror gerado pela ignorância e maldade humanas.

Santa, Santa, Santa Inquisição, caída a máscara cristã o que te restaria no presente ? A face escaveirada e putrefata da realidade de tuas ações, levando milhares de mártires à fogueira, em um genocídio bem maior e mais dantesco daquele vivenciado pelos primeiros cristãos, diante da Roma pagã.

Nada explicaria o domínio e exercício nefando da Santa Inquisição até meados do século XIX. Suas atrocidades até hoje geram perturbações naqueles que passaram pelo seu braço secular, ou como vítimas ou como heróis, ou como juizes e mestres da maldade.

E tudo se fez de uma forma tão organizada, tão camuflada de autenticidade e direito, que logo se criaria o Manual dos Inquisidores, peça fantástica, obra prima da insensatez e crueldade humanas.

As instruções primorosas dadas aos inquisidores, a forma como deviam agir para obter as confissões, o modo como dobrariam os inocentes e se lhes quebrantariam o espírito, são urdiduras das trevas das mais espetaculares. A quanto desce o ser humano quando se decide a ser vil, medíocre e perverso, mesmo com as desculpas mais esfarrapadas.

Quase um milênio de perversidade, quanto custará ainda à civilização humana até que seja extirpada esta Santa Inquisição, e modificadas as criaturas que a criaram com tão perversa inteligência e capacidade?

Santa, Santa, Santa Inquisição, nada do que disseres a teu favor, abrandará um til de tuas atrocidades.

E, em meio a tantas barbaridades, o cuidado de Gregório IX com Clara, com Inês, com as irmãs dirigidas à pobreza se destacam. Mostrando um lado oculto do Inquisidor -mor.

Desde 1227 quando escrevera a abadesa de Espoleto, concedendo-lhe o Privilégio da Pobreza, as cartas a Clara e suas irmãs, e as outras ordenando que as irmãs de Francisco, as Clarissas, não fossem molestadas, as preocupações com sua clausura, com o jejum, as permissões as irmãs de Praga, para que possam se defender melhor do frio, dando as mesmas isenções e privilégios, o alívio que lhes concede em algumas regras estabelecidas, tudo mostra a preocupação do idoso Pontífice com as irmãs de Francisco. Tanto rigor para com aqueles que considerava inimigos e tanta preocupação para com aqueles que estivessem ligados ao Santo de Assis.

Personalidade intrigante a deste Pontífice, tão envolvido com os assuntos do Cristo, mas tão distanciado Dele.

Gregório IX iniciou um reinado dominado pelo medo e terminou-o aprisionado pelo horror.

Os massacres que haviam se iniciado antes dele, prosseguiram com ele e foram seqüenciados por outros e mais outros. Quase um milênio de trevas, quantos nos custaria para resgatá-lo?

Inquisição significa investigação. Prouvesse aos céus fosse realmente apenas isto. Todos eram suspeitos, vigiados, depois acusados, perseguidos, condenados e mortos.

Quantas demandas, quantas interpolações, quantas causas jurídicas foram levadas a efeito nestes tremendos séculos, com intervenções de reis, desembargadores, juizes, até no Brasil e no resto do mundo, tudo ali iniciado com as duas bulas de Gregório IX.

Doloroso e estranho Tribunal, cujos crimes jamais serão bastante expostos e dimensionados, que jamais poderão ser suficientemente reprimidos, e cujos frutos nefandos colhemos até o presente.

Santa, Santa, Santa Inquisição, praza aos céus, jamais tenhamos novamente que sofrer teus horrores!

CAPITULO XI DOMINGOS DE GUSMAO

Uma das criaturas que mais influenciou e vivenciou o período desta conflagração e implementação da Santa Inquisição foi Domingos de Gusmão, que foi beatificado juntamente com sua mãe por Gregório IX.

Nascido na velha Espanha (Caleruega, em Castela) foi descendente de ilustre família nobre, e teve dois irmãos que se dedicaram à religião, sendo que o mais velho deu todos seus bens aos pobres e foi trabalhar em um Hospital. Domingos era o caçula.

Muito estudioso logo se destacou, chegando a dar aulas na Universidade de Palência. Seu exagerado apego aos estudos da Teologia é que o distanciariam das práticas cristãs.

Foi de Inocêncio III que recebeu incumbência de conquistar os cátaros e esteve junto deles por dois anos. Foi também neste período que travou contato com o conde Hugolino de Segni. Junto dele estavam alguns monges de Cister.

Foi nesta época que começou a arrumar seguidores, que o adoravam e seguiam suas regras e sua intenção nas preces numerosas. Fazia um rosário com mais de 150 AveMarias, e tinha uma oratória brilhante, sendo seguido por milhares de criaturas, que se deixavam arrastar pela sua verbosidade.

Até hoje, reencarnado, domina multidões com seu verbo e sua falsidade, fingindo-se de mensageiro de Jesus.

Ao contrário da simplicidade de Francisco de Assis, mais preocupado em amar o semelhante e deixar exemplos de amor cristão, Domingos brilhava na cátedra, demonstrando vasto conhecimento, fazendo prédicas que preparava diante de um espelho, decorando os textos e simulando um verdadeiro envolvimento com os céus, durante suas falas à multidão ou aos seus seguidores.

Criaturas sempre prontas a se deixarem levar pela aparência, pela falsa modéstia, pelo lustro e brilho das palavras vazias, caíam no fascínio que ele procurava exercer a envolver e arrastar os tolos.

Foi em 1215 que ele reuniu seis de seus discípulos e os trajou com o hábito dos cônegos regulares de Osma, que consistia em um hábito branco, com capuz e capa de lã negra. Seu irmão, o beato Manes, o seguia. Apesar de serem pobres, ele logo aboliu o trabalho e exacerbou o estudo prolongado e os exercícios de penitência. Ordenou a seus seguidores que atraíssem a juventude acadêmica para suas fileiras, numa atitude profundamente elitista, bem de acordo com seu modo de pensar e agir.

Inocêncio III amparou-o logo dando possibilidade da criação da Ordem. Também Honório III foi um amigo e protetor de Domingos de Gusmão, bem como Hugolino de Segni, que depois chegou a ser o papa Gregório IX.

Embora tivesse partido aos 51 anos de idade, em 1221, deixou um grupo de seguidores sectários que deram continuidade à sua obra, e ficou firme no posto de fundador da Ordem, continuando no Plano Espiritual a lutar incansavelmente contra aqueles que ele considerava inimigos da Igreja, e, por conseguinte, seus inimigos particulares.

Foi um espírito equivocado, combativo e insistente nas suas escolhas, e mais seguro ficou quando Gregório IX o canonizou.

Desde que conhecera em Roma Francisco de Assis, abraçou-o efusivamente, pensando que o frei era igual a ele em ferocidade e arrogância, dizendo que ambos estavam ligados ao Cristo e que o Inferno não conseguiria desligá-los um do outro.

Francisco, reconhecendo nele os equívocos emanados da arrogância humana, da mesma forma que via isto em Hugolino, Inocêncio e tantos outros, encheu-se de piedade e respondeu-lhe:

□ Meu irmão, o Inferno está em não nos amarmos uns aos outros, como Jesus nos ensinou e julgarmos que Ele precisa de nós, para ensinar ao homem o caminho dos céus. O inferno reside na consciência culpada e praza aos céus, que jamais sejamos contados entre aqueles que geram o mal entre as criaturas.

Corria o ano de 1234, quando Gregório IX o canonizou. e foi neste mesmo ano que Inês de Praga escreveu para Clara por primeira vez, querendo entrar na Ordem das Clarissas.

Começaria aí uma grande luta, porque Inês tinha muitas propriedades, e justamente a luta familiar que isto gerava, fez que ela procurasse se livrar dos bens terrenos, em busca de uma vida simples e singela.

Por mais que escrevesse a Clara e que procurasse de todos os meios se livrar de seus haveres, a isto se opunha o Papa, desejoso de trazer aqueles bens as clarissas e depois ao próprio erário secular.

Muitas eram as súplicas e cartas de Inês de Praga ao representante da religião oficial imposta a todas as populações. O sofrimento de todos era inaudito, ampliado pela jurisprudência criada com as bulas que instituíram os Tribunais da Santa Inquisição.

Foi numa destas ocasiões que, apesar da grande ascendência que Clara tinha sobre o idoso Papa, vendo baldados seus esforços de fazê-lo atender aos rogos de Inês de Praga, que a companheira espiritual de Francisco, após ter muito orado e pensado a respeito, resolveu pedir a sua irmã Inês, que fosse a mediadora neste caso.

Fazia alguns anos que Inês não via o Pontífice, e guardava do idoso apaixonado aquele temor que jamais conseguira explicar a si mesma.

Agora, sem a proteção de Francisco, após saber que ele tudo fizera na tentativa de localizar Tobias, ela ouviu as ponderações da irmã:

□ Inês, - dizia Clara - já esgotei meus recursos. Nossa querida irmã desejou entrar na Ordem, para impedir que houvesse em sua família até crimes, pela partilha dos bens. Ela renunciou a tudo, e deseja que eles tomem posse do que lhes pertence, pois se desprende do mundo para viver uma vida de simplicidade conosco. Contudo, o Papa não aceita seus votos de pobreza, não a desincumbe de suas riquezas, e isto lhe tem causado grande sofrimento.

□ Clara, não temos mais Francisco conosco, e não desejo estar com Hugolino, porque sempre senti muito medo do que possa propor-me. Você sabe que, de algum modo, ele se apaixonou por mim, e eu, pobre de mim, sinto-me atraída por ele, apesar da grande, enorme diferença de idade que temos.

□ Não diga que Francisco não está mais conosco. Seu corpo chegou ao fim, mas ele sempre me aparece, me inspira como agir, e foi ele quem me apareceu em sonhos estes dias, dizendo que sofre com a grande pressão exercida sobre Inês de Praga, e que tudo devemos fazer para auxiliá-la e livrá-la dos tormentos causados pela riqueza. Minha querida, eu mesma já escrevi ao Pontífice. Sabes que ele me chama carinhosamente de mãe me atende em quase tudo, embora relute por longo tempo antes de fazê-lo. Mas Inês não pode esperar mais. Parentes a assediam, ela corre risco de vida, bem sabes, e espíritos a atormentam dia e noite, quase a enlouquecê-la. Não podemos deixar de intervir neste caso. Por isto, preparei sua viagem. Avisei o Pontífice que você me representará e falará com ele. Ele a aguarda em Roma, e eu suplico que vá, em nome de Jesus, pelo carinho de Francisco, e para por fim, de uma vez por todas, ao sofrimento de nossa querida Inês de Praga.

Corria o ano de 1235 e em maio pela carta “Cum relictis saeculi” o Papa quer que Inês de Praga aceite propriedades.

□ Mande uma carta a Inês e logo seguirá outra, dando ciência do que pretendo fazer. Conto contigo, minha irmã. Em quem mais poderia me firmar, a não ser em ti? Deixa o temor de lado. A idade deve ter posto mais juízo ao conde Hugolino e agora com tantas atribuições, ele não insistirá em tê-la junto de si. Pacífica de Geulfúcio irá com você.

□ Por que você mesma não vai a Roma, se é tão importante ?

□ Não posso afastar-me daqui, mas estarei em espírito com você, bem como Francisco. Não me decepcione.

Colocadas as coisas da forma incisiva como Clara colocou, Inês partiu para Roma, onde foi recebida com efusivas manifestações de carinho e respeito pelo Pontífice.

Avistaram-se numa manhã, quando ele fez com que a fossem buscar no local onde estava albergada, junto com outras irmãs.

Nos jardins imensos, longe dos bispos e prelados, Gregório fitava Inês, com a ternura dos homens apaixonados, mas observava o quanto a pobreza e a vida de trabalho duro tinham amarfanhado aquele corpo sempre tão desejado e tão belo.

A alma da jovem, contudo, não arrefecera na sua firmeza naqueles anos, antes parecia brilhar mais ainda, obrigando-o a se curvar diante dela, pela grandeza de sentimentos que demonstrava.

Obrigara Pacífica a ficar com seu secretário e se dirigira para os jardins, a fim de ter alguns momentos a sós com ela.

□ Senhor, ousei vir até Roma, para lhe falar em nome de Clara e de suas preocupações com Inês, porque sua carta a impede de livrar-se dos bens que não deseja .-falou Inês com acentuada firmeza na voz.

□ Minha filha, olhe para mim, quando me fala.ordenou o Papa, querendo fitá-la nos olhos.

Inês corou, pois conhecia o magnetismo daquele olhar e as sensações que punha nela, mas puxou o capuz por sobre o rosto, querendo se esconder e ergueu os olhos para aquele homem já alquebrado pelos anos, mas cuja firmeza não arrefecia, sentindo que seu amor por ele não se diluíra com o passar dos anos, nem com a ausência.

Mentalmente pediu ajuda a Francisco e, de repente, uma calma a invadiu e parecia que o fitava com os olhos daquele espírito.

□ Sei que sou muito pobre, pequena e tola, em vir pedir-lhe algo, mas Clara foi muito específica na sua orientação para mim. Ela lhe suplica que mude suas disposições contidas no seu “Cum relictis saeculi”.

□ Clara quer que eu me desminta, que eu me retrate.- diz você - E por que faria isto? O que ganharia com isto?

O olhar cúvido do Pontífice era bem óbvio, mas Inês ficou firme em seu posto.

□ Ganhará a gratidão e admiração de Clara, de Inês de Praga e minha, senhor, que bem sei pouco representa, mas é tudo o que temos a lhe dar e consideraremos que foram respeitadas nossas disposições, quanto à pobreza que abraçamos e ao trabalho.

Inês só conseguia falar com aquela firmeza, porque era Francisco quem a auxiliava naquele momento. Havia tido uma noite povoada por pesadelos, nos quais a figura de Domingos de Gusmão a perseguia e ameaçava, fazendo acusações vis sobre sua pessoa, seu comportamento, e o estratagemas de Clara, enviando-a para interceder pela irmã de Praga. Em sonho Domingos lhe dizia:

□ Filha do demônio! Rameira, prostituta! Como ousas vir à presença de S. Santidade, para pedir que ele se retrate em uma de suas determinações, usando a inclinação que ele sente por ti?

Fora isto que Domingos lhe falara em sonho, no desdobramento espiritual e iria atacá-la com tamanha fúria, que ela por certo teria adoecido, não fora a intercessão de Francisco, se pondo à sua frente e retrucando:

□ Pára, Domingos! Não basta a influência perniciosa que exerces sobre Hugolino, agora pretendes destilar o veneno de tuas conclusões doentias na mente de minha querida Inês? Afasta-te em nome do Cristo e não interfiras na missão que nós escolhemos para ela.

A presença do homem de Assis, afastara o perseguidor cruel e agora, ali, diante do Papa, ela sentia novamente o auxílio de Francisco na sua missão.

Hugolino tocou de leve a mão de Inês, que não lhe fugiu com a sua. Ele a segurou beijou-as enternecido e prometeu pensar.

A freira retornou aos seus aposentos, no convento que a abrigara e de lá retornou à companhia das irmãs. Nada disse, nada esperava.

Contudo, dois anos depois, Gregório IX com a bula “Omnipotens Deus” revogou as disposições de “Cum relictæ saeculi” e em 15 de abril de 1238 na bula “Pia credulitate Tenentes” aceita com elogios a renúncia de bens feita por Inês de Praga.

Em junho é a vez de Clara e suas irmãs passarem uma procuração para venda de um terreno.

E finalmente ele concede o privilégio da pobreza a Inês de Praga.

Vamos ver Clara de Assis, em 1240 ante o ataque dos sarracenos ao seu mosteiro e à cidade, orando fervorosamente. As tropas acampadas esperam apenas um sinal para atacar, mas a influência de Francisco e de Clara se fazem sentir nos soldados, nos invasores e ela consegue, somente com a oração, que o ataque seja suspenso.

Do outro lado, no plano espiritual, Domingos continuava a servir seus interesses, na perseguição a muitos, insuflando a animosidade em Gregório IX, enquanto Francisco tudo fazia para livrá-lo das perigosas ciladas e armadilhas do poder.

Impossível separar a ligação perene entre os planos espiritual e material, no orbe terráqueo.

Quase sempre não percebemos bem a influência dos seres que nos rodeiam e que são invisíveis ao nosso olhar.

No campo do afeto ou no da animosidade, no trato com o trabalho diário, no ganha pão, na aquisição de entendimento e conhecimento, em tudo quanto fazemos e em tudo o que influímos a ação dos espíritos está presente.

Reconhece-la, perceber-lhe a interferência ou desconhecê-la ou até negá-la não muda esta realidade.

Atraímos para nós entidades que também tenham as mesmas inclinações ou outras que se apresentam para nos impedir a ascensão ou induzir a quedas.

Claro está que não somos brinquedos da influência de ninguém, e responsáveis por todos nossos atos, mas também é verdade que não podemos viver sem a intervenção deles, porque estão à nossa volta e são em número muito maior do que o dos encarnados.

É preciso, pois, toda diligência, para nos ater a fazer o que é realmente de nossa escolha, sem nos tornarmos brinquedo das trevas, e utilizarmos a fé e a virtude em nosso dia a dia.

Por isso era um absurdo que as pessoas que se diziam devotadas ao bem é que elevassem fogueiras para o morticínio de seus irmãos.

Por isto era mesmo inadmissível que, para defender a obra meritória do Cristo, se erguessem tribunais da insanidade e de aniquilamento.

Por isto, era de ver-se quão difícil se fazia o campo de batalha para as criaturas, naquele momento, e como os espíritos trabalharam incansavelmente, para impedir que maiores crimes ainda fossem perpetrados.

De tempos em tempos, parece que o coração humano se estiola de amor e os seres se dão a atitudes deploráveis e se tornam verdadeiros assassinos de tudo o que é bom e belo, amável e apaziguador.

Esta loucura coletiva que ocorre levam no seu bojo multidões ao desvario, ao erro e à violência.

Os homens se tornam surdos e cegos a tudo o que seja ideal e bondade. Milhões de seres caem em terríveis enganos, e a tirania e a escravidão se ampliam de forma espetacular.

Todos necessitamos fugir ao fanatismo e à presunção e forçoso é reconhecer que precisamos alicerçar a fé na bondade, na busca do discernimento no bem.

Capítulo xii torturas

Com a bula “*Licet ad capiendas*”, que marcou realmente o início da Santa Inquisição, Gregório IX se dirigiu aos dominicanos inquisidores, nos seguintes termos:

“Onde quer que ocorra pregar estais facultados, se os pecadores persistem em defender a heresia apesar das advertências, a privá-los para sempre de seus benefícios espirituais e proceder contra eles e todos os outros, sem apelação, solicitando em caso necessário a ajuda das autoridades seculares e vencendo sua oposição, se isto for necessário, por meio de censuras eclesiásticas inapeláveis.”

As ordens eram incisivas e todos deviam se dobrar a elas, fossem os acusados, os cúmplices, defensores, opositores ou autoridades.

Ainda não fora firmada juridicamente o uso da tortura, mas esta prática, herdada dos romanos e das civilizações passadas, estava sendo utilizada, além da tortura psicológica, que levava muitos à histeria, ao suicídio, à loucura e a quedas espetaculares no físico, no mental, no espiritual, no afetivo.

O poder secular, representado por reis, nobres, magistrados, juizes, auditores, era obrigado a contribuir com o Tribunal da Igreja, ou seria acusado também de heresia, sujeito às sanções em tal caso.

A denúncia por si só era prova de culpa, ou seja, todos eram culpados até prova em contrário, e tal prova era muito difícil de se obter, mesmo porque os acusados nem sabiam quem os acusava, nem do que especificamente eram acusados.

Logo após a acusação era o pobre colocado acorrentado em cárcere privado, incomunicável, ninguém podia visitá-lo, além dos seus inquisidores.

A desculpa era a de que se pretendia proteger as testemunhas e evitar tentativas ardilosas de soltura.

Quase ninguém era absolvido, e, nos poucos casos em que isto ocorreu, quase sempre por intervenção de

alguém poderoso, o acusado era obrigado a jurar jamais contar o que lhe acontecera durante sua prisão.

A tortura era decretada pelo tribunal, quando achavam que o crime fosse considerado provável, e, se condenado à morte, o acusado deveria considerar-se feliz de ter o benefício da confissão.

Todo argumento era o mesmo que até hoje é utilizado pela Igreja, para se defender dos séculos de terror, que perpetrou:

“O que se visava era a salvação das almas, algo importante demais para poder deixar-se de lado. E salvar as almas era dever, obrigação da Igreja e este era um mister de amor e caridade, devoção aos seres humanos e cuidados com o rebanho do Cristo. Melhor perder a vida do que perder a alma...”

Tudo era feito para que o réu apresentasse cúmplices, dissesse nomes e comprometesse o maior número de pessoas.

Caso houvesse divergências entre os testemunhos, era feita acareação, e se houvesse contradição, torturas eram aplicadas, para se chegar à verdade.

Quantas vezes os acusados morriam, diante da selvageria das torturas.

A quanto desce o ser humano à condição pior que a das feras, quando utiliza estes métodos que até hoje são usados, com os objetos expostos nos museus do mundo inteiro, objetos fabricados para atormentar, esfacular ossos, comprimir e destroçar partes do corpo, queimar, dilacerar, arrancar e destruir o corpo humano, instrumento natural de evolução.

Quais os inventores destas engenhocas do mal? Que mentes doentias as criavam, as fabricavam e quais as outras que as utilizavam, no mister tenebroso de dominar ou destruir os acusados de crimes às vezes tão pueris, como o de ter passado perto de um gato, de ter rido de algo, de ter sido visto à noite, na lua cheia em atitude suspeita, e outras sandices dignas de estupefação.

E com que persistência se buscava a confissão do réu, não se contentando com ela, mas levantando suspeitas sobre terceiros, ameaçando seus entes queridos, não respeitando crianças ou velhos, doentes ou gestantes.

As penas impostas iam desde as mais leves e humilhantes, até aquelas que deixavam o réu preso temporariamente ou permanentemente, o condenavam a trabalhos forçados nas galeras, até a morte nas fogueiras. Mais tarde uma das penas impostas era a de participar das cruzadas, como pena.

Como é doloroso sequer lidar com tais assuntos, em qualquer época, porque saber dos instrumentos de tortura, conhecê-los nos museus, é verificar que um ser humano é capaz de usar de crueldade elevada à máxima potência contra outro ser humano, que não está em condições de se defender.

Por isto, embora tenhamos que tocar nestes assuntos, deixaremos de descrever a crueldade destes objetos, que representam a expressão máxima da covardia humana.

E tudo isto era feito, enquanto se dizia ao condenado que ele devia agradecer, por estar sendo tratado tão “misericordiosamente” pela Igreja, com o fito de livrá-lo do Demônio.

Usavam a água, o fogo, ferros, correntes, roldanas, pesos, tudo “piedosamente, delicadamente”.

O Sistema Processual Inquisitório, tinha suas autoridades responsáveis, que detinham poderes de por sua iniciativa abrir processos, colher as provas, que elas julgassem necessárias, indispensáveis secretamente, para obter a confissão do réu.

A marcha dos condenados era condenados à morte caminhavam em direção à fogueira, tinham as bocas amordaçadas ou as línguas presas para não poder falar, eram queimados vivos.

Caso houvessem morrido sob tortura, seus corpos eram levados publicamente à fogueira, num auto-de-fé.

Era inútil fugir, (tinham sua efígie queimada em praça pública) tentar se esconder, pois a Inquisição não poupava ninguém, nem mesmo os mortos.

Os autos-de-fé eram as Festas da Morte, duravam dias inteiros, providenciavam mobiliário, palanques. Reis, príncipes, autoridades eram convidadas, a multidão acorria, para assistir ao bestial banquete de degradação humana.

E enquanto se processava o desfile de toda ignomínia, se ouvia a leitura de sentença.

Pompa, suplício, os cofres de nobres e da Igreja se abarrotavam mais e mais, e os bens de terras e utensílios ganhava mais fulgor, com propriedades, castelos, servos, e proceder

terrível, os bens. É inaudito que as religiões, ao invés de promoverem a religiosidade, promovessem a desgraça e a descrença.

Havia um advogado ocasionalmente presente nos julgamentos, mas seu papel era o de fazer o réu confessar.

E tudo se realizava em nome de Deus, e assim abarrotava-se de ouro o “cofre de Deus”, mas a condenação exercida pela Igreja, devia ser executada pelo poder secular, porque não ficaria bem à Igreja ser “carrasco” nos próprios julgamentos levados a efeito por ela.

Estou a pensar nas reencarnações, nos magotes algozes, ora como vítimas, neste espetáculo insano que se presumia um espetáculo de fé. Vejo centenas de lares, onde as criaturas se reencontram dolorosamente marcadas por aqueles tempos horríveis, trevosos, cuja descrição sempre seria muito

minimizada pela palavra humana.

Códigos, regulamentos próprios, instruções específicas aos inquisidores, normas, tudo ia sendo pouco a pouco organizado, tudo era baseado em meandros teológicos e jurídicos, sem precedentes em toda a História.

Quantas atrocidades gravadas no Livro da Vida, e que terrífico trabalho dos abnegados prepostos de Jesus, tentando amenizar a erupção vulcânica do sofrimento e da maldade, atrelados num espaço único, onde a civilização parecia amargar um espetacular retrocesso à barbárie dos sentimentos .

Algo, no entanto, merece ser citado.

Havia nesta época um homem chamado Raimundo Peñafort, que nascera em 1175 no castelo Peñafort , em Barcelona, Espanha.

Homem nobre e sincero no seu apostolado dedicou-se ao estudo da Teologia, tendo entrado na ordem malhas intrincadas das de espíritos, ora como de S.Domingos e sido professor em Bolonha.

Gregório IX vem a conhecê-lo e se enche de simpatia pelo brilhantismo e simplicidade do nobre, cujo conhecimento não é tisonado pela prepotência ou orgulho.

Gregório IX o chama em Roma e ali o faz confessor.

O padre fica por dois anos revisando as constituições dominicanas, codifica sua legislação interna e funda cátedras de hebraico e árabe na Espanha e norte da África, para poder ensinar judeus e árabes com respeito ao Cristianismo.

Mas, aos poucos, se dá conta do fanatismo que grassa por toda a parte. Ouve confissões tenebrosas de crimes, de juramentos, abjurações, confiscos, martírios e misérias, odiosas atitudes extremas de cruéis seres que se dizem representantes de Deus na face da Terra.

Profunda tristeza o acomete e apesar de todo o amparo e elogios com que o Papa o cumula, resolve renunciar ao seu cargo. Haviam sido dezoito anos de abnegação, de estudo, de dedicação, acreditando estar cumprindo com seu dever, mas, ao final, sente-se usado na sua fé, no seu esforço, nas suas escolhas. Tem um último encontro com Gregório IX, antes de renunciar a todas as regalias e ao cargo com o qual este o premiara. Corre o ano de 1240. Já alquebrado e sem tantas certezas com relação à trajetória encetada, o Papa está com quase cem anos. E lhe fala:

□ Raimundo Peñafort, meu filho, sinto que sua alma está abalada pelo muito trabalho. Não seria melhor tirar um tempo para descanso, estar com seus parentes, afastar-se de suas atribuições, temporariamente, para depois voltar às tarefas tão importantes às quais tem se dedicado ?

□ Amado Pai, estou deveras triste por terem vindo incomodá-lo com meu afastamento. Não sou figura de importância, no cenário atual das preocupações da Igreja. Já não me sinto em condições de servi-la como gostaria , e peço licença para me retirar. Quero terminar meus dias na meditação, no estudo e na dedicação aos pobres.

□ A muito poucos tenho dignificado com as posições e títulos com os quais te dignifiquei . - falou Gregório meio agastado, querendo fazer ver a Raimundo que estava aborrecido com ele.

O frei teve um brilho no olhar, mas não sorriu. Sabia que o riso só fora aceito nos lábios de Francisco, e qualquer palavra ou gesto poderia indicar desacato, desobediência, falta de respeito, mas insistiu:

□ Minha decisão está tomada. Já não sirvo aos interesses de S. Santidade, e melhor estarei longe das maquinações do poder .

O Papa sentiu-se ferver por dentro, mas já não era mais aquele homem disposto a fazer valer sua autoridade a ferro e fogo. Tivera um encontro com Francisco de Assis, que se materializara diante dele. Aquilo o quebrantara de tal modo, que não teve os rompantes que lhe eram peculiares, despedindo-se de Raimundo, a lhe agradecer ter-lhe dado a liberdade para partir, e que lhe beijava as mãos.

□ Já estou a me arrepender de deixá-lo partir. Praza aos céus, se um dia nos vermos de novo, possa ser em outras circunstâncias, e possas valer-me, atendendo-me aos rogos.

□ Se isto acontecer, meu Pai, ficarei grato a Deus pela oportunidade de servi-lo do melhor modo. - falou Raimundo com humildade.

Mal sabiam os dois homens que num dia longínquo, 552 anos depois, estariam de novo frente a frente.

E o encontro com aquele que fora Gregório IX, e agora purgava a sentença de morte no Brasil na figura de Tiradentes, se deu do seguinte modo, contado no livro Confidências de um Inconfidente, e agora ampliado pela necessidade da narrativa:

"...No oratório da cadeia, panos pretos e cruz pendente do altar, só estavam naquele dia 20 de abril de 1792 o Tiradentes, uns guardas e dois frades, que o tentavam consolar. A um dado momento, pensando na sua vida de sacrifício e luta, embora contente por só ele ser o condenado a pena máxima, ainda respondeu ao padre, com mágoa e ironia simples:

□A corda sempre rebenta do lado mais fraco!

Como se enganava o alferes. Nenhum de nós poderia ser mais forte do que ele naquele instante!

De madrugada, às quatro horas, após uma noite indormida, em pensamentos cheios de oração e dor, chegou-se ao alferes o barbeiro. Vinha cumprir o que de praxe: raspou-lhe os cabelos e a barba. Em seguida, um meirinho tirou-lhe as roupas e fê-lo vestir a serapilheira branca, a alva dos condenados, cujas mangas eram cosidas nas extremidades, com cordas que se amarravam em nó.

Foi ouvido,,então, em confissão por frei Raimundo Penaforte, que lhe fez uma missa e ministrou-lhe a extrema-unção.

A Tiradentes nada daquilo parecia real. Talvez que Deus o condenasse, porque os homens haviam atingido tal fim, porque ele se houvera como voluntário para cortar a cabeça ao governador! - pensava cansado.No entanto,

sabia que a morte não era o fim de tudo! Lembrava-se da lenda maçônica segundo a qual o herói vira

estrela no céu! Sorria tristemente; respondava ao frade por monossílabos!

- ☐ Frei, dá meus recados aos manos, à família, ao meu filho e mulher, como lhe pedi.
- ☐ Não fica preocupado quanto a isto, meu filho, porque tudo farei de acordo com o que me pediu. Não me esquecerei de nada. Estarei com você até o final. Creia que todos nós somos condenados à morte, somente não sabemos quando e como ela se dará. Se houver mais alguma coisa que se lembre de me pedir, estarei ao seu lado, acompanhá-lo-ei, confia.
- ☐ Parece que já o conheço de algum lugar, principalmente porque seu nome não me é estranho.
- ☐ Meu nome é de um santo, de alguém que foi importante para a Igreja Católica, mas o que devemos pensar é que todos somos importantes para Deus, meu filho.
- ☐ Mesmo um réu de majestade, frei?
- ☐ Ninguém seria majestade ou teria poder se Deus não o permitisse, meu filho. Pensa nisto. Sua atitude salvou a vida de muitos e Deus há de levar isto em consideração, quando fores recebido no seu reino. Tiradentes teve um riso triste. Era verdade que aquilo fazia um bem enorme à sua alma.
- ☐ Também tenho a impressão de conhecê-lo há muito tempo. Acho que Deus nos uniu aqui hoje com desígnios que nos escapam. Orarei sempre por sua alma, meu filho.

Já raiava o dia 21 de Abril de 1792, um sábado de sol esplêndido, sendo Portugal regido por D;Maria I, o vice-rei Dom Luis de Castro, conde de Resende. Logo mais seria executada a sentença.

Assistiriam a execução os mesmos “marotos”, palavra ofensiva que os lusos detestavam, e que havia custado ao Victoriano Veloso os açoites ao redor da forca e a caminho da cadeia, o Silvério, o Pamplona não fora contemplado pelos “serviços” prestados a sua Real Soberana!

..... .. Diante da escada parou um instante..Frei Penaforte ajudou-o a galgar os vinte e quatro degraus. Diante de si viu a multidão e os guardas em seus uniformes.*

O olhar do frei Penaforte parecia dar-lhe forças para assistir seus últimos momentos. Como já dissemos não lhe permitiram falar à multidão, da mesma forma que ele jamais permitira que os condenados pela Inquisição falassem a quem quer que fosse, mesmo nos seus últimos momentos de vida. Recebido no Plano Espiritual Tiradentes não apenas ressarcia seus débitos do passado, mas se tornava a base da nova nação, com seu exemplo, seu desprendimento e renúncia. Ao lhe ser tirada a vida, pela sentença injusta, ele resgatou com ele milhares de criaturas, para as novas realidades de então e para um futuro de fraternidade, de amor e de compreensão.

Se pensarmos um pouco, com harmonia, veremos que este espírito milenar teve uma trajetória rápida, em meio milênio de recuperação dos desmandos do poder, para o poder maior de representar o ideal de toda uma nacionalidade, servindo de exemplo à futura idade.

***Estes textos estão nas páginas 328, 329 e, 331 do livro Confidências de um Inconfidente, do mesmo autor.**

Milhões de criaturas no passado viveram a sua fé, em diversas circunstâncias, ora se apoiando nela para os vôos de sua angelitude, ora utilizando-a através do fanatismo na perseguição àqueles que não comungassem com suas idéias.

Por mais que fossem devotadas aos seus propósitos, não podiam delinquir frente ao respeito que devemos a todo o ser humano, à vida que Deus nos dá, e a liberdade de pensar e de expressão.

No entanto, isto quase sempre não foi levado em conta pelos seres que tinham nas mãos o poder de mandar nos outros seres humanos.

O poder não foi feito para a delinquência e a opressão, contudo, o homem, ainda atrasado na sua evolução, deixava-se corromper pelo poder, pela fama, pelo dinheiro e por todo o arsenal de aparentes benefícios na sua jornada terrena.

A beleza, a fama, as riquezas, por isto, se tornaram objeto de quedas e de perfídias das mais torpes. Milhões de criaturas evidenciaram tremendas quedas morais e se endividaram, por não utilizar a bondade e o respeito ao outro, no trato de suas atribuições.

Homens e mulheres diziam-se devotados ao Supremo Senhor, mas delinuíam, quando se tratava de dialogar com aqueles que não lhes esposavam os mesmos princípios, e até com aqueles outros que participavam de suas fileiras, na fé, na pátria, no ambiente físico, mas que discordavam numa ou outra questão de menor valia.

O convite à evolução dada sempre às criaturas, com o móvel de fazê-las evoluir e encontrar a felicidade, ao contrário levava-as à ignorância, estimulando abusos e delitos, em nome da Providência Divina.

É forçoso reconhecer, contudo, que, mesmo desviando-se da rota traçada pela Espiritualidade, os seres humanos jamais ficaram à deriva da proteção e orientações divinas.

A lei de amor impunha a todos a análise de seus atos e o ressarcir de seus débitos.

Forçoso reconhecer, portanto, que somos os artífices do próprio destino, e que respondemos sempre dentro dos padrões de nossa conduta, tendo que renovar nosso roteiro, sob a baliza da justiça maior. É somente sob este aspecto que nos propomos a rememorar os desvios de ontem, para que com isto possamos acordar para nosso desígnio de perfeição, e somos secundados nisto por aquele espírito de escol, que se tornou nosso líder espiritual e o êmulo de nossa evolução.

Tiradentes, antigo Gregório IX, está ainda a solicitar do Alto mais e mais oportunidades de trabalho e estudo, para crescer e auxiliar, porque não acredita que toda sua dor e martírio são o bastante para o ressarcimento dos débitos que adquiriu, quando foi considerado o maior mandatário da Igreja.

Não pretende impor sua vontade, pois todos necessitamos do Infinito Amor, mas revê conosco o passado, na luz da Verdade.

Respeitemos, deste modo, sua grandeza espiritual, em todas suas manifestações, com tranqüilidade, sabendo que a corrigenda é fruto da escolha.

Capítulo xiii dialética do poder

Quão importante foi a conquista da palavra pelo ser humano. Palavra escrita, palavra falada, meios de comunicação, formas de interagir, instrumento precioso no entendimento, nas relações, na lógica dos argumentos, na liberdade de pensar, nas descrições do agir, sentir, fazer, realizar.

A palavra devia ser o maior instrumento de paz, levando os indivíduos, grupos, nações a agilizar a compreensão entre os seres.

Contudo, em todas as épocas, os sofistas utilizam a dialética para atingir seus objetivos, que nem sempre são os da paz, e sim os do domínio, os da servidão, os do fanatismo, os do poder e da escravização das criaturas.

Na Era das Trevas, as mentes mais brilhantes, pelo conhecimento e pela inteligência, usaram o poder da palavra para enlouquecer seus inimigos, para unir áulicos, para levar milhares às câmaras de tortura, aos porões das ignomínias, ao lodaçal da supremacia dos sanguinários, interesseiros, covardes e arrogantes.

Quantos espíritos que poderiam ter na palavra o instrumento da bondade, da misericórdia, foram massacrados sistematicamente pela Santa Inquisição e quantos outros a utilizaram para serem doutores eclesiásticos, enaltecendo o próprio orgulho e vaidade, mas utilizando o verbo para as mais abjetas finalidades.

Entre os muitos teólogos, os muitos professores, os muitos catedráticos, aparecem Boaventura, e Tomás de Aquino.

Gregório IX era incansável no uso da palavra escrita, para determinar suas ordens.

Foi assim que em 1232 ele se queixou ao arcebispo de Tarragona, na Espanha, que os clérigos de lá não estavam empenhados na perseguição aos cátaros e a todos aqueles que podiam ser considerados perniciosos aos ensinamentos da Igreja.

Quaisquer que fossem as pessoas, mouros, judeus, pensadores livres, filósofos, todos deveriam ser arguidos, vigiados, perquiridos.

Nesta época ainda Peñafort fazia seus misteres e obedecia em tudo suas ordens e Gregório ordenou ao bispo de Tarragona que formasse ali tribunais inquisitoriais.

Isto redundaria, décadas depois, no campo propício para o aparecimento do maior inquisidor de todos os tempos, Tomás de Torquemada, que passou a ser considerado o próprio sinônimo da Inquisição, embora sua influência só tivesse grassado em terras espanholas.

No ano seguinte à carta de Gregório IX, o imperador Jaime I promulgou um novo édito contra os albigenses, e ambos, unidos pelo mesmo feroz desígnio, se conjugaram para as atividades de perseguição que se expandiu dolorosamente por toda a Espanha.

Em 1235 Raimundo Peñafort elaborou um regimento inquisitorial, obedecendo as idéias que tinha então, e que mais tarde abandonaria, cheio de remorso, percebendo quão longe haviam ido, desde que atendera os pedidos do cardeal francês Saint-Ange e do Papa, seu amigo.

Em 1238 arrefeceu um pouco seu ardor e novamente Gregório IX reclamou, através de suas cartas que os reis e os bispos não cumpriam seu dever na perseguição aos hereges.

Que terrível poder o da palavra, que distorcia as atrocidades, como se elas fossem deveres impostos por aqueles que defendiam a fé cristã.

Até hoje é sempre assim, em nome da defesa de uma causa, de uma opinião, de uma religião, de um partido, de um povo, quantos manipuladores da palavra levam pessoas importantes ou simples, à ação maléfica da crueldade, da perseguição até a morte contra aqueles que se lhes opõem.

Ao invés da elegância da diplomacia, o punhal e o veneno, para calar quem se lhe anteponha. Até hoje nações se erguem contra nações, ou contra etnias, ou outros povos, com a desculpa esfarrapada de exercer um dever, e se apropriam de bens e de vidas, criam tribunais e novas leis, sem ouvir apelos, sem ouvir o direito de cada ser humano em defender seus pontos de vista.

Mas a História sempre recupera a verdade e cedo ou tarde, o Tribunal das Consciências julga seus transgressores.

É deste modo que o viscondado de Castelbon gravou o nome nefando de Guilherme de Montgrin e em Navarra, sob supervisão do dominicano Pedro de Leodegaria e depois sob o reinado de Afonso X e daí para frente à legislação instituída por Gregório IX foi encontrando seu estabelecimento, sendo reproduzida até chegar à sua constituição final com Nicolau Eymerich, o maior inquisidor de Aragão, que elaborou o Manual dos Inquisidores.

Obrigados a aceitar o batismo para não morrer, os árabes passaram a ser conhecidos como mouriscos e os judeus como marranos.

Cada assassino novo que chegava ao mando, fora da Itália, na Espanha, em Portugal, na Alemanha acrescentava novas disposições, novas leis, novas urdiduras, utilizando seu conhecimento, sua cultura e sua pobreza espiritual, para fomentar mais perseguições e acrescentar maiores sofrimentos àqueles que já haviam sido instalados.

Como é terrível a atividade criminosa que veste a toga da legalidade.

A perseguição era tanta que, em algumas cidades, a população se ergueu, chegando a assassinar os inquisidores, resistindo à intervenção de estranhos à sua cultura e, quando isto se deu, foram os reis e nobres ameaçados pelo poder papal.

O Conselho da Suprema Inquisição reforçou o aspecto político da Inquisição.

Crimes, delitos, abusos muita vez sem conta colocaram inquisidores uns contra os outros, acusando-se mutuamente de negligência ou flexibilidade, e também a reis e nobres.

Ninguém mais se sentia seguro e a maledicência, a mentira, a palavra vilipendiada passou a ser utilizada apenas para levar pessoas à morte, à perda da honra, dos bens, da família, da crença.

A perseguição se instalara e ela cresceria cada vez mais, se ampliando até que a reforma protestante chegasse e se armando contra a mesma.

Somente no século XVIII o Iluminismo se levantou contra o Clericalismo, restaurando a palavra como meio pragmático de instrução, de liberdade e como dizia a própria palavra como meio de Iluminação.

Antes do Iluminismo a Renascença, através das Artes, formaria um novo recurso do Plano Maior de deixar que os austos da liberdade auxiliassem as multidões a respirar.

Porém antes disto os crimes do inquisidor geral Cisneros, a quem se antepôs Joana de La Cruz, a figura sinistra do duque de Alba e antes outros assombraram o mundo com sua sinistra ferocidade.

Da mesma forma que Francisco de Assis, partira nove anos após a morte de Inocêncio III, o Papa Gregório IX partiria pela morte, nove anos após haver consignado a legislação que criava O Tribunal da Santa Inquisição.

O papa Gregório IX pessoalmente se incumbiu de intervir nos estudos de Filosofia da Universidade de Paris, ordenando que o ensino de Aristóteles não fosse público e que só fosse dado na Universidade de Artes. Tratou também de mandar que se procedessem ao exame, à emenda, à correção dos escritos aristotélicos, até que eles fossem colocados fora da suspeita de heresia.

Foi neste tempo que conversou muito com Boaventura, e Tomás de Aquino.

Andava alquebrado e abatido, pois sua firmeza na perseguição àqueles que ele considerava como perigosos membros que podiam desequilibrar ou destruir o poderio da Igreja de Roma, o tinham levado a ações tais que o punham como criminoso, tendo sob sua responsabilidade a morte de milhares de criaturas.

Ainda que não pensasse assim, ainda que desculpasse sua ação, acreditando ser o representante de Jesus e, como tal, tendo que agir com rigor contra quem julgasse inimigo Dele, a consciência o acusava, na lembrança de Francisco, de suas falas, quando o fora ver, sabedor das chagas que recebera no Monte Alverne.

Numa das muitas conversas havidas, Boaventura perguntou-lhe:

□ Não haveria possibilidade de ter havido alguma outra intervenção, no aparecimento das marcas sanguinolentas em Francisco? Sempre me debruço sobre este momento da vida do santo e acredito que isto foi uma distinção especial a alguém maravilhoso, mas por mais raciocine, não consigo entender o alcance, a profundidade deste acontecimento.

Gregório calou, porque a lembrança daqueles fatos lhe impunha a cobrança do homem de Assis, com relação a tudo o que ele vinha fazendo, a tudo o que ele realizara, na perseguição àqueles que considerava hereges.

Falou um pouco sobre a canonização de Francisco, ponderando que muitos haviam sido os fatos que apontaram nesta decisão.

Boaventura então comentara:

□ Senhor, eu mesmo sou prova da santidade de Francisco de Assis, porque em criança estive à morte, da qual só escapei por promessas e preces de minha mãe a Francisco.

O Papa ficou interdito.

Fazia meses que, em suas audiências, sempre que recebia os prelados, bispos, cardeais, a saber como andavam os assuntos nas várias jurisdições e nos outros reinos, além da Itália, que o assunto voltava sempre para a figura de Francisco.

Àquela noite recolheu-se, impressionado com a conversa e com os argumentos de Boaventura, tal como também se impressionara com Tomás de Aquino.

Mentalmente começou a se perguntar se teria sido possível que os seguidores daquele santo tivessem eles mesmos feito as marcas no corpo dele.

Dúvidas terríveis assaltaram-lhe a mente, que sempre parecera lúcida.

O envolvimento de Domingos de Gusmão se fazia ferrenho, naquele momento, tentando, por todos os modos, afastar as lembranças da doçura do homem que, com as marcas do Cristo impressas no próprio corpo, reptara em prantos os desmandos do poder temporal, voltado para as atrocidades que ocorriam.

Gregório começou a duvidar de tudo o que vivera, de tudo o que assistira, do que lhe haviam contado, do amor que tinha por Francisco, por Clara, por Inês.

A figura deste, naquele momento, vinha cheia de pérfida malícia, que o seduzia e atormentava.

Estava em seu quarto, suarento, na cama rica e cheia de brocados, tomado de visões e pensamentos pérfidos e cheios de luxúria, quando, de repente, no canto do quarto, uma luz foi se formando e a figura de Francisco apareceu em todo seu esplendor, cheio de beleza e graça, jovem, forte e carismático.

Gregório pensou que estava sendo alvo de alguma alucinação e temeu por sua sanidade e sua vida, imaginando se não lhe haviam colocado alguma substância no alimento que tomara antes de recolher-se.

Porém, ante sua estupefação, o frei de Assis aproximou-se dele, como se vivo fosse.

Jamais se apartara dele, desde que o conhecera e jamais desistira de o auxiliar e modificar as atitudes.

Sua presença afastara de vez a interferência de Domingos e Gregório, conquanto um pouco assustado,

sem entender bem o que estava acontecendo, começou a se sentir melhor, aliviado dos pensamentos angustiantes que o haviam envolvido.

Apesar disto, ainda persistiam as dúvidas quanto às marcas da Paixão, que ele vira no corpo de Francisco e instintivamente olhou para suas mãos e pés.

O frei como que lhe adivinhava os pensamentos.

Aproximou-se dele ainda mais, sentou-se ao lado da cama e falou com bondade:

□ Hugolino, meu amigo, meu irmão, meu Pai, não te assustes. Não quero incomodar-te. Antes vim porque senti que precisavas de meus serviços, de vez que chafurdas cada vez mais em iniquidades e crimes. Muito falaria de novamente comprovar-te as disposições de Jesus a teu respeito e de lembrar-te de nossa conversa, naqueles últimos dias em que estive entre os chamados vivos.

A vida continua, meu Pai, e todos nós prestaremos contas a Deus de nossos atos.

Tenho acompanhado teus passos e procurado te levar a uma atitude de mais bondade, como a de um pastor, para com suas ovelhas.

Lembra-te de que é isto que deves representar e não o juiz, o carrasco, o assassino do rebanho.

Não duvides do que aconteceu conosco, naquele dia em que me vieste por bondade visitar, em que a curiosidade de muitos fazia com que o fato ocorrido comigo tomasse dimensões fantásticas e assombrosas.

Não duvides, foi Jesus quem me visitou e que me presenteou com suas marcas, com os estigmas .

Para que não mais duvides, para que modifiques teus decretos, bulas e cartas, utilizando a palavra para criar confusão e mortes, te peço, dá-me o cálice que está à mesa, ao lado da tua cama.

Gregório não entendia porque, de repente, sentia aquela calma e lucidez tamanhas e uma certa vergonha de ter pensado as coisas que pensara há instantes.

Estendeu o braço e tomou o cálice, entregando-o às mãos de Francisco.

Este abriu sua túnica marrom, e deixou a mostra o ferimento no peito, exatamente igual àquele que o Cristo recebera na cruz.

O homem de Assis, levou o cálice ao ferimento e comprimiu o cálice na ferida. Do ferimento jorrou sangue e água, com os quais Francisco encheu o cálice, devolvendo-o ao admirado e mudo Gregório.

Feito isto, levantou-se e caminhou para a porta, voltando-se e olhando o papa com um olhar inesquecível.

Gregório quis chamá-lo, percebendo que ele se desfazia numa névoa.

Aquela presença o afastava das questões dialéticas sobre a teologia e sobre a filosofia.

Aquela presença o levava de volta às coisas simples da natureza, da bondade, do amor ao semelhante, tão longe das atribuições que abraçara, tão longe das maquinações do poder e do intelecto.

Aquela presença o fazia sentir vergonha de todo o poder que exercia, de como utilizava sua inteligência para fascinar seus subalternos, e sua força para atormentar aqueles que considerava inimigos.

Aquela presença lhe deixava uma saudade imensa e um perfume de jasmim no ambiente.

Gregório sentiu-se um pária, um miserável, um réprobo, diante daquela visão.

Achou que talvez sonhasse, mas o cálice, ao lado da cama, cheio de sangue e água dava testemunho de que não fora vítima de uma alucinação, nem de obra demoníaca.

Francisco o viera visitar, viera lhe dizer que a morte não existia.

Desejaria já ter partido. Os anos se faziam pesados e difíceis para ele e, por um momento, duvidou que estivesse no caminho certo.

Tantos o admiravam, tantos o ouviam como a um Deus, tantos o temiam e bajulavam.

Lembrou-se de Clara e de Inês e decidiu-se a vê-las.

Queria lhes contar o que acontecera com ele, o aparecimento de Francisco, precisava repartir com outros o momento vivido.

Não conseguia entender. Estaria em erro na perseguição a todos que considerava hereges?

Lembrava-se de Antonio de Pádua, que abraçara a Ordem franciscana, quando da chegada dos restos mortais dos mártires amigos de Francisco, vindos de Marrocos.

O verbo flamejante do tribuno que fora Fernão de Bulhões, o empolgara. Ele estivera presente durante as cerimônias de canonização de Francisco, contudo, quão diversa era sua disposição.

Ele combatera os cátaros desde o primeiro momento. Milagres lhe eram atribuídos, como aquele de estar em dois lugares ao mesmo tempo, indo de Pádua a Lisboa, aparecendo por lá e salvando a vida de seu pai que ia ser condenado por um crime que não cometera.

Mas se Francisco o admoestava com relação aos tribunais que ele impunha por todas as regiões do globo, Antonio o secundava na perseguição.

E ele partira logo após ser concluída a lei dos tribunais da Santa Inquisição. Gregório IX o canonizara também. Como deviam estar aqueles dois santos, no outro Plano da vida, tendo tido os mesmos cargos, na mesma Ordem, mas com disposições tão diferentes ?

A cabeça de Gregório estava cheia de idéias contraditórias.

Novamente lembrou-se de Boaventura, que parecia assombrado com a doutrina de Aristóteles, cujo estudo era imposto na Universidade de Paris.

Boaventura era franciscano, como Antonio e Tomás de Aquino era dominicano, como Domingos, o fundador, o primeiro aferrado à tradição agostiniana e neoplatônica e o segundo, utilizando a filosofia aristotélica a seu modo, inserindo-a na teologia.

Fora ele, Gregório, que instituíra o estudo da filosofia nas Universidades, coisa que Inocêncio III proibira.

Quando ele assumira, um surto de violência entre os estudantes e a polícia grassara em Paris, e fora com uma bula, dirigida aos alunos e professores que ele conseguira debelar a crise, com a greve que grassara.

Mais tarde, Alexandre de Hales brilharia como professor da matéria, tendo se tornado franciscano.

Gregório IX se lembrava da carta de um dominicano de nome Venturino, que argumentara de forma muito firme e até mesmo graciosa.

Contava ele que tinha tido uma informação, que estando um dia um santo confrade de Provença, de nome Roberto de Uzès, à mesa, em Paris, quando viu a mão do Senhor sobre ele, e viu um frade pregador que parecia faminto. O frade trazia presos no pescoço pão e vinho, mas roia penosamente uma pedra oblonga, tentando saciar-se, o que evidentemente não conseguia. Continuava com fome. De cada lado da pedra saíam duas serpentes enquanto a voz de Deus se ouvia:

□ O pão e o vinho representam a santa Teologia que a tua Ordem despreza, para se preocupar com a pedra da Filosofia. Os nomes das serpentes são vanglória e destruição do espírito religioso.

Gregório pensava como Venturino de Bérghamo e sempre que podia exortava os frades que se ocupassem da teologia e não quisessem parecer filósofos e, naquele momento a filosofia estava tão envolvida pela escolástica decadente, que perdera toda sua pureza, ficando ligada a preciosismos e sutilezas, cortada em suas arestas por Tomás de Aquino, que via nela alguns fatores inadmissíveis.

Boaventura lhe dizia que mergulhar no estudo de Aristóteles era mergulhar nas Trevas, já que o filósofo não admitia o céu e o inferno, as penas eternas e outras verdades teológicas.

Como Aristóteles não conhecia Jesus, era preciso sobrepor à teologia a filosofia, argumentava Boaventura.

Como era difícil argumentar e observar a acuidade da sabedoria mística, dos argumentos aristotélicos e agostinianos.

Gregório andava pelo quarto como se fora uma sombra.

O perfume de jasmim de Francisco ainda enchia o ambiente e, sob o influxo de sua influência, tomou a resolução de ir visitar Clara e Inês.

Capítulo xiv mergulho no mal

Enquanto Gregório preparava sua viagem, em busca de um pouco de paz, junto aos irmãos menores, a marcha dos flagelantes, dos considerados hereges, pertinazes, impenitentes, penitentes, relapsos, prosseguia com todos seus horrores, com suas apelações, com suas torturas, com seus interrogatórios, com sua difamação, com sua excomunhão e com todos os trâmites de leis eclesiásticas, que dia a dia se tornavam mais refinadas, mais dantescas, mais terríveis.

Milhares de criaturas morriam nos calabouços da Santa Inquisição, em decorrência das torturas que lhes eram infligidas, outras buscavam no autocídio a fuga às suas desditas, muitos sucumbiam e enlouqueciam, único meio de fugir às perseguições, famílias inteiras eram massacradas sem piedade, e o estrangulamento e a fogueira eram o auto-de-fé, a que muitos eram submetidos.

Indiferente a todos estes crimes, Gregório IX parecia insensível à dor alheia e, nem mesmo as notícias das atrocidades que se contavam por toda parte, o tiravam um milímetro sequer de suas disposições, das atitudes assumidas, desde antes de ter o poder papal.

Pobre ser mergulhado nos meandros do poder, das discussões vazias, dos argumentos melífluos, das imposições do orgulho e da vaidade.

Tantos tentaram em vão amparar-te as escolhas e modificar-te as disposições, sem que os ouviesses, sem que, por um momento que fosse, atinasses com a enormidade dos teus crimes.

A quem te aliaste, para este mergulho no mal?

A que facções de espíritos te entregaste, como mentor de tantas desditas inomináveis?

Pobre Gregório IX, a cada minuto novos crimes eram perpetrados pelos agentes do mal, que acordaste com tuas novas leis e com tuas bulas.

Nem as mais formidáveis discussões teológicas ou filosóficas te livrariam dos crimes, que se faziam com teu amparo e com tuas ordens!

Quantas lágrimas te seriam cobradas no futuro próximo ou longínquo, ou que tu mesmo haverias de cobrar de ti, quando a consciência acordasse para a enormidade dos flagelos e das loucuras acumuladas sobre tua cabeça!

Quão doloroso seria teu despertar, sabedor de que usavas o nome mais sagrado que houve na face do planeta, para realizar todos os desmandos que a tua alucinação provocava.

Quantas criaturas ainda buscas, a fim de resgatarlhes o manancial de bondade que foi esgotado até a última gota.

Quantas almas em desvalimento e rancor estás ainda a buscar, para que se levantem do abismo em que as atiraste, para os vãos de angelitude.

Utilizas a mesma determinação e firmeza usadas no passado para perpetrar crimes.

E não se trata só de resgatar as vítimas, mas também recuperar os algozes que se tornaram cúmplices da maldade, perpetrada em nome Daquele que representa a esperança do mundo, e o resgate de todo o rebanho humano.

Seria impossível com a palavra humana enumerar todos os processos em que te envolveste, todos os bispos e inquisidores que se locupletaram do momento vivido, para perseguir a quem quer lhes estivesse nas mãos.

Seria impossível enumerar a infinidade de espíritos que desfilaram diante de multidões, se constituindo em espetáculo de sofrimento e morte, nos auto-de-fé e suas celebrações festivas.

Seria para nós impossível catalogar cada ser que sofreu, que morreu, que se perdeu em ódio e

sofrimento, sem conseguir os recursos indispensáveis para ser absolvido de acusações que nem mesmo conhecia a fundo.

E o incentivo causado por estas circunstâncias a todo o mal, em ambos os Planos da Vida, que esperava campo propício à sua germinação?

Quantas malhas sinistras, entrelaçando seres encarnados e desencarnados em dívidas, em meandros de dor e impiedade!

No Plano Espiritual os prepostos do Cristo laboravam sem parar, recolhendo para as mansões de luz e paz de Maria, de seus discípulos bem amados, de seus mártires, todos aqueles que clamavam por justiça, todos os deserdados da alegria, todos os condenados sem apelação que não chafurdavam no ódio e na vingança.

Por outro lado, redutos das Trevas se enchiam dos perseguidores de milhares de criaturas, chefiados por elementos inteligentes, sagazes e bem organizados, que festejavam a oportunidade que se fazia ímpar com as Cruzadas, na invasão do Oriente, e nas Cruzadas da Santa Inquisição, a criarem seus centros de tortura, seus tribunais e julgamentos, aprisionando encarnados e desencarnados em suas malhas sinistras.

Reuniões eram organizadas, encarnados eram trazidos a elas, a fim de serem orientados para agir em conluio mútuo, visando os mesmos fins diabólicos.

Era um sem findar de ignomínias.

As criaturas que eram sacrificadas pelos juízes e torturadores, pelos carrascos e teólogos, caíam nas malhas sinistras, ficando aprisionados e escravos das falanges do mal, que continuavam a comandar-lhes o suplício.

Pobres das almas que se julgavam a salvo do sofrimento com a morte.

Dependendo de sua condição ao partir, não conseguiam o alívio esperado. O mergulho no mal se fazia por toda parte.

A Terra mergulhava num abismo profundo e os valores morais e espirituais eram sucitados pelos agentes das trevas.

Gritos, estertores, maldições, ameaças, pranto e imagens dantescas que perseguiam e acompanhavam os penitentes, desde o primeiro momento da prisão, aos instantes do julgamento, até a imolação em praça pública, diante do populacho, com as bocas fechadas, para não terem nem mesmo o último recurso da palavra, para “não ferir os devotos que assistiam ao espetáculo”.

Entre a zombaria da multidão e a pérfida argumentação dos inquisidores, entre as promessas de soltura e as torturas levadas a efeito, para se comprovar a inocência ou culpabilidade, diante da absolvição dada com falsa misericórdia, para se salvar as almas dos condenados e a contradição e autotraição que isto representava para os condenados, incendiando-lhes a mente com a importância e crueldade dos acusadores, ao espetáculo da morte na fogueira vivos, tudo acompanhava os seres, como um filme de horror que ficasse passando infinitamente com todos seus detalhes, à volta dos supliciados.

O inferno inventado e descrito pela Igreja era menos cruel do que o ambiente a que estes pobres miseráveis eram arrojados, sem entender o que lhes ocorria.

Suas preces eram respondidas com a gargalhada de seus carcereiros, com perversidade inaudita.

Embora ainda não se tivesse instituído e autorizado o uso da tortura, a mesma já era usada à saciedade, sem que ninguém pudesse tomar conta ou acusar.

O primeiro inquisidor escolhido por Gregório IX, Roberto el Bougre, durante dois anos havia feito tantos saques e execuções em massa, que foi promovido a responsável em toda a França pela Inquisição.

E o desfilar de monstruosidades se mostrava também no Plano Espiritual, onde os mortos ainda viam os instrumentos de tortura, sentiam-se nos calabouços escuros e infectos, carpiam a fome e sede que haviam passado, e as dores causadas em seus corpos físicos.

Viam-se amarrados, levantados a alturas e depois lançados para o chão, sendo sustidos no último momento de tocar o solo, sentindo as dores provocadas por tal expediente.

Às vezes sentiam a tortura do fogo, com brasas pelo corpo ou na sola dos pés e óleo fervente ou graxa colocados na pele, que estalava ao contato com o fogo.

Martírios impiedosos e as palavras das sentenças sendo ouvidas e repetidas, após o sermão do inquisidor e da leitura das suspeitas violentas contra si:

□ “Meu filho, estas são violentas suspeitas que pesam sobre ti. Presta bem atenção no que vou dizer: se quiseres te afastar dessa heresia, e abjurar publicamente e suportar com paciência a punição que a Igreja, e eu próprio, em nome do Vigário do Cristo, te imporemos, serte-á permitida a absolvição dos teus pecados”.

“Aplicaremos um castigo que possas suportar e te libertaremos do peso da excomunhão que te mantém prisioneiro, poderás te salvar e ter direito à glória eterna. Se não abjures, não quiseres aceitar a punição, nós te entregaremos, agora, ao braço secular, e perderás o corpo e a alma. O que preferes: abjurar e salvar a alma ou não abjurar e ser condenado?”

Sentenças, promessas, esperanças

os entes queridos, preocupações com

martirizadas, velhos, sarabanda de envolvimento sem lógica e sem possibilidade de contestação.

Porém, os artífices de tanto sofrimento em ambos os planos da vida, utilizavam seu intelecto e maquinações de forma ordenada e eficiente.

Pairando sobre Roma uma construção enorme abrigava as vítimas daquela impiedade. Dirigentes

inteligentíssimos organizavam os ataques e, antes mesmo que os tribunais lançassem as vistas sobre os acusados, eles armavam o palco onde aconteceriam as atrocidades, numa maquinação organizada, que envolvia seus agentes desencarnados e as criaturas desavisadas que atendiam a seus envolvimento.

Sabemos que jamais os seres humanos estão isentos de envolvimento, o que não lhes tira uma grama da responsabilidade de seus atos, porque podem atender às solicitações da luz ou das trevas, mas, infelizmente, o teor de atraso da Humanidade, impõe-lhe a sintonia com as criaturas que sejam afins em seus desejos e vontades. frustradas,

crianças doentes mentais, tudo numa

E a influência das organizações espirituais voltadas ao morticínio e sacrifício, à tortura e à maldade continuaram a agir século após século, trazendo mártires à fogueira, como mais tarde Joana D`Arc, Tereza D`Ávila, João Huss e tantos outros, contados na História da Humanidade.

Aliás, Joana D`Arc viria para libertar a França do jugo inglês, para que ela pudesse se tornar no futuro a sede do retorno do Evangelho de Jesus, através de Allan Kardec, um ex-druida imantado àquelas paragens.

Mas, naquele momento, a França dominada por Roberto el Bougre mergulhava no mal, na sandice e nas barbaridades de toda a sorte.

Os truculentos e inteligentes dirigentes da cidade espiritual que pairava sobre Roma, com a cruz em forma de suástica, tinham tudo para acreditar que haviam conseguido dominar a Terra, e que lhe infringiriam a gestão de seu governo para sempre.

Sob este cenário de horrores, Gregório IX viajou em busca de um pouco de paz, que ele teria conseguido se outras fossem as suas disposições.

Em vão Francisco utilizara seus recursos, para novamente chamá-lo a novas atitudes. Em vão esforçou-se para se materializar e tornar-se tangível, deixando uma prova evidente de sua materialidade e da continuidade da vida, com o cálice cheio de água e sangue, lembrando o martirólogo de Jesus.

Em vão estava trabalhando em prol do reerguimento moral daquele ser tão arguto e tão firme em suas resoluções, procurando mudar-lhe as disposições trevosas.

Embora Hugolino se sentisse atraído pelo santo de Assis, embora estivesse sempre a buscar Clara, como se fosse uma mãe espiritual, apesar da idade dela ser bem menor que a dele, embora ele amasse profundamente Inês, ele ainda não conseguira modificar as atitudes que escolhera, numa teimosia incrível e perniciosas.

Foi com muito esforço que o Plano Espiritual resolveu levá-lo até a amada de Francisco, não apenas para que ela soubesse do ocorrido, com a materialização do santo de Assis, mas também para que a utilizassem no tentame de evitar maiores chacinas, de abortar no início o plano terrível das Trevas, de estabelecer por longo tempo um clima de terror e perseguição jamais vistos na História da Humanidade.

Desde modo, Gregório reuniu seu séquito, seus seguranças e seguiu em direção a Porciúncula, tomando cuidado de enviar um emissário que avisasse, com antecedência, à Clara da visita que lhe fazia.

A freira estava imersa em suas tarefas diárias, junto à comunidade de pobres e necessitados, às cartas que precisava responder a várias localidades, e às questões rotineiras e importantes de sua Irmandade, quando o mensageiro do Papa se fez presente, anunciando-lhe a próxima chegada de Hugolino.

Clara, que tivera aqueles dias sonhos estranhos, mas que traduzira como aviso de Francisco que lhe requisitava o amparo, para mudanças na organização católica, já houvera conversado com Inês e algumas irmãs mais chegadas de suas preocupações.

Haviam tido vários encontros, em que a oração e as vibrações foram conduzidas no auxílio às vítimas da Inquisição e de seus dirigentes, e ficara de sobreaviso, procurando entender o que se esperava que ela fizesse.

Logo após a chegada do emissário, tratou de acomodá-lo da melhor maneira, encaminhando-o aos frades menores, e convocou as principais dirigentes da obra que cuidava, fazendo-as cientes do que estava ocorrendo.

Preparou uma recepção à altura do ilustre visitante, apesar de saber que os abrigos que dispunha não lhe seriam suficientemente confortáveis.

Enviou mensageiro em busca de ajuda, porque sabia que Hugolino, por certo, se demoraria entre eles alguns dias e achou de bom alvitre hospedá-lo no palácio episcopal, aonde ela iria para falar-lhe ou de onde ele viria para falar com ela.

Um dia após o aviso, a comitiva do Papa se fez presente.

Clara logo observou que um certo abatimento físico ocorreria com aquele homem sempre tão disposto e forte, e providenciou-lhe uma frugal refeição a base de frutas e vinho.

□ Preocupa-me que estejas bem instalado, pois nestes tempos de tanto calor e desconforto, a viagem em si já deve ter-lhe dado cansaço e precisas repousar com certa comodidade.

Hugolino, que já conhecia de sobejo as maneiras polidas e brandas de Clara, sorriu com sinceridade

apressando-se a responder:

□ Minha mãe, bem sabes que conheço teu coração maternal como o de ninguém e já providenciei alojamento para mim e meus homens, sem que isto possa causar-te o menor cuidado ou apreensão. Apenas quis vir te ver, logo à minha chegada, para te abraçar e programar os horários de nossas conversas, por que tenho muito que te contar e desejo que me ouças com tempo, e me digas o que pensas a respeito do que me tem acontecido.

Clara, por um momento, raciocinou se ele estaria tendo algum tipo de problema na saúde e perguntou-lhe como estava, ao que ele novamente sorriu, respondendo:

□ Minha saúde não inspira cuidados nem a mim, nem aos médicos, podes ficar tranqüila. O que tenho a comentar contigo, no entanto, é muito sério para mim, por isto me translatei de Roma, na esperança que me possas ajudar.

O rosto preocupado da freira o colocou em emotiva atitude, era de ver-se o quão sincera ela era, nos zelos para com ele, e isto lhe deu uma certa jovialidade.

Após tomar a refeição, Hugolino dispôs-se a ir repousar num outro local mais luxuoso, dizendo que no dia seguinte, pela manhã, viria ter com ela e suas irmãs.

Já ia saindo, quando perguntou, como se não o fizesse de forma particular:

□ E como está nossa irmã Inês?

Clara imediatamente registrou o tom ansioso da voz e lembrou-se de como Inês queria se furtar aquele encontro.

□ Estejas certo de que amanhã ela estará conosco, para a reunião que esperamos.

Fiquei muito feliz de rever-te e estarei com as irmãs orando por tua saúde e tua paz.

Clara beijou-lhe as mãos e ele, em sinal de respeito, beijou as dela e retirou-se.

Findo aquele primeiro encontro, Clara à noite novamente reuniu as irmãs para dialogarem sobre o que poderiam fazer com a presença do Papa.

Capítulo xv sacando no futuro

A noite, com um grupo seletivo de irmãs, Clara se reuniu em orações pelo rumo dos acontecimentos, envolvendo o papa Gregório IX em suas vibrações de amor.

□ Senhor Jesus, acolhe-nos neste momento em seu regaço de amor e piedade. Meigo Rabi da Galiléia, sabemos quão importante é o momento vivido pela Terra, e a luta terrível que se vê por todo o lado. Reconhecemos quanto sofrimento é cobrado das criaturas, e tudo temos procurado fazer, para alicerçar o teu Evangelho em bases de Amor e Piedade, bem como temos procurado auxiliar todas as pessoas que vêm ao nosso encontro.

Senhor, não fazemos acepção de pessoas, e, por isto, desde o mais simples e pobre membro de teu rebanho, àqueles que se investem de autoridade e de poder, de riqueza e de inteligência, todos estão a necessitar teu concurso e a nos mobilizar no auxílio necessário.

Mestre da Paz e da Concórdia, abre-nos o entendimento à tua vontade a nosso respeito. Permita que nosso querido Francisco nos oriente, bem como teus discípulos e auxiliares diretos, a fim de que possamos realizar as obras que nos entregas.

Jesus, que haja misericórdia em nossos corações e entendimento em nossas mentes. Que possamos exercer a virtude da compreensão, fazendo com que Tua vontade misericordiosa e justa se faça por nós, entre nós, e através de nós, onde estivermos.

O ambiente era cheio de vibrações harmoniosas e doces. Entidades benéficas se faziam presentes, trazendo consigo as almas martirizadas que conseguiam, naquele ambiente de paz e oração, alívio às suas dores, esclarecimento aos seus espíritos e esperança.

Lágrimas banhavam os olhos de Clara de Assis e de algumas irmãs. Maria de Nazaré se fazia presente junto ao discípulo amado do Mestre, João Evangelista.

Aquela assembléia simples de humildade representava uma Irmandade voltada para os ditames celestes. Guardada estava das arremetidas das Trevas, que tentavam, de há muito, derrotá-la.

Clara sentia a importância do momento vivido. Sabia que algo se esperava dela e de suas companheiras, naqueles dias, e estava disposta a tudo fazer para obedecer à vontade de Jesus a seu respeito.

Por isto, mais do que uma reunião e de uma comunhão com o Alto, aquele momento se revestia de imensa responsabilidade, na esperança do Mestre.

Tratava-se de conseguir, de algum modo, uma mudança radical nos acontecimentos. Isto era esperado, com a intervenção de Clara e de suas irmãs nas disposições do mandatário da Igreja Católica Apostólica Romana, para que se pusesse fim, de uma vez por todas, nos suplícios infligidos pela Santa Inquisição.

Clara, após a sentida prece, solicitou que Inês fizesse a leitura de um trecho do Evangelho e ao sortear ao acaso as anotações evangélicas, deparou-se com o capítulo 8, versículo 15 a 21 de João:

“15□ Vós julgais segundo a carne. Eu a ninguém julgo.

16 E, se na verdade julgo, o meu julgamento é verdadeiro, por que não sou eu só, mas eu e o Pai que me enviou.

17 E na vossa lei também está escrito que o testemunho de dois homens é verdadeiro.

18 Eu sou o que testifico de mim mesmo, e de mim testifica também o Pai que me enviou.

19 Disseram-lhe, pois: Onde está teu pai? Jesus respondeu: Não me conheceis a mim, nem a meu Pai; se vós me conheceis a mim, também conhecereis a meu Pai .

20 Estas palavras disse Jesus no lugar do tesouro, ensinando no Templo, e ninguém o prendeu, porque ainda não era chegada a sua hora.

21 Disse-lhes pois Jesus outra vez: Eu retiro-me e buscar-me-eis e morrereis no vosso pecado. Para onde eu vou, não podeis vós vir.”

As irmãs teceram considerações acerca do trecho escolhido.

Inês, profundamente abalada com o que lera, falou com voz macia, mas sumida:

□ Preocupa-me o trecho escolhido, porque ele traduz os momentos que antecedem a prisão de Jesus, no qual ele instiga os homens da lei, os detentores do poder, a entender o que Ele veio fazer na Terra. Fala claramente sobre o julgamento das criaturas, que é falho e como os homens estão distantes Dele, por não conhecê-Lo nem a Deus e não fazer a vontade dos céus.

Quero crer que ao falar claramente que não julga a ninguém ele exprobra seus julgadores, aqueles que O crucificariam, e, neste momento em que vivemos, por certo isto se aplica a todos aqueles que se supõem mandatários de Deus, e espoliam e perseguem seus irmãos em julgamentos infundáveis.

Quero crer, que isto nos diz respeito, porque precisamos, de algum modo, interferir para que estas loucuras que se fazem em nome do Cristo não continuem. Mas, de minha parte, sinto-me deveras fraca e impotente, para conseguir mudar um átimo sequer dos ditames da Igreja. Sinto-me inútil e sem valia, para me colocar contra as leis e tribunais que julgam meus irmãos em Humanidade, e estas execuções públicas dantescas e demoníacas.

Inês segurou um soluço na garganta, pois via em Hugolino, o atual papa Gregório IX, um dos algozes e juízes, semelhantes àqueles que haviam levado ao martírio da Cruz aquele que era considerado o Salvador da Humanidade.

Sentia seu coração dolorido, por não ver meios de impedir o prosseguimento das atrocidades que se viam ou ouviam contar por toda parte. Cartas chegavam de várias localidades, dando conta dos julgamentos e mortes de conhecidos, de famílias, de crianças e velhos, jovens e mulheres.

Isto frente àqueles que elas conheciam, gente com a qual haviam tido um ou mais contatos.

O que dizer da multidão de seres que elas não conheciam, que não sabiam existir, mas cujo desfile macabro nos festivais de execução, se ouviam contar ? Inês deixou que um suspiro saísse de seu peito, e as irmãs se sentiram igualmente tocadas pelo comentário eivado de tristeza e impotência.

Neste momento, o ambiente se fez mais denso e pesado.

Ruídos estranhos se ouviram, como se milhares de almas penadas invadissem o local.

Mal se podia entender o que diziam, tamanha era a confusão que passou a reinar. As chamas das velas se apagaram e o ambiente ficou imerso nas trevas noturnas. Um cheiro nauseabundo invadiu o local e algumas irmãs deixaram escapar sons de perplexidade e temor. Nisto, a irmã Pacífica, envolvida por uma das entidades que se faziam presentes, deu de gargalhar de forma sinistra e violenta, passando a falar por ela, com uma voz cavernosa e cheia de rancor:

□ O Demônio vem ao redil das ovelhas buscar paz e acolhimento. O algoz vem pedir clemência às irmãs das vítimas. O chacal quer se sedentar nas lágrimas dos mártires. Maldito! Hei de persegui-lo onde quer que esteja, hei de devorar-lhe o coração e dilacerar-lhe as carnes, como tem feito com milhares de criaturas! Lestes que Jesus a ninguém julga, mas ele, o maldito mandatário da Igreja, dá poderes para os maus de julgarem qualquer criatura. Eles nos dilapidam os bens e a família, e não contentes, dilaceram nossas carnes, a dos nossos filhos e amigos, e martirizam nossas almas, com a ameaça do fogo do Inferno. Realmente, eles é que manipulam as chamas do Inferno, eles, os demônios em forma de gente, vestidos com o burel de santos. Eles, os devoradores de crianças, os violentadores das virgens, os carrascos dos homens e mulheres de bem.

Não tenteis aliviar a dor que há de cair sobre ele. Não tenteis aliviar a sentença que nós lhe estamos a preparar. Não podeis, de modo algum, defender este assassino do julgamento de Deus. Nós, sim, como mártires deste maldito, haveremos de puni-lo com as dores mais lancinantes, que nem o Inferno será capaz de reproduzir. Nós o dilaceraremos, nós o aprisionaremos, nós o julgaremos e condenaremos. E qualquer sentença que lhe impusermos há de ser bem pequena, há de ser branda demais, para a extensão de seus crimes. Gregório IX, conde Hugolino de Segni, haverás de pagar bem caro teus crimes, eu o juro, em meu nome e em nome de todos aqueles que tens assassinado, martirizado, torturado, supliciado com tuas bulas e com teus cúmplices. Nada, nem ninguém, nem mesmo Deus ou Jesus ou quem quer se seja, haverá de aplacar o ódio que te sinto, nem o juramento que fiz de perseguir-te para todo o sempre. As freiras tremiam diante das palavras sinceras e cheias de rancor da entidade comunicante. Aproveitando a pouca luz que vinha de fora, na noite, onde coriscos e raios se sucediam em meio aos trovões, Clara se ergueu e aproximou-se de Pacífica, erguendo as mãos na altura de sua cabeça, transmitindo seus eflúvios salutares à entidade comunicante.

Todas tremiam, porque para elas estava quase tangível ali, aquele ser cheio de ódio e vingança, cujas palavras deixavam perceber o imenso sofrimento e revolta que Gregório IX acendera em seu íntimo.

□ Meu irmão, meu amigo,- falou Clara com profundo amor e desassombro.- podemos perceber que enorme sofrimento estás sentindo, quanto tens amarfanhado teu espírito, em busca de algum consolo ou refrigério. Não quero discutir tuas posturas, nem vou, de alguma forma, interpor-me entre ti e o ódio que sentes, acredito que instigado pelo pranto. Meu querido, ouve-me, contudo. Se estavas ouvindo as exortações evangélicas, deves te lembrar que Jesus disse que Ele a ninguém julga. Justamente o

juízo das criaturas é falho e doentio. Pelo que dizes foste vítima deste juízo. Então, meu querido, por que seguir os passos que condenas? Como podes cair do mesmo modo que execras? De que forma encontrarás alívio, fazendo-te igual àqueles que condenas ?

Meu querido irmão, busquemos o Cristo. Ele foi flagelado e crucificado e retornou para nos provar que a vida continua. Tu também estás nos provando isto, e se a vida continua, por que não procurar o refrigério às dores, nos braços amorosos de Maria de Nazaré? Por que não buscar o consolo, após a morte, perdendo os algozes e seguindo entre os mártires de todos os tempos, nas alegrias que aguardam os eleitos?

□ Pois que!- falou a entidade a gargalhar.- Estás a me prometer os céus ? Faz-me rir, senhora! Este mesmo céu me prometeram meus acusadores se eu abjurasse, com relação a tudo o que sempre acreditei, se eu mentisse para agradá-los. Nem eles me convenceram, porque eu sabia que a morte seria minha sentença, qualquer que fossem minhas disposições, nem me dobrei diante de sua perfídia e hipócritas promessas. Meu corpo ardeu nas chamas, vivo, vendo o de outros companheiros arderem também. Imaginaí meu suplício, senhora. Imaginaí! Acreditas que eu estou em busca do Paraíso? Desdenho o Paraíso pelo prazer de persegui-lo. Nenhuma alegria será maior do que a minha de vê-lo carpir as dores com as quais me martirizou e aos meus entes queridos. Nada nem ninguém me impedirá a vingança ! Demore o tempo que demorar, tenho a Eternidade para a Vingança. E eu a executarei sem piedade, e com imenso prazer, estejas certa disto. E jamais me esconderei, como ele, atrás da toga de seus falsos juizes, inquisidores e membros da ordem secular, antes, me apresento, e voltarei se me chamardes, pois não me escondo como os covardes e pulsilâmines, nem atrás de um falso Cristo, nem atrás de meus cúmplices e servidores. Meu nome é Jerônimo e sou o braço da vingança de Deus!

Clara ainda ia tentar conversar com a entidade, quando com um estremeção, Pacífica voltou a si do transe em que mergulhara e do qual não trazia lembrança. Clara e as irmãs conheciam de sobejo os dons mediúnicos da companheira, que emprestara seu corpo para a manifestação da entidade espiritual. Diante do ocorrido, ainda se ouviram os gemidos e imprecações de milhares de seres que acompanhavam aquele chefe espiritual, e depois o silêncio invadiu o ambiente.

As velas foram reacendidas e um brando perfume de jasmim encheu o ar de fluidos mais leves e agradáveis. Inês passou a ver a mãe de Jesus, e Clara a Francisco.

Todas sentiram que a presença de Francisco e de seus amigos se fazia ali, e a voz dele, audível se fez para todos os presentes:

□ Clara, Inês, queridas irmãs do apostolado de Jesus, que Ele nos envolva em sua paz.

Agradeço a oportunidade que vocês me oferecem nestes dias, de tentar apaziguar nossos irmãos para o entendimento que desejamos. Sabemos que o irmão que acaba de nos falar está com o coração ferido por mil golpes dolorosos, e que será bem difícil apaziguá-lo com seus opositores.

Reconhecemos que ele tem razões de sobejo para ter raiva e para desejar vingança, tanto quanto sabemos que seus algozes, muita vez, também agem acreditando estar fazendo-o sob o amparo do Mestre.

Todos nós estamos quase sempre mergulhados nas questões de ordem pessoal, esquecidos da vontade de Deus a nosso respeito, e por isto mourejamos em erro. Mas Jesus tem uma paciência infinita para conosco e uma misericórdia inesgotável.

Queridas irmãs, Clara, meu amor, Inês, nestes dias tudo estaremos fazendo, para terminar com estes julgamentos terríveis que se fazem em nome de Jesus. Contamos com sua sensibilidade feminina para modificar as disposições de Hugolino, nosso irmão, para que se abrandem estes julgamentos sumários ou longos, para que haja mais compreensão e mais tolerância entre as criaturas. Temos inumeráveis amigos a nos auxiliar neste tentame.

Clara, meu amor, sou muito grato a você, por dar prosseguimento àquela nossa pequena, simples e humilde agremiação de servidores do Cristo.

Não pensem que a tarefa é maior do que sua força . Inês, somos todos fracos, mas Jesus nos fortalece e o combate que temos é no íntimo de cada alma, ele acontece no coração dos homens e você é dona de um coração firme e corajoso, mas que está equivocado nas suas escolhas. Inês sentiu que ele se referia ao amor que sentia por Hugolino e ele por ela, e começou a chorar. Francisco continuou, fazendo-se visível por instantes às irmãs, envolto em forte luz que variava entre o dourado e o azul:

□ Minhas companheirinhas, grato sou por poder estar entre vocês. Procurem descansar, pois através do sono, continuaremos nossas tarefas e nos fortaleceremos para a reunião de amanhã.

A figura desvaneceu-se no ar e um lindo ramo de jasmim se materializou no centro da mesa de reuniões. Clara fez as orações de encerramento da reunião e cada uma se recolheu aos seus aposentos, para repousar e dar continuidade às tarefas de socorro da noite.

Fora as esperava o bando de Jerônimo, para impedir-lhes a ação.

Logo que adormeceram Inês, Clara e Pacífica foram levadas ao lado de fora da construção que as abrigava.

Um bando incalculável de seres as esperava, ululando como uma turba insana:

□ Criminosas! Pecadoras! Olhem para nós, vejam as marcas que trazemos! Como ousam defender estes assassinos e principalmente este mandante dos crimes, Hugolino?

□ Como conseguem amar e defender um malfeitor de tal porte? - falava uma mulher vestida de freira, na qual Inês reconheceu antiga companheira, que fora apaixonada por Hugolino e que ela sabia, espiritualmente, que se amasiara com ele e depois, quando ela ameaçara denunciá-lo, causando escândalo, por romper com ela, a mandara investigar, acusar e condenar à morte.

O rosto aflito e martirizado da jovem mulher parecia desnudar os sentimentos de Inês:

□ E você ainda ama este assassino! Você, uma freira da Irmandade de Francisco! Não se envergonha, sua hetaira?

Inês recuou mas Clara se lhe pôs à frente, falando com energia:

□ Como você desconhece o verdadeiro amor, minha irmã. Isto que você sentiu e sente pelo Papa não é amor, é desejo, é posse, é paixão carnal. Não acuse minha irmã, pois ela está bem longe de se envolver em tais sentimentos. Procura antes ouvir a voz do nosso Pastor e encontrará alívio para seu espírito. Nisto as três foram arrebatadas pela multidão enfurecida e levadas a uma região escura e triste. Casinhas toscas e miseráveis se viam umas ao lado das outras. Árvores retorcidas, parecendo que haviam sido vítimas de um incêndio criminoso, estavam enegrecidas e ainda soltavam fumaça.

O chão era pedregoso e negro, e em cantos isolados se viam poças de lama mal cheirosa.

Inês, Clara e Pacífica se viam cercadas por homens e mulheres que as empurravam em direção a uma elevação rochosa adiante. Eles riam, gargalhavam sinistramente e as ameaçavam com palavras de baixo calão, ao mesmo tempo em que faziam gestos obscenos, demonstrando que pretendiam seviciá-las sexualmente.

Temerosas elas se uniam dando as mãos e caminhavam, pensando que poderiam morrer no corpo físico, caso as ameaças daqueles seres se concretizassem, mas também que se ali estavam era por que seus amigos espirituais haviam permitido, e esperavam que algo fizessem. Mas o que? Perguntavam-se mentalmente, sem muita condição de reação.

Foram aos poucos sendo levadas para o local mais alto daquela região feia e triste. Já no alto, à beira de um precipício, apresentou-se diante delas o mesmo espírito que lhes falara na reunião da noite:

□ Olá, devem ter adivinhado quem sou. Sou Jerônimo. Olhem bem para mim, porque vou atirá-las daqui para baixo e em seguida irei aprisionar suas almas, que passarão a servir-me.

As três mulheres estavam interditas diante do ser que se lhes apresentava. Estava ele envolto em feridas purulentas, seu corpo chagado cheirava carniça, suas vísceras estavam expostas e a pele, enegrecida pelas chamas dos últimos momentos, mostrava-se enrugada e em carne viva.

Mal se percebia um tufo de cabelos desgrehados no alto da cabeça, onde despontavam duas excrescências, como se fossem chifres a nascer do couro cabeludo. Os olhos esbugalhados e injetados de sangue não podiam fechar-se, por lhes faltarem as pálpebras e a boca estava sem os lábios, mostrando os dentes sanguinolentos. Pêlos se viam nas pernas que estavam já a perder a forma humana, estando em tudo semelhantes às patas dos caprinos.

Inês queria fechar os olhos para não vê-lo e estava paralisada de terror.

Nisto, quando ele ia arrojá-las das alturas, num gesto inesperado, Clara o abraçou e beijou-lhe a face. Isto causou um explodir de luz tão forte, que jogou a distância aqueles que as cercavam, e modificou instantaneamente o aspecto dantesco do chefe daquela legião, trazendo-lhe o antigo semblante, antes da flagelação que lhe haviam imposto.

Neste mesmo instante, elas foram arrebatadas de retorno ao corpo. Amanhecia. Levantaram-se e se dirigiram ao local de orações da manhã e depois às primeiras refeições. Quando tiveram oportunidade se reuniram as três, para relatar o que lembravam do estranho sonho noturno. Clara e as irmãs tinham certeza de que não fora sonho, mas a continuidade das tarefas iniciadas à noite e estas tarefas tinham tudo a ver com o encontro que teriam com Hugolino, o atual papa Gregório IX.

Capítulo xvi tribunal do alem

Clara tinha certeza de que a noite houvera sido proveitosa, porque lembrava com detalhes do ocorrido, diferentemente de Inês e Pacífica.

Mas de uma certa forma todas estavam ansiosas pela chegada do Papa e, ao mesmo tempo, sentiam que o ambiente estava menos denso que na noite anterior, como se a tempestade houvesse higienizado o local.

Flores foram colocadas em pontos estratégicos, procurando melhorar ainda mais o edifício, e frutas foram colhidas do pomar, bem como pães e bolos foram colocados a assar.

A manhã se fez fresca e olorosa, e todas trabalhavam com alegria.

Inês confidenciou com Clara que sentia como se houvesse auxiliado o Papa, durante a noite e a amada de Francisco sorriu de modo cúmplice, como a lhe confirmar as impressões.

Quando Gregório IX chegou, observou que as freiras estavam diferentes do que ele sentira na véspera, e pensou que ele também se sentia um tanto modificado, como se lhe tivessem tirado um peso das costas. Após as saudações habituais e de ter tomado um vinho capitoso com pães e frutos, ele saudou com carinho as irmãs e foi por elas cumprimentado, solicitando o obséquio de se ver a sós com Inês e Clara., no que foi atendido.

Caminharam para amplo aposento, onde Clara recebia as visitas de maior cerimônia e, enquanto os afazeres tomavam o tempo das freiras, Hugolino abriu um pacote, onde guardava um cálice e um vidro fechado hermeticamente.

Em seguida passou a descrever tudo quanto ocorrera com ele, não omitindo as emoções fortes que o tomaram e o aparecimento ostensivo de Francisco a dialogar com ele.

Explicou um tanto envergonhado que tivera tentação ao se recordar das chagas de Francisco, mas omitiu propositalmente os eventos em que se vira enredado, naquele dia e noite, e também omitiu as palavras mais ásperas do santo reptando sua conduta e os julgamentos levados a efeito pela Santa Inquisição.

Clara não pode deixar de chorar, vendo o frasco que continha o sangue e a água materializados pelo santo de Assis.

Inês também mal podia conter as lágrimas.

As duas seguraram por instantes o frasco e o cálice, onde Francisco fizera aparecer a prova de sua presença.

Clara desejava saber mais detalhes, sobre o que Francisco falara.

Ela sabia que seu amor jamais apareceria sem que isto fosse móvel de uma finalidade importante, e que Hugolino não estava sendo explícito em sua narração, que lhes ocultava algo.

□ Pai querido, não tenho como lhe agradecer pela alegria que nos dá, ao repartir conosco estes fatos tão relevantes para todos nós.

Sempre soube do grande afeto que Francisco nutria pelo senhor e esta aparição, mais as provas que ele deixou, só podem mesmo ser uma demonstração do grande afeto que sempre nutriu por ti.

Porém, ele jamais o faria apenas por isto. A dificuldade para conseguir uma aparição deste porte deve ter sido imensa, e creio que ele voltou para auxiliá-lo nas suas duras atribuições, por que é imenso o clamor que se ouve por toda a parte, bem como temos sabido de fatos espantosos que vêm ocorrendo por todo o lado.

□ A que te referes, minha mãe?

□ Temos tomado contato com notícias que dão conta que populações inteiras têm se revoltado com os julgamentos e as sentenças de muitos, e acredito que Francisco deva ter vindo para alertá-lo da misericórdia que temos obrigação de exercer, porque há um Tribunal no Além, um tribunal do céu, ao qual todos devemos obediência.

Hugolino levantou-se com o cenho carregado e deixou sobre a mesa o frasco com o cálice.

Depois de meditar um pouco, falou secamente:

□ A ninguém relatei o que me tem acontecido, antes fiz questão de viajar e vir lhes contar pessoalmente o verdadeiro milagre que me aconteceu, porque imaginei que também ficariam felizes comigo e que teriam algo a comentar, porque pensei que, de algum modo, sua ligação com Francisco me daria uma visão diferente do que ocorreu.

Jamais imaginei ser tão mal interpretado, nem chamado às falas deste modo, porque a ninguém permito que me fale desta maneira.

Inês estremeceu e procurou o olhar de Clara, mas o que viu não foram os olhos de Clara, mas sim eram os olhos de Francisco que ela percebia, no rosto da irmã.

Deste modo, correu o olhar da irmã para o Papa, que se virara, depois de ter-lhes voltado as costas, e fitava Clara, a ver que efeito suas palavras produziam.

Ao fitar a abadessa das clarissas, Gregório teve um espanto, pois também percebeu a transfiguração dela, que sorrindo lhe falou:

□ Hugolino, meu amigo, meu pai, meu irmão, fico feliz de poder novamente falar-te, tal como fiz em teu aposento, trazendo-te as provas da imortalidade da alma, para burilar-te o pensamento, com a certeza de que todos somos falíveis, e Jesus é Aquele que pode julgar-nos e abrilhantar-nos a inteligência.

Não te agastes conosco, porque jamais terás amigos tão sinceros quanto nós, que somos incapazes de acusar-te, reconhecendo-te os dotes de inteligência e esforço.

Claro está que somos gratos pelo testemunho de amizade que nos dás, vindo relatar o que ocorreu contigo, e trazendo a prova dos fatos que nos contaste.

No entanto, que nos dizes dos apontamentos feitos pelo homem de Assis, quando te visitou?

Francisco sempre foi claro e preciso, e isto era a prova cabal do apreço, da amizade e respeito que sempre senti por ti e por tudo aquilo que representas.

Não analyses nossa atitude, vendo em nós qualquer laivo de desatenção.

Nossa preocupação é a de manter a moderação e o equilíbrio, frente a tanta devassidão e loucura.

Não nos penses incapazes de valorizar o teu gesto de amor e carinho para conosco, mas também não olvides ou minimizes o gesto de amor de Francisco para contigo, porque sabemos que ele estava sempre com Jesus e só faria o que o Mestre ordenasse, e isto demonstra o quanto o Cristo se importa contigo.

Hugolino não sabia se era Clara quem lhe falava ou o próprio Francisco, porque ela o citava na alocução, mas começou a se lembrar das falas que ele omitira, e lembrar-se de como fora cheio de ideal e sonho um dia, antes que se voltasse para a perseguição implacável, julgando que era este seu papel, nos meandros do poder que exercia.

Não conseguia responder às palavras sinceras e pacientes que ouvia dos lábios de Clara.

Pensava nos companheiros que se lhe ligavam, nas ambições desmedidas dos nobres e dos juízes, clérigos e bispos e sentia vergonha.

Naquele instante, o cheiro de jasmim se fez forte no ambiente, como a recordar-lhe aquela noite em que Francisco estivera com ele, e, ao mesmo tempo, dando-lhe mais uma vez a certeza da presença daquele ser inigualável.

Inês caíra de joelhos e chorava copiosamente, enquanto ele sentia como se as pernas perdessem as forças, tendo que se sentar para não cair.

Toda grandeza espiritual de Francisco se impunha, naquele ambiente, de forma abrangente, iniludível, descerrando a todos o suspirado momento de encontro com os planos celestes.

Gregório sentiu que se esboroavam as certezas que julgava ter até ali. Ele instituíra um tribunal terreno, embora falasse em nome dos céus, e pensasse ter o direito de representar Jesus sobre toda a Terra, a condenar seus irmãos em Humanidade, mas sentia que havia um Tribunal do Além, que não utilizava o rancor, nem os meios belicosos e calamitosos que vinha usando.

Arrependeu-se de ter viajado até aquele recanto de paz, porque a presença de Francisco não se mostrava naquele instante como uma deferência, e sim como uma admoestação aos seus métodos e decisões.

A cabeça estava opressa e confusa. Ele tinha certeza de que era o homem de Assis que falava com ele, através de Clara, e embora ele o fizesse com imensa deferência e carinho, ele se sentia acusado e condenado por aquelas palavras.

Ainda assim, pesava sua posição e a responsabilidade, e conquanto desejasse a obtenção do conhecimento mais elevado, ponderava que uma coisa devia ser o tribunal dos céus e outra diferente era o tribunal da Terra, mais necessitado de expedientes duros e inflexíveis, a fim de obter a obediência dos seres humanos.

Francisco queria enobrecer-lhe as escolhas e atitudes, com seu chamamento de amor, levando-o para novas disposições no bem, mas ele se sentia preso pelas imposições que criara para si mesmo, da forma pessoal com a qual dispunha da própria vida.

□ Hugolino, meu amigo, meu pai, quando terás tua estrada de Damasco? – falou o frei pela voz de Clara, de forma triste e lastimosa. Reflete em tuas escolhas, na liberdade íntima e escolhe o caminho estreito, sem as imposições do mundo!

O Divino Mestre nos propõe servi-Lo, através de seus ensinamentos e atitudes, e nunca constrangeu ninguém pela violência ou imposição.

Medita nisto, reflete e usa teus méritos para que atinjas a maioria espiritual, sem pancadas ou violência, convertendo-te no representante do amor na face da Terra.

Não te julgues proprietário do Evangelho de Jesus, nem dono das pessoas, pela autoridade que sentes pertencer-te, antes observa que ela pode aguilhoar-te à posse e converter-te em algoz de muitos.

Medita no Tribunal do Céu, que julga a cada um segundo suas obras e não fortaleças o império do mal, cavando a própria ruína.

Francisco continuou falando pela boca de Clara, mas Hugolino sentia como se estivesse se afastando do ambiente em velocidade inaudita.

Multidões o arrebatavam ao ambiente simples onde a reunião se fazia e, num tempo que ele não saberia definir, se viu arrojado a um local escuro e triste, onde ouvia milhares de lamentos e imprecações, acusações e gritos, uivos e estrondos tormentosos.

Seu nome era repetido com ódio, e ele sentia como se uma sombra imensa tomasse conta de seu coração e de sua mente.

O sangue como que coagulava nas veias, e a mente parecia tomada por força insana.

Clara caminhou em sua direção e tocou-o de leve, como que trazendo-o de volta ao corpo físico, do qual fora arrebatado pelos inimigos que granjeara com suas atitudes, e que o haviam levado com eles.

O gesto de Francisco, através dela, ao tocá-lo o trouxe de volta ao corpo físico, mas o esforço fora demais para a frágil mulher, que tombou sobre o Papa, e teria caído, não fosse a rapidez com a qual Inês tentou segurá-la e o gesto dele a ampará-la, quase que instintivamente.

Clara desmaiara, com o choque recebido ao tocá-lo, para trazê-lo de volta.

Inês, assustada, a chamava pelo nome, em desespero:

□ Clara, fala comigo, Clara, por favor, abra os olhos! Minha irmã, o que aconteceu?

Hugolino levantou a mulher franzina e colocou-a numa cadeira mais confortável, temendo também por sua vida.

□ Jesus, Maria, Francisco, socorre-nos!- bradou Inês apavorada, com a palidez da irmã e com a aparência de quase morte que ela apresentava.

□ Eu não deveria ter vindo. -deixou escapar o Papa, temeroso de que algo pior acontecesse com aquela mulher que ele tanto admirava.

Então se ouviu uma voz ao lado deles. Sentiram a presença daquele ser que não se mostrava visível diante de seus olhos, mas que demonstrava sua presença mais uma vez, de forma evidente e insofismável.

□ Clara, minha querida, -falou a voz do santo, que eles imediatamente reconheceram como a do homem de Assis.- volta! Acorda! Não precisavas interferir para salvá-lo.

Como se aquela voz tivesse o dom de chamar à vida a jovem freira, ela deu um longo suspiro e abriu os olhos, fitando o Papa que a amparava e a irmã que soluçava ao seu lado.

Mas o esforço fora demais. Embora a cor lhe voltasse um pouco às faces, ela parecia não encontrar forças para se erguer ou falar.

Inês saiu a correr pelos longos corredores, e logo as irmãs acorreram, providenciando o traslado dela, para a cela onde se albergava.

Um burburinho se fez por toda a propriedade, e foram em busca de um médico que a pudesse vir ver.

Enquanto isto, Hugolino recolhia o frasco com o sangue materializado e o cálice que trouxera.

Jamais se perdoaria caso algo acontecesse com Clara. Tinha certeza de que Inês também não o perdoaria. Fez ver a Inês que não se ausentaria até que tivesse certeza de que Clara estivesse bem.

Visitou-a em seus aposentos, mas ela não falava, apenas com gestos queria acalmar o Pontífice, querendo mostrar que estava bem.

Uma consternação geral tomou conta de todos. Ninguém ousava perguntar nada, atribuíam o mal súbito aos excessos de trabalho em que a abadessa se havia.

Inês a fitava como uma criança assustada, cheia de inquietude.

As horas pareciam infundáveis, para todos.

O médico finalmente chegou e esperaram que ele a examinasse e desse seu vaticínio, com relação à sua saúde.

Ele foi reticencioso, mas informou ao Pontífice:

□ Ela parece ter tido um choque muito violento, um susto, algo assim. Precisa repousar, abster-se dos trabalhos em que vem mourendo e ter uma alimentação rica em vegetais e frutas.

Aconselho repouso, nada de preocupações, nem esforços desnecessários. O coração está abalado, todo cuidado é pouco.

As irmãs providenciaram roupa limpa e recém lavada no quarto, trataram de banhá-la mesmo na cama, e acharam estranho que um cheiro de jasmim permanecesse onde ela repousava.

Inês não se apartava dela, e providenciaram uma cama, a fim de que pudesse estar dia e noite ao seu lado.

Diante do ocorrido, Hugolino se sentiu muito mal, cheio de preocupações.

Clara parecia um trapo humano, assediado pela morte.

Seus olhos estavam enevoados e seus gestos demonstravam fraqueza extrema.

O médico achava que seu coração estava como um relógio desgovernado.

O encontro havido parecia comprometer-lhe a saúde.

Por um momento a sós com Inês e ela, Hugolino se ajoelhou ao lado do leito e pediu perdão a ambas.

Com muita dificuldade, Clara balbuciou:

□ Fique em paz!

Finalmente ela conseguira falar alguma coisa.

Foram as primeiras palavras dela, desde seu desmaio.

Hugolino retirou-se, após se despedir de Inês, que prometeu enviar-lhe notícias.

E ele saiu a pensar nas complicações havidas.

Tudo lhe parecia irreal, meio insólito, confuso.

Sentia-se culpado pela doença de Clara, e pela preocupação de Inês.

Um sofrimento lhe constrangia a alma.

O que ocorrera ali? Quem eram as pessoas que o arrebatavam e para onde o conduziam, enquanto Francisco falava com ele?

Estaria sendo levado a um Tribunal do Além a ser julgado?

Por que Clara o tocara e o trouxera de volta?

O que isto representava para ele, e, por certo, o que isto causara ao físico dela?

Ela quase morrera, como se houvesse dado sua vida por ele.

Procurava explicações para os fatos ocorridos e, por mais houvesse estudado a vida interior, por mais se percebesse com vasto caminho percorrido, aquilo fugia a tudo o que conhecia, até então.

Como se não bastasse a aparição de Francisco, tivera ainda de passar por aquela experiência difícil, diferente, insólita.

A culpa lhe amarfanhava a alma, e a perplexidade, diante de algo que não conseguia entender.

Se Clara morresse, jamais se perdoaria, e sabia que Inês também não o faria.

Elas eram tão frágeis, que direito ele tinha de vir até elas, para que lhe explicassem o que tinha acontecido com ele?

Por que imaginara que as duas pudessem lhe auxiliar a entender a visita de Francisco? E por que o santo evidentemente presente não havia ajudado a ele e Clara, que haviam corrido perigo de vida?

Sim, porque ele sabia que poderia ter morrido, não fosse a intercessão de Clara, bem como temia que ela viesse a morrer, por havê-lo salvo de seus perseguidores.

Lembrou-se do sofrimento de Inocência III em seu leito de morte.

Haveria um Tribunal no Além, para o qual seriam levados, logo à morte, e não o julgamento final, como ensinava a Igreja ?

□ Francisco, não permita que ela morra! - deixou escapar com temor.

E o Papa permaneceu pelas redondezas, até que Clara deu sinais de melhora.

Então visitou novamente as irmãs e despediu-se de Inês, sem, contudo, mudar suas disposições apesar de tudo o que acontecera.

E o “milagre” de Francisco passaria à posteridade, com seu testemunho, mas sem lhe modificar as atitudes.

Séculos depois o pintor Giotto faria um afresco artístico no qual se via Gregório IX na cama, passando a Francisco de Assis materializado o cálice onde ele havia colocado o sangue e água materializados.

Para a Igreja isto demonstraria sempre o valor de ambos os espíritos, mas para Gregório IX aquele evento seria uma cobrança de suas atrocidades e da cegueira espiritual em que estava, sem entender a divina presença a lhe pedir uma mudança de atitude.

Capítulo xvii o mal se expande

É preciso que os feudos e os vassalos levem em consideração a Bula Ad-Abolenda, senão serão privados de proteção eclesiástica. É preciso que os heréticos sejam esmagados pelo vosso poder e que as misérias da guerra os aproximem da verdade.”

Hugolino leu e releu as palavras que seu tio Inocência III enviara ao rei Felipe Augusto, por sua orientação.

Os acontecimentos haviam remexido com suas lembranças.

Revê o momento em que Francisco partira em 1226 e a visita que fizera ao seu túmulo na Igreja de S.Jorge.*

Em 16 de julho de 1228, lembra, fora a solene canonização Del Poverello. Neste mesmo ano, surgira a primeira biografia de Francisco, escrita por Celano, onde Clara de Assis já foi apresentada como santa. Agora, após a VI Cruzada, dirigida por Frederico II, ele estava em total desacordo com aquele rei e passara a perseguí-lo de forma sistemática.

Proibira os frades de irem aos mosteiros das clarissas, por causa do seu ciúme por Inês, com relação a Tobias, e o corpo de Francisco fora transladado para a nova basílica.

A nobre Inês de Praga entrara na Ordem, enquanto

***Hoje Igreja de Santa Clara.**

ele canonizava Domingos de Gusmão e se amasiava com a freira Maria, a qual havia depois enviado para os calabouços da Santa Inquisição.

O remorso lhe roía a alma, ao se lembrar desta freira, que ele conhecera cheia de amor e dedicação ao seu ministério, mas que aos poucos se aproximara dele, atraída por uma paixão que em pouco tempo se revelara sem limites.

Sempre que podia estava com ela, mesmo nos aposentos do palácio, ou em sua propriedade particular, e bem poucos sabiam disto, porque a fazia introduzir em roupas masculinas, para chegar até ele.

Fora muito cuidadoso em seus encontros, que haviam durado alguns anos, até que ela se mostrasse cheia de ciúmes e exigências.

Não conseguia mais lhe ter afeição e também os desejos carnavais foram se apagando dentro de si.

Gostaria de estar com Inês, que conhecera junto a Clara e por quem sentia um amor que a nada se comparava.

Inês passara a ser o móvel de seus pensamentos, de seus cuidados, de seus desvelos. Estar com Francisco e Clara era uma felicidade sem limites, e ele se esquecia das atribuições do cargo e com eles voltava a ser uma criatura desprovida de ambições e rancores.

Mas, aos poucos, Maria deu-se conta de seus sentimentos, da atração que Inês lhe exercia e passara a fazer ameaças veladas à sua pessoa.

Os encontros se espaçaram e, com isto, ela se fez mais e mais exigente e chorosa.

Sua presença deixou de lhe trazer contentamento e passou a lhe acrescentar preocupação.

Confidenciou com Alberto de Pisa, que o aconselhou a se distanciar dela e o tempo se encarregaria de apagar seus deslizos.

Pena que não pudesse falar a respeito com Francisco que partira, com seu sobrinho Reinaldo, que estava longe de Roma e de Clara, porque tinha vergonha de contar seus arrebatamentos da carne, como chamava a ligação com Maria.

No entanto, ao invés de se afastar apenas de Maria, ficou com medo que ela, de algum modo, deixasse o segredo de ambos vir à tona.

Procurou manter-se indiferente, mas vieram reportar-lhe que a sua concubina estava tendo verdadeiros acessos de fúria, nos quais andava a falar mal dele.

Achou que não podia deixar que isto fosse levado adiante e teve um último encontro com ela.

Este último encontro ficara guardado na sua memória, como se fosse a ferro e a fogo.

Houvera reptado a rapariga, deixando bem claro sua postura, frente ao que vinha ocorrendo.

Fizera ver-lhe que ele correria sério perigo de vida e outras sevícias, se ela persistisse em querer vê-lo e falar-lhe.

A mulher, contudo, parecia enlouquecida, denotava ter perdido todo sentido de perigo, do risco que corria, porque lhe suplicou de joelhos que a não deixasse, que preferia morrer a deixar de estar com ele. Implorou que lhe permitisse ao menos vê-lo algumas vezes e só por isto estaria feliz.

Quanto mais ela suplicava e chorava, mais acendiam nele o rancor e a repulsa. Comparava Inês com Maria e se enchia de ojeriza pela pobre mulher apaixonada que tanto o havia servido com sua beleza e com seus favores sexuais.

Quando ela se retirou, ele se decidira por afastá-la definitivamente de si.

Tinha homens nobres e padres que fariam qualquer coisa que ele pedisse, sem retrucar.

Orientou-os a que apresentassem contra ela uma acusação de pacto com o demônio e ela fora presa e julgada.

Levada longe de Roma, ficou incomunicável, foi torturada e morreu sob a tortura, sem chegar a ser sacrificada em praça pública.

Durante o breve espaço de tempo em que se vira cercado por criaturas a cobrar-lhe seus atos, enquanto Francisco lhe falava pela boca de Clara, parecera-lhe ver, entre seus acusadores, a figura de Maria.

Tal espírito se destacava dos demais, principalmente pelos olhos muito brilhantes e negros, aqueles mesmos olhos que no passado o haviam fascinado e atraído.

Sentia remorsos, porém mais por cuidados com Clara do que com Maria.

Maria o ameaçara e isto ele não podia admitir. Ela pedira praticamente para que a castigasse.

Por que não aceitar que se distanciassem, da forma como ele havia sugerido? Acaso tinha ela outra escolha? Como ousara pensar ter meios de fugir à sua ira ou de constrangê-lo de algum modo?

Teria sido vítima de uma alucinação, por encontrar-se perto de Inês? Não. Aquilo fora real, era algo que ele não entendia, mas sentia que seres o seguiam por onde ia, que o queriam perder.

Voltara toda sua ira para Frederico II.

Escrevia cartas onde o comparava com a besta do Apocalipse, o anticristo, o próprio demônio.

Frederico, contudo, o reptava de modo mais civilizado, querendo demonstrar que não lhe reconhecia a autoridade de representante do Cristo. Aliás, em sua missiva, falava que não reconhecia nenhum benefício na existência de Moisés, de Jesus e de Maomé.

Aquilo punha o monarca sob o alvo de todos os religiosos fanáticos de seu tempo, fossem eles judeus,

católicos, ortodoxos ou árabes muçulmanos.

O que se iniciara como uma sociedade, com acordos de ambas as partes e obediência por parte do monarca, se transformava dia a dia numa disputa irracional e tola, mas que tinha implicações políticas e guerreiras de enorme monta e raízes profundas num passado distante.

A animosidade cedeu lugar a belicosidade e insultos de parte a parte.

O Pontífice tinha percorrido longa trajetória em vidas passadas, quase sempre como sacerdote e militar, e com conhecimentos médicos e de ocultismo, e, estando na posição privilegiada em que estava, não arredava um milímetro sequer da disposição de mandar em tudo e em todos, sem aceitar nenhum argumento ou discussão contra suas ordens.

Deste modo ele exprimia completamente sua ira, mesmo que colocasse as palavras em bulas e leis, dizendo em termos bíblicos:

“A besta que surge do mar, com cara e nome blasfêmia, furiosa com a força de um urso e a face de um leão, o corpo de um leopardo, abre a boca para atacar o Santo Nome, sem cessar de escarnecer a levantar sua lança sobre o tabernáculo de Deus e seus santos que habitam no céu”.

Não maravilhosamente se levanta contra nós a espada da angústia e se levanta para cancelar sobre a face da Terra o nome do Senhor, para confundir sua mensagem. “Observem o mais tosco o rosto e o corpo deste monstro chamado Frederico II.”

Acusava-o de não professar a fé católica..

Gregório só aplacava sua ira em ferinas demonstrações de arbítrio, para lembrar de Clara e preocupar-se com sua saúde.

Somente alguns meses depois, se sentiu mais tranqüilo, sabendo que ela pudera levantar-se do leito e aos poucos retomava suas tarefas, no local onde a fora ver.

Uma carta de Inês dava conta do restabelecimento da amada de Francisco e ele se alegrou com recebê-la, junto com palavras de afeto de Clara de Assis.

Aquilo lhe tirava os pensamentos de angústia que o vinham assediando, nas lembranças de seu périplo de experiências.

Naqueles dias, recebeu um aviso sobre a presença do frei Egídio de Assis, que o queria ver.

Muito já ouvira falar deste franciscano e estava curioso de conhecê-lo, porque tudo indicava que ele era um daqueles homens seguidores de Francisco que punha nas pessoas um sentido novo de vida, e que impressionava multidões.

Resolveu, pois, recebê-lo em palácio, sabendo que ele viera da Perúgia, e sabia manejar a palavra, com sólida convicção.

Prouvera Deus lhe enviasse alguém que pudesse minimizar-lhe o sofrimento que vinha sentindo ultimamente.

Os anos se faziam duros e pesados para ele. As transformações que causava com suas bulas e resoluções em toda a parte já não lhe causavam as satisfações anteriores.

Tudo lhe pesava, como se nuvens negras se adensassem sobre sua cabeça.

Sentia uma necessidade espiritual que jamais sentira antes.

Sofria, sem saber ao certo porque. Estudava, viajava, escrevia, administrava, conquistando cada vez mais poder para si e para a Igreja, mas isto não lhe satisfazia interiormente.

Adquiria bens cada vez mais ricos e amadurecia o pensamento e o conhecimento dos seres humanos, como se lhes devassasse a alma.

Problemas muitos o buscavam, sem que isto o abatesse.

Decerto que sua posição era inconfundível e privilegiada, então porque não dispunha de paz e sob alguns aspectos, não assinalava melhorias em sua vida?

Irritação era o prato do dia a dia e algum desânimo sentia diante dos aborrecimentos e dificuldades vividos.

Por que não tinha confiança em ninguém, nos últimos tempos?

Olhava a relíquia materializada por Francisco e se perguntava se teria coragem para mudar todas as suas resoluções, da noite para o dia. Neste caso, não estaria assinando a própria pena de morte ?

Sem dúvida os dignitários da Igreja o considerariam louco e senil, se modificasse de uma hora para outra suas ordens.

Quantas vezes, no entanto, sentiu vontade de retroceder, mas os temores lhe invadiam a mente e se lembrava da coragem com a qual lutara para chegar até ali.

Diante dos sentimentos contraditórios que o imantavam, recebeu num dia de esplêndido amanhecer, cheio de esperança e curiosidade, a Egídio de Assis, que se fazia acompanhar de outro irmão.

Outros membros importantes da Igreja se faziam presentes à audiência e alguns cardeais olhavam com desconfiança para aquele frei, desprovido de luxo, de aparência simples e apagada, mas que inspirava confiança.

Gregório o ouviu em silêncio e o pensamento lhe trouxe as cenas de Francisco, moço, com seus onze frades, comparecendo diante de Inocêncio III a pedir-lhe a instituição da Ordem.

Aquele homem lhe lembrava o amigo que partira há tantos anos. Uma saudade feita de remorso e tristeza o envolveu. Pensou se não havia cometido algum erro, em sua longa trajetória, que a tantos parecia cheia de glória e vitórias. Não desistira jamais de seus propósitos e ultimamente se perguntava se eles tinham valido a pena.

Nisto, diante de si, o frei Egídio, pareceu estar maior, como se crescesse.

Tentou entender o que acontecia, enquanto ouvia o frei dizer:

□ Se alguém está procurando a felicidade, pelos compêndios do mundo, esteja certo que jamais a

alcançará.

A felicidade está em nos amarmos uns aos outros, como Jesus desejava que o fizéssemos.

Dúvidas e desalentos não farão com que a encontremos.

Uma viagem que se faz, em busca da paz, é abençoada escolha, mas a paz está dentro de cada um, a paz reside no ser que ama.

Isto temos aprendido com Jesus e com Francisco, que escreveu seu Cântico ao Sol, a poucos passos da morte, atuando como luz em nossos caminhos.

O Papa continuou a firmar os olhos no frei e percebeu que as pessoas à sua volta também estavam interditas de assombro.

Não havia dúvida, frei Egídio estava se erguendo do chão.

Já podia ver-lhe a barra do burel roto e as sandálias nos pés, que flutuavam acima do solo.

O fenômeno de levitação era ostensivo à sua frente.

O perfume de jasmim novamente se fez sentir, dando-lhe a certeza de que Francisco estava presente àquele encontro.

Já não conseguia distinguir bem as palavras do frei.

Tudo o que ouvira dizer daquele homem, daquele frei agora parecia verdade incontestável.

Como ele fazia esta proeza ?

Queria levantar-se e tocá-lo, mas a lembrança do que ocorrera com Clara, quando o tocara, o impedia de agir.

☐ Meu pai !- deixou escapar sem querer.

☐ O ser humano é tão frágil e inconsequente, tão contraditório em suas atitudes.- falava o frei, suspenso do solo e subindo mais um tanto - Vive mergulhado num misto de crueldade e carinho, à feição das feras que lambe os filhotes e estraçalha outros animais. Quando um socorro oculto desponta a seu favor, o ser humano se acalma na perplexidade e abraça a humildade, mas, içado ao patamar do mando, pisa nos corações por bagatelas. O timbre de voz do frei modificara-se.

Hugolino reconhecia ali a presença novamente de Francisco a cobrar-lhe as escolhas e a ação.

Mesmo assim não se deixou levar pela emoção e descobertas, naquela espetacular demonstração da interferência espiritual na sua vida.

Quis perguntar ao frei porque o desejara ver, mas, como que respondendo a sua inquirição mental, Egídio continuou:

☐ Vim visitá-lo e incomodá-lo com a minha presença, S. Santidade, porque a isto me convocou o patrono de nossa Ordem, o santo de Assis, aparecendo-me em minhas meditações e orações.

Jamais me abalancaria a viajar e vir incomodar S. Santidade por minha própria resolução.

Francisco quer que não sinta o desencanto dos poderes terrenos, mas que mergulhe na felicidade advinda do poder celestial.

Solicita que atue para espalhar a paz e a concórdia, a alegria e o trabalho, o entendimento e a fraternidade, a tolerância e a mansuetude.

Isto livrará o mundo dos desajustes e quedas em que está, e dos enganos e desgostos que tem alterado seu destino.

Todos fitavam o frei, percebendo que algo de transcendente ocorria ali.

Como podia ele pairar por tanto tempo longe do chão, contradizendo todas as leis terrenas?

Por certo, isto podia trazer-lhe a perseguição da Igreja, sempre em busca de bruxos e seres demoníacos, com as explicações doentias do seu sectarismo.

Apesar disto, de saber destas disposições o frei continuava a sorrir, deixando que Francisco falasse por ele, dando mostras dos motivos pelos quais era tão considerado pelo povo e da fama que o precedera.

Egídio continuava:

☐ Francisco nos ensinou que rei é aquele que domina a própria fraqueza, e senhor é aquele que serve a todos.

Ele me pediu que aqui viesse para ajudá-lo a encontrar a felicidade, que todo o ser humano almeja, sem conseguir, para lembrá-lo das palavras que trocaram em vida e além dela, para lhe agradecer os cuidados com Clara de Assis, que ele garante não vai morrer, por afrontar o mal, a seu favor.

Ele me pediu para lembrá-lo das palavras de Jesus, quando pediu a Pedro, no Monte das Oliveiras para embainhar sua espada, porque quem com ferro fere, com ferro será ferido.

Ele diz que em suas mãos está o destino de milhares de seres, neste momento, e que ore a Jesus, e Ele lhe mostrará qual é Sua verdadeira sentença e qual é o Seu verdadeiro desejo a seu respeito.

Diz que é a última vez que envia alguém para falar-lhe e que não mais o incomodará com sua presença, porque sabe que cada um tem liberdade de escolha e não lhe compete interferir mais em seu caminho.

Pede que fuja dos temores que lhe invadem a mente porque todos cometemos erros, mas não desista de servir ao Cristo, porque Ele jamais desistiu de nenhum de seus filhos.

Recorde-lhe as lições amorosas e converse com Ele, e ouvirá Suas respostas ao seu coração.

Supere as adversidades e procure agir com confiança em Deus, que é o juiz de todos nós.

Calou-se o homem flutuando diante do Papa e aos poucos seu corpo foi descendo novamente até tocar o chão.

Em seguida ajoelhou-se e osculou a mão do Pontífice.

Gregório IX estava estupefato. Alguns de seus auxiliares mais diretos imaginava que frei Egídio devia ser considerado um homem satânico, pela demonstração que haviam assistido.

Gregório, contudo, não pensava assim e dispensou sua corte, desejoso de ficar mais tempo a sós com ele.

Muitas horas ainda dialogaram, e nelas, Gregório sentiu a presença de Francisco, que se despedia dele,

prometendo não interferir mais tão ostensivamente em seu caminho, mas também assegurando que estaria com ele, até o final de seus dias e mesmo depois.

Ficava claro para Hugolino que Francisco buscava de todas as formas possíveis e inimagináveis auxiliá-lo, mas com o firme propósito de mudar-lhe a ação.

Mas ele não conseguia modificar o plano traçado há tantos anos.

Quase cem anos já lhe pesavam nas costas e o corpo alquebrado fazia-o pensar na morte, contudo, ele não pretendia deter o avanço do mal, que ele auxiliara a implantar.

Capítulo xviii colheita e fel

Da mesma forma que “quem bebe cicuta e fel não pode cuspir melado”, também os seres que são maltratados, vilipendiados, atraídoados em seus ideais, perseguidos e torturados às raias da loucura, perdem o rumo de seus sonhos e chafurdam no cipoal das dores, da raiva, do desespero, de onde dificilmente conseguem sair.

A hostilidade de que são vítimas os enlouquecem e os aprisionam de vez às lembranças do sofrimento, ligando-os perenemente aos causadores de seu infortúnio.

Deste modo, tudo aquilo que o homem plantar, isto há de colher, segundo as palavras sábias de Jesus, e os homens guindados aos altos cargos de mando e poder que utilizaram isto para perseguir e malsinar aqueles que estavam sob sua tutela, também haveriam de, pelos séculos afora, colher as sementes que haviam plantado.

Com a idade avançada, desprovido agora do amparo de Francisco, que não mais podia livrá-lo de tal colheita, os últimos momentos de Gregório IX na face da Terra, foram se tornando cada vez mais difíceis.

Suas noites eram povoadas de pesadelos. Assim que desdobrava pelo sono, entidades em número incalculável o assediavam cheias de ódio, desejosas de vingança, manejando a palavra ou a própria aparição, com absoluta desenvoltura, manuseando todos os recursos, para infligir ao Papa transtornos os mais variados.

□ Olhe para mim!- gritava um, quase colando seu rosto no dele.- Olhe para mim ! Quero de volta meus olhos, devolva-os, seu monstro!

O rosto sanguinolento onde os olhos haviam desaparecido, dando lugar a dois buracos escuros, se esfregava no rosto dele, em espasmos de revolta.

□ Onde estão os meus braços?- secundava outro, gritando-lhe aos ouvidos palavras de ódio e vingança.

□ Devolva minha filhinha! - implorava uma mulher em total desespero, mostrando-se-lhe em total demência.

□ Quero respirar! gritava um velho, soltando pela boca e nariz um líquido que não parava de correr e que dava a impressão de sufocá-lo.

□ Para onde levou meu coração, seu maldito? gritava um daqueles infelizes, mostrando o peito aberto em jorros de sangue intermináveis.

Deste modo, se contavam aos milhares aqueles que acompanhavam o Papa, onde quer que estivesse, acordado ou dormindo, a que cobrar a colheita das atrocidades pelas quais haviam passado, a querer infligir-lhe os mesmos suplícios dantescos que haviam suportado e que os tinham levado à morte.

Apesar de continuar tudo aparentemente como antes, apesar de superficialmente Gregório IX continuar com suas atividades, procurando tudo controlar a seu bel prazer, ele já não detinha mais o poder de antes.

Seu sono, povoado de visões horríveis, era cada vez mais interrompido ou inexistente, dando lugar a uma perda de forças e de equilíbrio.

Encarcerado nas tramas sinistras que ele próprio entretecera, supondo-se dono das criaturas, ele se convertera em prisioneiro das próprias criações.

Utilizando as vantagens efêmeras que disputava o tempo todo, se transformara em carrasco de muitos e réu confesso de crimes inomináveis.

Pensando em se felicitar com as leis impostas, estas leis se transformavam de minuto a minuto no momentoso rol de indícios a lhe condenarem à sentença dolorosa e longa.

Colhia o fel de sua sementeira ainda em vida, com a presença dos seres invisíveis que só não o trucidavam e matavam, porque a providência divina os impedia.

Ele se assenhoreara da vida de muitos e eles agora se assenhoreavam de sua tranqüilidade, aguardando-lhe o momento da grande viagem, para submetê-lo com os mesmos tormentos que haviam sofrido.

Presumira-se mandante exclusivo de Deus, e julgava-se forte o suficiente para ninguém por-lhe cobro às atitudes, contudo, sentia suas forças se minarem e uma falta de ar constante o martirizava, como único indício do assédio sofrido.

Conquanto aqueles seres em desvalimento e angústia já o buscassem de há muito, somente agora conseguiam um mínimo de efeito às suas arremetidas.

Superestimara os próprios recursos, mas sentia que a morte se avizinhava e tinha a conta da idade os mal estares e os pesadelos que o martirizavam.

Verdade que o que sentia, então, era bem pouco, frente aos males que causara a tantos, sem sequer ter um instante de hesitação.

Convertera milhares de criaturas em vítimas e outros em algozes, sem que este infortúnio roçasse um pouquinho sua consciência.

Imerso nos problemas do poder, arrancara vidas e a felicidade de milhares de seres, e agora obedecia aos

trâmites das leis celestiais, tombando sob o gúante invisível de mãos que o tentavam arrebatam. Usara a liberdade pessoal para perseguir, aprisionar torturar e matar em condições de perversidade extrema milhares de irmãos, em nome de Jesus, e agora bradava nas preces que o Senhor aliviasse seus males e lhe valesse.

Francisco se condoía de ver-lhe a queda precipite e difícil, mas nada mais podia fazer, porque ele sempre fora surdo aos seus apelos.

Sabia que a colheita é obrigatória, conquanto a sementeira seja livre, e escolhendo o caminho escuro da perseguição pertinaz o pontífice cavara a própria sepultura.

Procurava, por todos os modos, com seus auxiliares, tirar aqueles seres do desejo da vingança, para os vôos da angelitude, porém a tarefa hercúlea conseguia pouca realização.

Apesar do seu chamamento de amor, aqueles espíritos sofridos atendiam mais prontamente às trevas, que lhes prometiam uma satisfação filha da vingança e da força.

Ainda assim, não desistia, utilizando sua paciência e bondade, de vez que para ele, todos estavam sofrendo e necessitados de amparo e sustentação.

Ao mesmo tempo em que os tentava auxiliar, se via em luta com os mandatários do poder do mal, inteligentes e persistentes, a lhe criar ciladas à ação.

Fraternal e generoso conseguia vez por outra tirar daquelas malhas sinistras um ou outro espírito, levando-o para as regiões onde se refazeriam, modificando o rumo de sua trajetória de evolução.

Era muito esforço para pouco proveito e vitória.

Denotava um amor incondicional, favorecendo o entendimento na face da Terra, em ambos os planos, e contava com seus discípulos e amigos, bem como com aqueles seres que partiam livres do ódio e do desejo de vingança.

A cada dia que passava revia o périplo da própria existência, visitava os núcleos que se fundavam em seu nome, utilizava seus companheiros encarnados, como Clara, Inês, Pacífica, Egídio e outros, tentando minimizar o sofrimento e acordar as consciências, e sempre estava com o próprio Cristo, que não perdia a esperança na Terra, nem se deixava aturdir com a queda dos seres humanos.

Todos estavam convidados às mudanças necessárias no rumo dos acontecimentos, mas se percebia que era quase impossível modificar o rumo dos acontecimentos e trazer a Humanidade a novas disposições.

Impunha-se, portanto, diligência e cuidado, e o estudo de cada ser, de cada circunstância, com aquela alegria do Pastor que encontra a ovelha perdida e a traz ao redil, ou o retorno do filho pródigo ao lar paterno.

Da mesma forma que Jesus fora ao encontro de Saulo, percebendo-lhe o cerne espiritual, também Francisco não desistira de Hugolino, reconhecendo-lhe a fibra inquebrantável e estimulando da forma que podia sua fonte de bondade, ainda que reconhecesse a cobrança iniciada contra seus delitos e desmandos.

Submetia-se às leis eternas que regem o destino das criaturas, mas prometia a si mesmo jamais desistir de conseguir uma mudança radical em suas atitudes.

Quando o Cristo lhe solicitou que não mais se mostrasse tão ostensivamente a Hugolino, Francisco se ocultou nas sombras, mas continuou trabalhando em prol daquele ser inteligente e determinado mas tão equivocado nas suas escolhas.

Numa destas ocasiões em que a malta dos perseguidores do conde e atual Papa se ampliara de forma descomunal, um dos agentes da Cidade das Trevas procurou Francisco, de forma inesperada.

Primeiro mandou um enviado, para programar um encontro, num campo neutro, onde nem ele, nem Francisco corressem o risco de sofrerem qualquer tipo de ataque, e esperou que o amado de Jesus respondesse ao seu apelo.

Francisco procurou Jesus e o pôs ciente do convite inesperado. Mas o Mestre, que conhecia de sobejo tudo quanto estava ocorrendo em ambos os Planos da Vida, teve um sorriso triste e falou sem afetação:

□ Já era de se esperar que ele agisse assim. Demócenes é astuto e tem um alto sentido de realidade.

Percebe que não lhe convém que Gregório continue sendo assediado da forma como está, mas não consegue dominar a malta que persegue o conde. Interessa-lhe aprisionar as vítimas do mal, para fazê-las joguetes de suas ordens, mas não tem conseguido nem uma coisa, nem outra.

Reconhece que você se preocupa com Gregório e com seus perseguidores, e pensa em tê-lo como aliado.

Tudo leva a crer, que fará algo para uma troca contigo. Entregará algumas vítimas do conde, em troca de uma melhora no estado de saúde deste, para que sua vida dure mais um pouco, até que ele possa ter o comando do sucessor do mesmo.

□ E por que ele precisaria dos meus pobres recursos, Mestre? Não tem sobre seu comando um verdadeiro exército de malfetores e de vítimas, enredadas na vingança a servi-lo? Não bastaria recorrer a estes, para conseguir uma melhora no estado de saúde do pontífice?

□ Se isto fosse suficiente ele não recorreria a ti, Francisco. - falou Jesus com firmeza e tranqüilidade. Deves ir ao encontro dele no local e tempo marcados, e estaremos a postos, para que nenhum mal te aconteça.

Após as palavras de Jesus, Francisco tratou de se reunir com seus amigos e enviou a Demócenes sua resposta afirmativa.

Daí a alguns dias, nas proximidades do palácio episcopal, o santo de Assis se fez presente, confiando nas promessas de Jesus e desejoso de poder algo fazer a benefício de muitos. Ia como um diplomata que procura terminar com uma guerra, impedindo maiores chacinas. Punha sua experiência, seu amor, sua confiança e toda inteligência na ação, esperançoso de conseguir algo de bom, para milhares de seres. Nos jardins do palácio episcopal, aguardou perto de maravilhosa fonte, que derramava seu véu aquoso

num ruído característico, atraindo pássaros e insetos à sua volta.

Sentou-se em um banco e aguardou.

Logo sinistras formas humanas se mostravam ao longo dos muros, guardando a presença de seu chefe, que apareceu, de inopino, diante do santo de Assis, com toda sua ferocidade e aspecto diabólico.

Francisco meditou na evolução humana e procurou ver o que de melhor aquele ser trazia em si, mas reconheceu que a centelha de amor estava muito enterrada, no fundo sombrio daquela individualidade marcante.

Respeitou sua liderança, percebendo que era um privilégio estar diante de um líder daquele porte.

Desejou ardentemente auxiliá-lo também na transformação de um cooperador do mal, para um servidor do Cristo, mas não se enganou quanto à possibilidade de fazê-lo naquele momento.

O ser a sua frente gargalhou de forma sinistra, como se estivesse a ler-lhe a mente, e Francisco esperou que ele falasse.

☐ Não estás curioso com o que te desejo propor?

- falou o espírito alto e forte diante de si.

☐ Eu não estaria aqui não fosse por isto, meu irmão. Fale e eu o escuto.

Sem se deixar mover pela simplicidade do frei, Demóclenes continuou:

☐ Não tentes me comover com teu jeito brando. Conheço-te e sei o perigo que representas para mim.

Quero te entregar cem almas, caso melhores o estado de saúde de Gregório. Preciso dele, para que ainda movimente a máquina das mortes. Tenho colhido a cada dia novos servos, dispostos a tudo, para atingir seus objetivos, e sei o quanto é difícil para ti que eles te ouçam. Mas se eu ordenar eles cairão sob teu amparo e não os livrarei. Não preciso de alguns mais fracos, e posso apressar sua debandada. Não consigo, contudo, melhorar o estado de Hugolino. Mesmo que eu retirasse parte dos que me servem do seu lado, existem milhares que o assediam sem que isto se faça em obediência a mim. Eles o odeiam, ah, como o odeiam. Eu não tomo parte nisto e, mesmo com meu exército, não consigo dominá-los. São como uma praga que ataca a colheita e dizima as plantações, como gafanhotos devoradores e insaciáveis.

Francisco entendeu o que aquele ser pretendia e pensou que ele desejava o bem de todos, e conseqüentemente, também desejava a melhora de Hugolino, mas não somente no físico, senão na parte espiritual.

Prolongar-lhe a vida não era possibilidade sua, embora reconhecesse que o depauperismo não se dava apenas pela idade avançada, senão pela perseguição de suas vítimas.

Claro que se elas ou parte delas, uma que fosse pudesse levar ao local onde se abrigava, estava certo que a distância do grupo poderia modificar-lhe as disposições. Pensou nisto tudo e também na lei que rege os destinos humanos e viu que não podia selar aquele acordo, por mais que visse vantagens nele, para muitos.

Uma tristeza imensa fez com que seus olhos espirituais se enchessem de lágrimas.

O espírito a sua frente, percebeu o sentimento que o dominava e falou persuasivo:

☐ Pense. Você só tem a ganhar. Algumas almas e ainda auxilia seu amigo.

Francisco, contudo, percebeu-lhe a manha e o modo como tentava enredá-lo e lembrou-se de Jesus, diante dos hipócritas e dos seus juizes e como sua brandura lhe impusera ora as respostas mais duras e incisivas, ora o silêncio.

No entanto, o ser diante de si aguardava uma resposta e deixava claro que não lhe daria tempo para pensar e dá-la depois. Então, mentalmente suplicou a Jesus amparasse suas decisões, enquanto falava calma e firmemente:

☐ Demóclenes, meu irmão e amigo, não imagina o quanto aprecio tua oferta e quanto te sou grato. Porém não sou dono da vida de ninguém e não posso acrescentar nem um til à vida alheia, porque dá-la e tirá-la a Deus pertence.

Se aqueles mais fracos te prejudicam a ação, podes entregá-los a mim, e eu os levarei comigo muito grato e feliz. Mas não posso com isto prometer-lhe melhorar a saúde do Pontífice.

☐ Sei de tuas possibilidades de cura e não precisas te fazer de modesto diante de mim, quanto a isto!- falou o chefe das Trevas, de forma dura e cruel.- Ou me ajudas, ou não levarás nenhum contigo, antes tudo farei para aprisioná-los comigo, como escravos dos meus desejos.

O ser diante do santo esperou que ele mudasse sua resposta, mas neste momento ele foi arrebatado pelo Cristo, como se Ele também não lhe permitisse outra resposta.

Com isto, as pioras no estado de saúde do Pontífice foram mais e mais evidentes, bem como seu desequilíbrio, diante das sombras que o envolviam.

Sua colheita era de fel e ele não podia furtar-se a ela, nem ninguém podia valer-lhe, naqueles momentos.

Capítulo xix uma vida secular

Aspirando o mando e a supremacia sobre todos os seres, Hugolino, alçado ao título de Gregório IX, carpia, um século depois do seu nascimento, com uma fragilidade extrema, fruto do estado avançado de velhice e também da colheita que lhe era imposta, os últimos momentos.

Sua vida fora secular, algo notável sob todos os aspectos, e um presente de Deus ao seu espírito inteligente e recalcitrante.

Administrara com mão férrea a palavra para criar cárceres de impiedade e instrumentos de tortura e morte, escrever bulas e leis que haviam levado ao martírio milhares de seres, e continuariam a levá-los pelos séculos afora.

Ele mal conseguia imaginar a colheita cumulativa de suas decisões.

Levantara tribunais e utilizara os recursos da força secular, para se fazer obedecido.

Não lhe bastara induzir o tio Inocêncio III e outros que o seguiam e que o antecederam na malsinada atitude da perseguição e da crueldade. Tratou de garantir que aqueles que se levantassem contra seus decretos, jamais pudessem se erguer contra ele.

Esforçou-se ao máximo, passou noites indormidas, viajou para reuniões infundáveis, fez acordos com potestades da terra e, sem perceber, também se aliou as potestades do mal, que o serviram, mas que também o arrastaram a paroxismos de loucura.

Aspirando o maior título que conhecia de mando religioso, acabou por se esquecer de aliar-se ao Cristo, dentro da própria consciência, como amigo que O obedecesse em tudo.

Dizia reverenciar o Cristo, mas não atendia aos apelos de seu Evangelho de amor.

Varrera praticamente os seguidores daquele amor cristão que Jesus implantara, e estava agora subjugado pelos opositores Dele.

Não se dobrava diante das visões que o assediavam em sono e até mesmo às vezes em vigília.

Não demonstrava medo, frente às vozes que lhe cobravam o sofrimento imposto:

□ Facínora! Assassino! Louco! Hipócrita! Chacal!

Os epítetos e insultos de baixo calão o acordavam em meio ao sono ou o chamavam nos extensos corredores do seu reinado.

Já não viajava de um lado para o outro, a verificar pessoalmente a obediência cega aos seus éditos.

Certificava-se, através de seus prepostos, que estavam sendo cumpridas à risca suas determinações, com uma memória invejável, mas a fraqueza do corpo se impunha, nas pernas frágeis, nas dores musculares que o assediavam.

Negava-se a se entregar àqueles espíritos que ele julgava perversos, negando que muitos estavam numa atitude de vingança por haverem sido seviciados indiretamente por ele.

Não parava um minuto para meditar que havia endurecido seu coração para com todos, e agora colhia o fruto amargo de suas próprias ações.

Silenciava diante das provocações daqueles seres, como se lhes estivesse acima, pela própria conduta.

Entretanto, conquanto se supusesse acima deles, uma simples e verdadeira análise da situação, demonstraria quão apequenado ele se encontrava e como descera na escala evolutiva, com suas desabridas atitudes de soberba, orgulho e hostilidade.

Onde a caridade pregada por Jesus? Onde a bondade, a tolerância, o amor, e todas as virtudes enobrecidas no Sermão da Montanha?

Que fizera ele da beneficência, que os monges mendicantes exerciam, fugindo a suntuosidade do trono papal ?

Onde a consolação evangélica e a certeza na imortalidade da alma?

O que fizera, ele e seus vassallos, das exortações ao bem e do entendimento da Imortalidade?

Gregório IX não queria saber, julgava-se acima do julgamento do mundo e de Deus.

Assegurara o extermínio de milhares e a formalização dos Tribunais do Santo Ofício.

Considerava que podia morrer, porque consolidara as leis que julgava necessárias e gabava-se de haver feito tudo por tal forma bem feito, que ninguém poderia destruir-lhe a obra.

Assim também os mandatários das trevas, consideravam que lhe deviam muito, e o cobriam das vãs glórias das conquistas mundanas, esboçando manifestações de admiração para com ele.

Porém, onde estavam seus amigos? Onde aqueles que lhe trouxessem algum conforto espiritual, a amizade, a lealdade, filha da bondade, onde os companheiros que pudessem, naqueles últimos dias de vida terrena, compartilhar com alegria sua presença?

Via-se cercado de gente interesseira, alguns já a lhe augurar a morte para logo.

Reverenciava o Cristo, mas não O sentia presente, ao seu lado, como percebera Sua presença ao lado de Francisco, Clara, Inês, Egidio e outros.

Sentia-se, isto sim, cercado de carrascos e algozes, que só o buscavam para conseguir maiores poderes, a fim de exercer sua perversa ação.

Não encontrava prazer em coisa alguma.

Os alimentos pareciam haver perdido o sabor, a noite, reservada para o sono, era povoada de pesadelos e visões dantescas, penoso era seu caminhar, seu corpo se vergava ao peso da idade, e não encontrava mais nenhum prazer em nada do que fazia, do que usufruía, do que se passava à sua volta.

A própria fé parecia um traste inútil, como um cadáver que carregasse por dentro.

□ Francisco!- bradava em pensamento, buscando um refrigério a sua situação.

Mas a resposta era o gargalhar e os gemidos e lamentos de milhares de seres que o cercavam.

Demócles sentia que a breve tempo o Pontífice deixaria a Terra, e esperava que se pudessem aliar na continuidade do morticínio e maldades impetradas, mas sabia que uma malta de seres o aguardava para torturá-lo pelo que haviam passado.

Queria prolongar-lhe a existência, mas, por maiores fossem seus conhecimentos e as urdiduras que planejava, bem como seus conhecimentos, percebia que o Papa lhe escapava ao domínio, pela porta da morte.

A firmeza do Pontífice dava lugar a aflição e desencanto com o poder.

As primeiras crises morais lhe repontavam na alma. Vezes sem conta concluía que impetrara perseguições gratuitas.

Sentia os braços de Maria a envolvê-lo, entre os lençóis, como a lhe cobrar os favores carnavais.

Às vezes ouvia a cobrança de antigas promessas nunca cumpridas, ou perguntas incisivas a lhe

martelarem os ouvidos.

Sabia que a morte chegava inexorável, mas nunca a temera antes.

Agora, contudo, não conseguia conciliar as sensações e fatos com a idéia de um céu beatífico a lhe esperar a alma.

Aquele céu lhe parecia algo infantil e de certa forma ridículo.

Chegou a pensar seriamente que a morte seria o fim de tudo, mas, nestas horas de desalento e descrença, em que tudo lhe fugia das mãos, olhava para o relicário com o sangue de Francisco e ficava cheio de dúvidas.

Começou a desejar a morte, apesar de reconhecer que ela não estava a lhe prometer a felicidade que julgava ser seu mérito.

Parecia que todos conspiravam contra ele, em ambos os planos da vida.

Certa vez, se viu frente a frente com Demóclenes, e ficou assustado com aquela aparição, tão diferente dos encontros com o homem de Assis.

□ Quem sois, demônio? O que vens fazer na Casa de Deus?

A entidade altamente inteligente gargalhou sinistra e respondeu-lhe:

□ Ora, Gregório, não me reconheces? Sou teu amigo e confidente, teu sócio nas empreitadas, teu aliado e cúmplice. Não finja que não me conheces. Temos sido companheiros de longa data, e venho te auxiliando não apenas a galgar os postos de mando, mas a exercer tua autoridade sem clemência.

Gregório queria contestá-lo, dizer que não sabia quem ele era, mas sentia por dentro de si que aquelas palavras correspondiam à Verdade.

□ Ninguém me dá ordens, a ninguém me submeto! - falou soberbo.

Mas Demóclenes não parecia importar-se com o alto cargo que o pontífice exercia, nem com o ouro e servos a disposição daquele que se dizia sucessor de Pedro.

□ Cala-te! Estás ficando velho e já não serves aos meus propósitos. Trata de ficar mais tempo entre os homens, para que eu não precise substituí-lo logo. Apesar de que tenho já alguém ainda mais forte do que tu mesmo. Ele há de submeter Frederico II, ele vai instituir as regras da tortura, finalmente, e então veremos se Jesus consegue trazer novas disposições à Humanidade!

Gregório estremeceu. Aquele ser era seu servo, seu sócio, ou seu senhor? Onde andava Francisco a quem chamara e a quem não via há tanto tempo?

Não se abalancaria a visitar as irmãs pobres, como outrora, que tanto lhe haviam valido, porque as forças lhe faltavam e aqueles que o cercavam andavam cochichando às suas costas que ele estava senil, e como aves agourentas aguardavam sua morte.

Quis reptar o mentor das trevas, mas o olhar que este lhe enviou dizia francamente que não estava em condições de reação diante dele.

Para não lhe sofrer ainda mais a interferência, buscou acreditar que tudo o que estava acontecendo era devido a idade avançada, que as pessoas estariam com a razão ao declará-lo senil, que seu corpo não mais o obedecia, que sua mente se enevoava de imagens perniciosas, fruto da velhice.

Desejou a morte, acreditando que ela lhe ofereceria descanso e talvez, quem sabe, o paraíso, porque dedicara toda sua vida a serviço da Igreja, e, portanto, Jesus haveria de reservar-lhe um lugar junto de si. Francisco assistia muitas vezes aqueles transes difíceis, mas sabia que, apesar de dolorosos, outros mais viriam na colheita obrigatória e que o sumo pontífice tivera quase cem anos para trabalhar pelo bem e fizera o contrário.

Aquele sofrimento que se iniciava era o esforço preciso para depois ele poder iniciar a subida, porque descera no sorvedouro do mal, nos abismos da crueldade, e era natural que sentisse o negror das regiões onde caem as almas que chafurdam no mal.

O pranto de Hugolino, na solidão de seu quarto, por isto, era o desabrochar do remorso, caminho de retorno ao redil de Jesus, e, por isto, conquanto sofresse junto ao Pontífice, percebia que finalmente se iniciava ali a possibilidade de reerguimento moral.

Não podia socorrê-lo, como gostaria, nem albergá-lo junto ao coração, como fizera com Inocêncio III, porque isto não lhe era permitido, naquele momento.

A lição do Cristo era o fator equilibrante, e era mister que Hugolino meditasse nela e reconhecesse que jamais a aprendera ou utilizara em todo o longo percurso da vida física.

□ Francisco, meu Pai, o que foi que eu fiz? perguntava em voz alta, como se falando alto o santo o pudesse ouvir e responder.

Mas cavara tamanho fosso entre ele e as entidades celestiais, que era impossível chegar-se a ele, embora tudo fizessem para protegê-lo das sinistras entidades que o assediavam.

Vez por outra um leve perfume de jasmim o envolvia, dando alívio a tenaz perseguição de que era vítima, mas que bem longe estava de se igualar àquela que ele iniciara.

Era forçado a não olvidar que Francisco o chamara inúmeras vezes a uma mudança de atitude, sem ser levado em conta.

Além das lágrimas que o visitavam na solidão, por primeira vez, aprendia a pensar mais profundamente nos acontecimentos de sua longa vida.

Fizera grandes mudanças superficiais no campo religioso, refletindo o próprio modo de ser e pensar, agora era convidado a promover uma mudança interior em si mesmo, forçado por circunstâncias que desconhecia e das quais não conseguia se subtrair.

Consequira tantas vantagens, mas agora refletia que elas eram efêmeras e enganosas.

O infortúnio daquelas aparições era mais verdadeiro do que a presença dos que o serviam e bajulavam, com falsas demonstrações de apreço e respeito.

E aquele ser que lhe falava de igual para igual, cobrando-lhe serviço e obediência? Como sabia seu nome, antes de ouvi-lo pronunciar?

Demóclenes. Demóclenes. Aquilo era real, aquele ser, ele o conhecia, ou estava mesmo ficando senil. Afinal o nome tinha o mesmo início da palavra Demônio, xingamento com o qual seus acusadores o nomeavam.

Devia ser isto, uma cilada de sua mente, já que perseguira o demônio toda a vida, ou era ele quem agora o perseguia?

Revirava seus papéis, mandava buscar suas anotações, os documentos, as decisões dos concílios.

Estava apoplético, ao final, pois tentara realizar um concílio em Roma, onde pudesse tomar as resoluções contra Frederico II, e este mandara suas esquadras e aprisionara cem membros do concílio, exigindo várias mudanças e esvaziara o próprio concílio, que contra ele se erguera.

Como aquele jovem monarca, depois de ter se curvado diante dele, de ter montado uma Cruzada, se desculpava com a doença que atacara seus exércitos e não mais o obedecia, ainda ousava erguer a voz, para não reconhecer nele o representante de Jesus, na face da Terra?

A irritação trazia-lhe ondas de calor e mal estares.

Temiam seus subalternos que ele viesse a morrer, de repente, em decorrência disto.

E aquele demônio que se intitulara Demóclenes ainda zombara dele, afirmando que outro lhe tomaria o lugar e que este sim daria conta do monarca?

Melhor morrer, dar cabo de vez de seu sofrimento e das zombarias e acusações que estava sendo alvo.

Deveria estar sendo provado como Jó em sua fé, mas mostraria novamente o seu valor.

A velha águia estava no fim de suas forças. Enaltecia a si mesmo, mas o cenário em que se inseria desmentia sua supremacia.

Uma vida secular, fora seu presente, uma vida em meio à nobreza, entre os intelectuais e artistas de sua época, convivendo com aqueles que ele mesmo beatificara, e agora, ao final, se perguntava se valera a pena.

Mas, ao revirar das páginas que a memória registrara, reconhecia que faria tudo de novo, se tivesse a oportunidade de recomeçar.

E, pela cegueira espiritual em que imergira, ninguém podia valer-lhe por hora.

Fizera-se surdo e cego ao chamamento de amor, clamava agora e a resposta era as acusações de suas vítimas e o desprezo de seus cúmplices.

Uma vida secular, que parecera brilhante aos olhos do mundo, terminava ali, enquanto no Plano Espiritual começava uma longa jornada em busca da própria redenção.

Capítulo xx o rei dos reis

Foram muitos anos de sofrimento, cercado pelas vítimas.

Por duas vezes Hugolino teve que reencarnar, para fugir à sanha de seus perseguidores, oculto pelo Plano Maior, a fim de que pudesse ir se recuperando. Vidas difíceis e sacrificiais, entre pessoas que não o amavam, não lhe compreendiam os temores noturnos, as dificuldades de raciocínio e o pendor para a introspecção e isolamento.

Somente estas experiências nos tomariam compêndios de observação e anotações preciosas, porém, mister se faz apenas observar que o reerguimento de Hugolino até que foi rápido, se tivermos em conta que a Eternidade é infinita e o tamanho de seus crimes foi dantesco e terrífico.

Vamos encontrá-lo no século XVII, já parcialmente recuperado, trabalhando como médico, em família nobre e respeitável, amparando um grupo de ciganos, cuja história está contada no livro Cíntia e Cassandra, como o médico Gutierrez.

Daí para frente todos os esforços foram dispendidos por ele, no sentido de modificar para sempre suas atitudes, de incorporar-se realmente como um dos trabalhadores por um Mundo Melhor, sob o amparo de Jesus.

Sua redenção demoraria um tempo relativamente curto, se pensarmos na extensão de seus crimes, e também na dificuldade que os espíritos encontram, para modificar antigos hábitos arraigados em suas individualidades imperecíveis.

Claro que ele contou sempre com o amparo de Francisco de Assis, de Clara, de Inês, e de toda uma plêiade de amigos que tudo fizeram, no sentido de erguê-lo das sombras para a luz, da perda de seus dons intelectuais, para o voo da plenitude de seu valor.

De seus antigos cúmplices somente uns poucos permaneceram ao seu lado, tentando também o soerguimento de seus espíritos, e, entre esses, o seu tio, antigo Papa Inocêncio III, Reinaldo de Vitry, Jacques e alguns servos mais humildes do palácio episcopal, que o amavam sinceramente e que jamais haviam sido valorizados por ele.

Não obstante o grande caudal de erros cometidos, no vulcão de incertezas e amarguras em que se viu lançado, após a morte, ele jamais esqueceu a figura de Francisco. Suas exortações agora tinham uma dimensão maior.

A cobrança de suas vítimas, lideradas por Demóclenes, os sortilégios e torturas de que se via vítima, faziam raciocinar em termos bem diferentes daqueles em que se detivera por um século de existência.

□ Afasta-te de mim, Satanás!- gritava apoplético o antigo Papa, diante daquela figura que ele se lembrava de ter visto, ainda no corpo físico.

Demóclenes ria, gargalhava sinistramente, respondendo:

□ E agora, demônio? Onde está teu poder? Jurei que me vingaria. Aqui não podes com teu ouro comprar juízes e testemunhas, nem podes te livrar dos castigos que te aguardam. A vida continua e hei de fazer-te

pagar bem caro todo o mal que me fizeste, e aos meus entes queridos. Jurei que me vingaria e ninguém te furtará à minha ira. Chamas-me de Satanás. Nem sei se Satanás existe, mas eu não me importaria de me tornar o próprio demônio, para saciar minha sede de vingança.

Seguiam-se sevícias e torturas infligidas ao antigo pontífice de forma inenarrável.

Por duas vezes ele foi arrebatado do local onde havia sido feito prisioneiro, numa charneca imunda e fétida, úmida e escura, e levado à reencarnação compulsória, onde trouxe as mazelas do seu corpo perispiritual.

Criança sofria os desconfortos do corpo chagado, da mente obliterada por visões e pesadelos e do corpo que não lhe obedecia aos impulsos motores.

Nascido junto a pessoas que não o amavam e não o compreendiam, apesar do percurso curto, suas duas existências foram sacrificadas e duras.

Infelizmente neste livro não podemos nos alongar a contar os detalhes destas experiências difíceis, ao lado de espíritos que chegavam a odiá-lo, pois haviam sido vítimas dele em passado recente.

É impressionante que o encontremos no século XVII, já refeito do longo rol de crimes que houvera praticado, quando fora Gregório IX, na figura de Gutierrez, um médico espanhol, a amparar a todos com seu modo nobre de ser e de pensar, na Espanha, amparando um grupo de mendigos.*

Queremos nos reportar ao ponto de encontro deste espírito consigo mesmo, do instante máximo de sua conversão e das mudanças que importaria ao seu roteiro de vidas.

Dissemos que ele tivera duas vidas difíceis. Na última delas, mendigando em Roma, próximo ao palácio episcopal, tarefa que exercia por imposição de sua família, tendo que lhes levar todo o produto de seu esforço, foi abordado por um grupo de rapazes de má índole, que sempre o estavam importunando, com caçoadas e pedras.

Vendo o bando que se aproximava, tratou de erguer-se do local onde ficava sempre, e pensou em correr, mas as pernas frágeis e defeituosas não lhe propiciaram meios de fugir.

Aquele dia, especialmente, o chefe do grupo estava tremendamente alcoolizado e, envolvido por entidades que desejavam causar ao mendigo sofrimentos maiores, por haverem finalmente encontrado ali o antigo causador de seus infortúnios, aproximou-se dele, com desejos de vingança.

☐ Vamos levá-lo conosco! -falava um gargalhando.

☐ Não o deixem fugir. Segura-o, Alcamenes.

☐ Passa-me a corda, Paulo. - dizia outro rindo de tanta bebedeira e manietando o pobre mendigo com ela.

☐ Vamos nos divertir. - falava outro, puxando o pobre rapaz que sentia um medo espantoso se apoderar dele, reconhecendo os vultos que acompanhavam o grupo alegre e barulhento.

Aos poucos foram puxando o moço que andava com dificuldade e volta e meia caía no passeio público, machucando-se.

Após um bom tempo em que ficaram batendo e cutucando o rapaz, chamando-o de nomes os mais aviltantes, um dos moços cochichou algo ao ouvido do outro.

☐ Jesus, me ajuda! - bradava o pobre assustadíssimo, percebendo que dificilmente sairia das mãos de seus algozes, na brincadeira em que se atinham, já que ninguém vinha em seu socorro.

Os passantes preferiam não se envolver, pensando que o mendigo houvesse feito algo de errado, como, por exemplo, se apossar de algum objeto dos rapazes.

Preferiam não se meter naquilo e os deixavam a larga, com o divertimento que haviam encontrado.

☐ Ah! Ele clama por Jesus!- falou um dos moços rindo muito, envolto pela própria figura de Demóclenes que havia finalmente encontrado o antigo Papa, encarnado como o mendigo da via pública.

☐ Tenho uma idéia genial! Vamos levá-lo conosco.

Os moços logo aderiram ao comando do jovem em questão, envolvidos pelo álcool e pela turba de entidades que ali se faziam presentes.

Não adiantou ao pobre mendigo gritar, espernear e tentar livrar-se de seus perseguidores.

Foi sendo levado por eles, aos trancos e barrancos, para fora da cidade, rumo a uma das colinas mais altas do lugar.

Ele os seguia, tentando escapar sem conseguir e machucando-se na subida.

No alto, pararam em busca de material com o que seviria-lo como pretendiam e porquê o pobre clamasse muitas vezes, chamando o nome de Jesus, resolveram crucificá-lo.

Para tanto, encontraram troncos abandonados no cimo, como se ali tivessem sido postados de propósito.

Com cordas trataram de prendê-lo com os braços abertos.

Buscaram então pregos para pregá-lo às traves rústicas formadas pelos troncos.

Prenderam os mesmos num local alto, e riam aos gritos desesperados do mendigo.

O pobre suplicava, implorando sempre por Jesus.

Um dos rapazes correu a buscar uma tábua que servisse de placa e com o próprio sangue do mendigo a escorrer escreveu nela a frase célebre *INRI, REX JUDEARUM*. Jesus Cristo, rei dos judeus.

☐ Como é, meu rei, o que ordena?

☐ Fale que estamos prontos a obedecê-lo em tudo!

-gargalhava outro.

Quando pregaram pregos nas mãos e pés do infeliz e o lancetaram com um objeto pontiagudo, ele deu um grito de dor e desfaleceu.

Somente então os três mancebos se assustaram e caíram em si do mal que estavam cometendo e saíram a correr.

Fosse pelo desfalecimento, pela dor ou porque o haviam atingido mortalmente, o pobre mendigo, com dores lancinantes, começou a estremecer preso àquela cruz improvisada.

Com o chacoalhar de seu corpo a placa colocada sobre sua cabeça foi deslizando e ficou em seu abdômen, enquanto ao madeiro caía para trás, ainda mantendo-o prisioneiro.

O antigo Papa, com outro corpo, agora chagado pelos maus tratos dos rapazes inconseqüentes, sentiu-se arrojado ao solo.

Viu quando um homem simples, porém que irradiava imensa luz se aproximou dele, segurando a inscrição e soltando-o suavemente do tronco.

Não sabia de onde conhecia aquele padre, mas agradeceu a Deus que ele o viesse salvar da sanha de seus algozes.

Nimbado de luz a entidade que não era outro senão o próprio Francisco de Assis, aconchegou-o ao colo falando docemente:

□ Procuraste tanto o poder, meu amigo, mas hoje te libertas, recebendo o título de Rei dos Reis.

A figura do Cristo caminhou até ele, e então o antigo Papa sentiu que finalmente encontrava alguém para ensiná-lo a servir e a amar.

O corpo do mendigo ficou ali, com a inscrição sobre ele, como a lhe lembrar o alto preço cobrado ao ser mais evoluído da face da Terra, e a se condoer de todos os que buscam a supremacia do poder no mundo. Seu espírito imortal não mais podia sofrer a perseguição da turba infeliz, pois seu sofrimento na mão dos inconseqüentes rapazes, sob sua influência o libertou de vez dela.

A partir daí aquele espírito que conhecêramos como o antigo nobre e cardeal bispo Hugolino de Segni, o Papa que instituiu a Santa Inquisição, começou seu caminho de ascensão e redenção, com o amparo de seus benfeitores e amigos, buscando os antigos adversários, aceitando as lições da Vida, buscando soluções diferentes das do passado, com lágrimas que o purificaram e marcando o seu caminhar pelas experiências luminosas daqueles que se tornam trabalhadores do bem.

Foi tamanha sua transformação que o madeiro colocado sobre sua cabeça, com a inscrição em sangue, passou a ser o troféu da liberdade. Afinal, com a dor ele entendia o significado daquela inscrição.

I.N.R.I, rei dos reis.

Era a este rei que ele passaria a servir, a amar, a reverenciar e por Ele a lutar.

Por isto, ao caminhar para o cadafalso, no dia 21 de abril de 1792, na cidade do Rio de Janeiro, ao ver a força descomunal, ele pensou:

□ O que é a força, senão a cruz do Cristo partida ao meio?

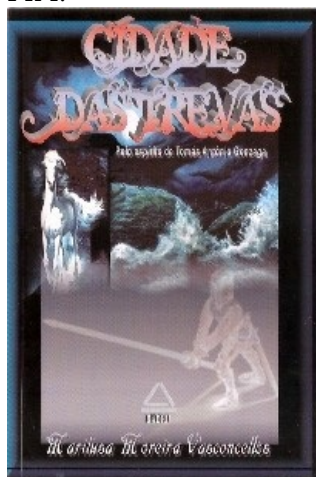
Somente no ano 1848 o Papa Pio X ordena a destruição dos instrumentos de tortura da Santa Inquisição, mas aquele que a instituía já se libertara de seus débitos.

Ele passara a servir ao Rei dos reis.

Gregório IX, Tiradentes.

*** Parte desta vida passada de nosso Tiradentes, antigo Gregório IX está inserida no livro Cíntia e Cassandra do mesmo autor.**

FIM.



16 - Cidade das Trevas

História extensa e impressionante que remonta à época de Alexandre o Magno na Macedônia até os dias atuais. Maravilhoso.

Obras já lançadas pelo espírito de TOMÁS ANTONIO GONZAGA



01 - Confidências de um Inconfidente

O inesquecível romance que conta em pormenores as tramas espirituais da Inconfidência Mineira. Pelo espírito de Tomás Antônio Gonzaga, com novas e surpreendentes revelações

02 - A Moça da Ilha

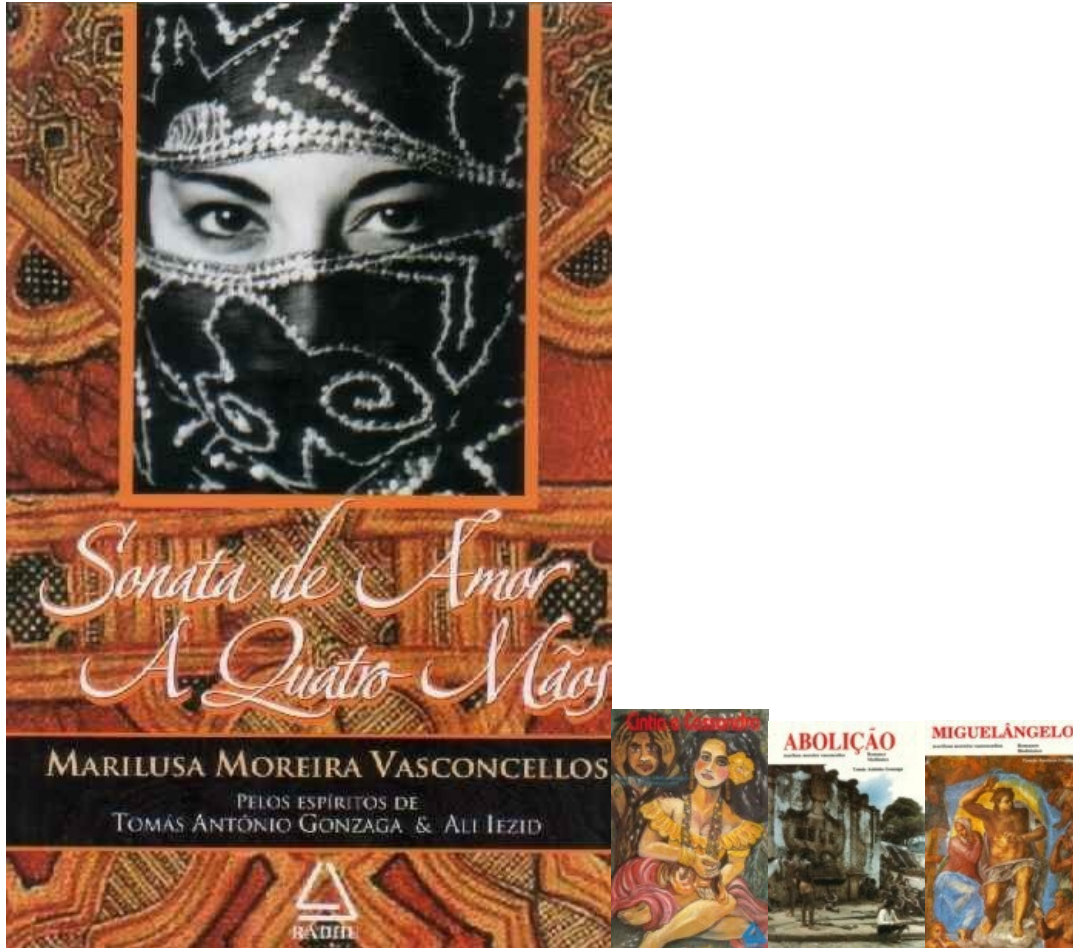
Retorno no tempo, para o reencontro no século I da era Cristã com os membros partícipes da Inconfidência Mineira. Pelo espírito de Tomás Antônio Gonzaga.

03 - De Mário a Tiradentes

As tramas reencarnatórias dos inconfidentes mineiros, remontando ao século II, antes de Cristo.

04 - Sonata de Amor a 4 mãos

Um romance de profunda beleza, pela pena inigualável de Malba Tahan. Um transbordar de ternura com evidente ensino



doutrinário, num cenário da mil e uma noites, com 103 líras do dr. Tomás A. Gonzaga - Marilusa Moreira Vasconcellos.

05 - Cíntia e Cassandra

O retorno do espírito do dr. Tomás Antônio Gonzaga, relatando o romance que fora prometido no livro "Confidências de um Inconfidente" em cenários da Espanha.

06 - Abolição

Um livro polêmico e emocionante, onde se vê a luta nos dois planos da vida, pelas leis que lavassem a mácula da brasileira, libertando irmãos massacrados. Com o grupo inconfidente, narrativa de Tomás A. Gonzaga. consciência queridos e

07 - Miguelângelo

Pela pena do espírito de Tomás Antonio Gonzaga, os dramas, a autenticidade, a graça de Aleijadinho, na Itália, cheia de encantos e lutas pelo poder.



08 - Inconfidência de uma Confidente

Relatos interessantes e graciosos sobre a experiência mediúnica de MoreiraVasconcellos durante a do livro Confidências de um Inconfidente. Marilusa recepção

09 - Uma Mulher Chamada Tii

Thomaz Antonio Gonzaga e Cesar Vannucci se unem para contar neste romance a Saga de uma princesa egípcia e o amargo despertar no século XX.

10 - Sem Tempo para Chorar

Baseado em fatos reais, as lutas de uma mulher por seus ideais, contextualizada na Rússia, por Tomás Antônio Gonzaga e Léon Tolstói de Marilusa Moreira Vasconcellos.



11 - Acaiaca

Impressionante relato relacionado ao último período do Império Inca. Uma nova luz sobre os acontecimentos História da Humanidade Moreira Vasconcellos. marcantes da

de Marilusa

12 - Meu Filho se Drogava

Romance das lutas familiares para que os filhos se libertem do jugo das drogas. Oportuno, atual, emocionante de Marilusa Moreira Vasconcellos.

13 - O Filho do Silvério

Na época da Inconfidência, uma criança chega ao mundo, e sua trajetória de tragédias, dramas, mistérios e lutas, deixa um rastro de luz e de beleza.

14 - As Cruzadas

De um dos períodos mais negros da humanidade, surge este romance, envolvendo líderes da Inconfidência e da Revolução Francesa, ligados ao grande Francisco de Assis.